UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TURISMO - PPGTUR
MESTRADO ACADÊMICO EM TURISMO

TURISMO, EVENTOS E ETNICIDADE: FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE NOVA PETRÓPOLIS - RS - BRASIL

LUCIANE ROSELI SCHOMMER

CAXIAS DO SUL
2013

LUCIANE ROSELI SCHOMMER

TURISMO, EVENTOS E ETNICIDADE: FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE NOVA PETRÓPOLIS - RS - BRASIL

Dissertação do Curso de Mestrado em Turismo apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Susana Gastal

CAXIAS DO SUL
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S369t Schommer, Luciane Roseli, 1963-
Turismo, eventos e etnicidade : festival internacional do folclore Nova Petrópolis – RS - Brasil / Luciane Roseli Schommer. – 2013.
177 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2013.
Orientador: Profa. Dra. Susana Gastal.

1. Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis. 2. Festas folclóricas – Rio Grande do Sul. 3. Etnicismo. 4. Turismo – Nova Petrópolis (RS). I. Título.

CDU 2. ed.: 338.48(811.4)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis	394.24(816.5)
2. Festas folclóricas – Rio Grande do Sul	394.2(816.5)
3. Etnicismo	39
4. Turismo cultural – Nova Petrópolis (RS)	338.48-6:7/8(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

"Turismo, eventos e etnicidade: Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis - RS - Brasil"

Luciane Roseli Schommer

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 08 de agosto de 2013.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Edegar Luis Tomazzoni
Universidade de São Paulo

Aos meus filhos, Paola e Klaus, fonte de inspiração e motivo para superação.

AGRADECIMENTOS

Ao grande amor da minha vida, Alvaro Benevenuto Jr., pela paciência, pelo incentivo e coragem para que eu conseguisse cruzar este mar revolto em busca do conhecimento.

Aos meus filhos Paola e Klaus, meus maiores tesouros, que foram privados de vários momentos de convivência familiar, mas estiveram presentes, dando todo o apoio e carinho para que eu conseguisse realizar este desejo.

Àquela que me alfabetizou para a vida e semeou em mim o anseio pelo conhecimento, minha mãe, Lucila Anna Neumann Schommer (*In memoriam*) e meu pai, Bertilo Schommer (*In memoriam*) que, na sua grandiosa sabedoria, deixou suas marcas da generosidade, da humildade e da hospitalidade e, assim, me fez uma pessoa melhor.

A toda a minha família (irmãos, primos, sobrinhos, tios), que acreditou e torceu para que esse desejo se transformasse em realidade.

Aos meus amigos, que torceram e apoiaram-me para que eu seguisse em frente.

À Professora Dra. Liliane Stanisçuaski Guterres, que me apoiou e apontou os passos para a elaboração do projeto de qualificação.

A todos os Professores do Programa de Mestrado em Turismo, pelos valiosos ensinamentos.

À minha orientadora, Dra. Susana Gastal, pelas orientações prestadas e por partilhar seus conhecimentos. Agradeço a dedicação, o carinho e o incentivo para que eu concluísse esta jornada com êxito.

RESUMO

Este estudo tem como tema central a busca por uma maior e melhor compreensão do Festival Internacional do Folclore (FIF), que se realiza anualmente em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, Brasil, colocando-o em diálogo com o turismo, as memórias locais e a etnicidade. Busca-se perceber se o FIF, ao longo das suas 40 edições, teria contribuído para a preservação da memória local, ao mesmo tempo em que incentivaria uma nova memória social do lugar. Para a condução da pesquisa, optou-se pelo viés qualitativo com suporte metodológico na história oral, por se entender que este é o caminho para a interpretação das experiências instauradas e vividas pelos participantes, assim como para o reconhecimento das diversas vozes relacionadas com o Festival. Os dados foram colhidos através de revisão bibliográfica, pesquisa documental e de campo, na forma de entrevistas e observação participante. Buscou-se aproximar a área teórica do turismo e dos eventos, considerando o contexto da história do turismo e do FIF em Nova Petrópolis. Na análise destes temas, afloraram diálogos e (inter) relações que indicam a preservação da memória local, mas se evidencia a construção de novas memórias, especialmente aquelas associadas à *germanidade*, imaginário que, uma vez criado e projetado na comunidade, estaria contribuindo para a construção de uma identidade e um sentimento de pertencimento e identidade de Nova Petrópolis, a ela associados.

Palavras-chave: Turismo. Eventos. Germanidade. Festival Internacional do Folclore. Nova Petrópolis - Rio Grande do Sul - Brasil.

ABSTRACT

The main theme of this study is the search for a bigger and better understanding of the International Folklore Festival (FIF – Festival Internacional de Folclore), which takes place annually in Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, Brazil; connecting it with tourism, local memories and ethnicity. It tries to discover if FIF, during its forty editions, has contributed to the preservation of the local memory and, at the same time, encouraged the creation of a new social memory from the region. To conduct this research, a qualitative method was chosen, supported in the oral history, since this is the way to interpret the experiences lived by its participants, such as the recognition from the several voices related to the Festival. The data were collected through bibliographic revision, document and field research as interviews and participant observation. This study tried to approximate the theory field to tourism and events, considering the historic background from tourism and FIF in Nova Petrópolis. In the analysis of these themes, dialogues and (inter)relations that indicate the local memory preservation stand out, however the construction of new memories are evident, especially those related to germanness, an imaginary that once created and constructed in the community, would be contributing to an identity construction and a belonging and identity feeling from Nova Petrópolis, related to it.

Key words: Tourism, Events, Germanness, International Folklore Festival from Nova Petrópolis - Rio Grande do Sul - Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO....9
2 TURISMO, EVENTOS E ETNICIDADE....13
2.1 Turismo 13
2.1.1 Turismo cultural....20
2.2 Eventos 24
2.2.1 Classificação dos eventos....27
2.2.2 Gestão estratégica dos eventos....31
2.3 Etnicidade no contexto turístico 35
3 A PESQUISA E SUAS ESPECIFICIDADES....41
3.1 Memória 41
3.1.1 Memória coletiva....44
3.2 A memória e o método 47
3.2.1 Projeto de pesquisa....50
3.2.2 As técnicas de pesquisa....52
3.2.2.1 Dialogando com a Antropologia....53
3.2.2.2 A entrevista....54
3.2.2.3 Observação participante....59
3.2.2.4 A pesquisa documental....60
4 NOVA PETRÓPOLIS E SEU FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE....62
4.1 Germanidade como legado: Nova Petrópolis 62
4.1.1 O contexto histórico....66
4.1.2 Um olhar sobre Nova Petrópolis hoje - 2012....79
4.1.3 O Turismo como vocação....82
4.1.3.1 Parque temático: germanidade presente....92
4.2 Germanidade como temática: Festival Internacional do Folclore 96
4.2.1 Momento fundador: 1973 a 1984....97
4.2.2 Momento do crescimento e adolescência - 1985 a 1998....105
4.2.3 Momento da maturidade: avanços e crises - 1999 a 2011....115
4.2.4 O Festival Internacional do Folclore dos 40 anos - 2012....124
4.2.5 Gestão do Festival do Folclore....133
4.3 Outras vozes sobre o FIF 137
4.3.1 FIF: Diálogos (des)construídos entre memória, germanidade e turismo..142
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS....151
REFERÊNCIAS....158
APÊNDICES....167

1 INTRODUÇÃO

A pesquisadora e a pesquisa

As motivações para a realização desta pesquisa estão relacionadas à minha trajetória pessoal e profissional. Entendo ser importante que o meu leitor conheça um pouco da minha história e compreenda a relação que estabeleço com Nova Petrópolis, onde nasci e moro.

Nesta cidade vivi a infância e adolescência, significando a maior parte da minha vida. Foram somente quinze anos de saída e morada fora do município. Ao retornar para a minha terra natal, em 1997, o turismo surgiu como uma nova e instigante opção na minha trajetória profissional. Deparei-me com um segmento de mercado promissor e a possibilidade de atuar profissionalmente gerou as condições para que eu criasse, em 1998, a Serrasul Eventos, Comunicação e Turismo, empresa da qual sou diretora até hoje. Ao longo desses anos, a sede e o desejo pelo conhecimento, especialmente no setor de turismo e eventos, impulsionam-me a realizar a Especialização em Planejamento e Estratégia de Eventos em 1997, na UCS, e o Mestrado em Turismo na mesma instituição.

Instiga-me estudar e compreender, sob o olhar da ciência, como se estabelecem os diálogos entre memória, turismo e etnicidade. Qual a imagem que está sendo construída neste lugar? Como as pessoas desta comunidade percebem este processo?

Esta curiosidade científica parte, também, da minha formação profissional, bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Carrego uma inquietação constante em perceber como se estabelecem estes fluxos de informação, as relações e os movimentos para a construção do imaginário local.

Como profissional atuante no segmento do turismo desta comunidade, me propus ao desafiador papel de pesquisadora em meio a este processo e neste lugar, buscando uma postura de vigilância epistemológica constante. Compreendo que, no trabalho de campo, não seria possível estabelecer uma posição de pesquisadora neutra, pois se trata de uma (inter) relação entre pesquisados e pesquisadora. Os

vínculos estabelecidos anteriormente constroem imagens dos entrevistados, dos observados e da pesquisadora. Consciente deste contexto, optei pela metodologia de observação participante, complementando com a memória oral, através das técnicas de entrevistas e participação direta no contexto local, as quais me fornecem uma maior flexibilidade sobre este ser e estar pesquisadora neste lugar.

Postas as considerações iniciais, a escolha por pesquisar o Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis (FIF), que ocorre anualmente no município de Nova Petrópolis, RS, de forma consecutiva nos últimos 40 anos, permitiu uma imersão pessoal, sob as lentes e critérios da ciência, que levou à reflexão sobre as relações que ali se estabelecem entre a construção das memórias, individuais e coletivas. O estudo buscou compreender os diálogos estabelecidos entre as memórias, a etnicidade e o turismo promovido no local.

O município realiza o Festival Internacional do Folclore e incentiva outras manifestações culturais, com ênfase naquelas que expressem a germanidade, o que leva à presença e à ampla atividade de 20 grupos de danças folclóricas, 14 bandinhas típicas e 61 corais, entre outras manifestações como museus, arquivos históricos e grupos culturais diversos. (ACINP, 2011)

Nova Petrópolis está localizada no Nordeste do Rio Grande do Sul, distante a 90 quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre, e em posição estratégica em termos de turismo, pois se encontra entre dois dos destinos turísticos indutores do Estado, Gramado e Bento Gonçalves, respectivamente, a 35 quilômetros e a 90 quilômetros de ambos. O município, hoje com 19 mil habitantes e uma pujante economia, foi criado a partir da presença de europeus, em 1858. O índice de desenvolvimento humano (IDH) é de 0,847, alcançando a 8ª posição do ranking do Rio Grande do Sul e 41ª no Brasil, segundo dados do Perfil Socioeconômico 2011. (ACINP, 2011) O segmento turístico está ancorado no turismo cultural, com destaque para a germanidade presente na sua gastronomia, arquitetura, artesanato, jardins e seus eventos turísticos.

O foco central deste estudo estruturou-se na busca por uma maior e melhor compreensão do FIF, tendo como problema de pesquisa questionar se o evento, ao longo das suas 40 edições, teria contribuído para a preservação da memória local, ao mesmo tempo em que incentivaria uma nova memória social do lugar. Posto a

questão norteadora, coloca-se como objetivo geral o de compreender as relações estabelecidas entre o Festival Internacional do Folclore, a memória coletiva local e o turismo, permeadas por um diálogo contemporâneo com a etnicidade, posta como germanidade, e a cidade de Nova Petrópolis – RS.

Os objetivos específicos são:

- Mapear a história do FIF, através das diversas vozes locais.

- Identificar as possíveis formas de construção da memória social e coletiva do local.

- Abordar a presença histórica do turismo em Nova Petrópolis e a construção de um imaginário de germanidade.

Nesses termos, optou-se pelo viés qualitativo, por entender que este é o caminho mais fértil para a interpretação das experiências instauradas e vividas pelos participantes do evento em análise. Como metodologia, adotou-se a História Oral, partindo do reconhecimento das diversas vozes relacionadas com o evento. As técnicas de pesquisa propõem um diálogo da história oral com a Antropologia, para a aproximação da história com o momento presente. Realizou-se pesquisa bibliográfica, entrevistas e pesquisa documental, sob os ditames da História Oral e a observação participante, a luz da Antropologia.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, *Turismo, eventos e etnicidade* **-**, busca-se criar a sustentação teórica do estudo, no contexto do turismo e do turismo de eventos, bem como da etnicidade. No capítulo seguinte, intitulado *Pesquisa e suas especificidades*, são descritos o método utilizado na pesquisa, as técnicas e a trajetória percorrida no trabalho de campo. Na terceira parte, *Nova Petrópolis e seu Festival do Folclore*, contextualiza-se o objeto de pesquisa, percorrendo a trajetória histórica do povoamento, seus aspectos econômicos e dados atuais, permeando-os com a presença do turismo em Nova Petrópolis. Apresenta-se, também, um mapeamento dos aspectos relevantes das 40 edições do Festival, nos distintos momentos da sua construção, através das diversas vozes locais, oportunizando os diálogos entre germanidade, turismo e o Festival do Folclore. Destaque especial merece a edição 40º, por ter sido a que permitiu a pesquisa empírica.

2 TURISMO, EVENTOS E ETNICIDADE

Neste capítulo, busca-se reunir os referenciais teóricos com vistas a contribuir na condução da pesquisa proposta que trata sobre o Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis. Ela está referenciada nos temas de turismo, eventos e etnicidade, elementos norteadores para a reflexão do problema proposto.

2.1 Turismo

Introduz-se a discussão sobre Turismo, considerando, primeiramente, a contextualização histórica da atividade. Abordam-se os deslocamentos desde as suas fases constituintes na chamada *proto-história*, às fases Neoclássica, Romântica, Moderna, Industrial, Contemporânea e, finalmente, a etapa agora vivida e convencionalmente tratada como Pós-Turismo. (BARRETTO, 1995) Um resgate da trajetória do Turismo pretende contribuir para a reflexão dos desafios que se apresentam para a atividade, na contemporaneidade, a partir dos antecedentes que moldaram o seu entendimento.

O Turismo tem sido definido como uma prática diferenciada e particular, ao se estabelecer relações entre as migrações e as viagens realizadas pelos seres humanos. Segundo Barretto (1995), as migrações caracterizam a procura dos povos primitivos por melhores condições para seu sustento; a viagem implicaria o deslocamento do indivíduo com a previsão de retorno e o Turismo prevê, necessariamente, a existência de recursos, infraestrutura e superestrutura jurídico-administrativa que apoiem e, até mesmo, incentivem os deslocamentos.

Beni (2004) compreende o Turismo como um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, como e a que preço. Entende que, neste processo, interagem inúmeros fatores e motivações, que passam pela realização pessoal e social, de natureza econômica, cultural, ecológica e/ou científica, que ditam a escolha dos destinos. Para Panosso Netto (2009), o Turismo é um fenômeno

originado pela saída e posterior retorno do ser humano ao seu lugar habitual de residência, mas pressupõe, também, que haja, nesse processo, o encontro, a hospitalidade e a comunicação com outras pessoas, gerando experiências sensoriais e psicológicas, assim como efeitos positivos e negativos no meio ambiente econômico, político, ecológico e sociocultural.

No que tem sido narrado como história do turismo, encontra-se referências às viagens na Grécia antiga. Ignarra (2002) relata que, para os gregos, além das trocas comerciais, a principal motivação das viagens seria as peregrinações de cunho religioso, a busca da saúde em estações termais e a participação nos Jogos Olímpicos. O florescimento das viagens ocorreu na Antiguidade Clássica Romana (séculos II a.C. até II d.C), estimulado por um grandioso sistema de rodovias administrado pelo Estado e protegido pelo exército. Neste período, do governo de Alexandre, o Grande, registra-se, na Ásia Menor, que grandes eventos na região de Éfeso, atual Turquia, atraíam mais de 700.000 mil visitantes de todas as partes do mundo para apreciarem apresentações de mágicos, de animais amestrados, de acrobatas e de outros artistas. Eram os primeiros registros do turismo de eventos. (IGNARRA, 2002, p. 16)

Na Idade Média, por sua vez, os deslocamentos não fariam parte da cultura medieval por não haver excedentes financeiros que permitissem o luxo das viagens como lazer. A sociedade feudal caracterizar-se-ia pela fixação a terra e à vida rural, associada a um conjunto de hábitos sedentários. (BARRETTO, 2004)

O Renascimento[1] é marcado, em termos econômicos, pela transição do feudalismo para o capitalismo. Barretto (1995) refere-se a este período como estando nele os antecedentes do Turismo moderno, em especial pela melhoria dos transportes, se é que se pode assim denominar a introdução das caravelas e das carruagens. Surgem as primeiras linhas regulares de diligências ligando Frankfurt a Paris e Londres a Oxford, com as primeiras carruagens oferecendo maior luxo e conforto.

[1] A periodização do Renascimento não é consenso até porque, devido à sua amplitude e profundidade, a mesma se deu com maior antecipação em alguns locais e de modo bem tardio em outros. Genericamente, pode-se dizer que as manifestações que o caracterizam, inclusive os grandes descobrimentos marítimos, teriam se dado na Europa entre os séculos XIII e XVII.

O conceito das viagens passa a ter a conotação de *tours*, trajetos de ida e volta, tendo o prazer como motivação, assim como a busca pelo conhecimento e pelo amor à cultura. O percurso era realizado por jovens da classe privilegiada da Inglaterra que, acompanhados de professores particulares, permaneciam em viagens por até três anos. Este tipo de viagem ficou conhecido como *Grand Tour* e envolvia, além da ida a Paris, um circuito pelas principais cidades italianas - Roma, Veneza, Florença e Nápoles. A viagem passou a ser organizada a partir de uma rede de conhecimentos, apoiada em comerciantes, banqueiros, diplomatas, artistas e estudiosos. Através dessas redes, eram conseguidas algumas facilidades, como as reservas em hospedarias e contatos locais para servir como guias. (BARRETTO 1995; SALGUEIRO, 2002)

Na Idade Moderna, a motivação e o novo conceito das viagens estavam inseridos no contexto histórico da efervescência da Revolução Industrial - momento de muitas transformações no aspecto econômico, significando a passagem da manufatura à indústria mecânica, ou seja, ao capitalismo organizado. Barretto (1995) aborda que a ênfase educativa, com interesse cultural, manter-se-ia no que denomina como período do Turismo Neoclássico, sendo a viagem vista como um aprendizado e um complemento indispensável da educação.

O século XIX é marcado por uma nova motivação: o prazer do descanso e da contemplação das paisagens de montanhas, o Turismo de contemplação e o Turismo de cura, período que Barretto (1995) identifica como Turismo Romântico. Rodolfphe Töpffer, diretor de um colégio para ricos, é o mais conhecido mestre que utilizava as viagens como processo educativo: no verão, passeava com seus alunos, através dos Alpes. (BOYER, 2003)

Após a Revolução Industrial, no século XIX, começam as primeiras viagens organizadas, tendo, entre seus pioneiros, Thomas Cook. Inicia-se, assim, a fase do Turismo Moderno. Segundo Barretto (1995), as inovações de Cook, por meio da venda de pacotes únicos de férias, da edição de um guia para excursionistas, da introdução do *voucher* hoteleiro, marcaram a entrada do Turismo Industrial no âmbito comercial.

No aspecto social, seu sistema permitiu que as viagens ficassem mais acessíveis aos chamados segmentos médios da população. O Turismo do século

XIX foi marcado pelo trem e pelo navio. Barretto (1995) relata que as melhorias nos transportes nas áreas de comércio, indústria, serviços e na realocação da mão de obra geraram benefícios diretos à sociedade e ao desenvolvimento do Turismo, com ênfase nos aspectos de segurança, salubridade e alfabetização. Segundo Molina (2003), este período que ele categoriza como Turismo Industrial Primitivo, encontrou o surgimento dos primeiros hotéis urbanos, o desenvolvimento dos balneários, a expansão dos transportes, a criação dos escritórios governamentais de Turismo e os primeiros destinos turísticos na América Latina.

A Modernidade trouxe uma grande transformação nos estilos de vida e de consumo. A valorização do tempo livre e o consumo de massa, ocorridos a partir dos anos de 1920, foram aspectos marcantes desta mudança. De acordo com Molina (2003), o *ócio* tinha, até então, uma visão negativa ("a mãe de todos os vícios"), razão pela qual a sociedade, por muito tempo, carrega certo preconceito sobre como usufruir deste tempo livre. No entanto, é no marco da Modernidade que o tempo livre adquire maior relevância e, com o passar dos anos, vai se colocando em um papel de crescente importância para o Turismo.

A Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, levou à paralisação do Turismo. Terminado este período, o Turismo entra na era do avião; no pós-guerra, as aeronaves, até então utilizadas para o transporte de tropas, ganham nova utilidade, transportando pessoas que viajam a lazer. O direito aéreo é regulado pela criação da *International Air of Transport Association* (IATA) e outros encarregados da superestrutura organizacional, legislativa e administrativa do fenômeno turístico. Os modelos dominantes de produção são de natureza *fordista* - linha de produção em série para gerar *outputs* similares, padronizados - este modelo também se aplicava ao Turismo, estabelecendo esta relação com qualquer tipo de turista, sem distinguir suas necessidades, gerando uma rigidez e uma forma única e padrão de atendimento, desvalorizando o aspecto pessoal e personalizado.

Segundo Barretto (1995), a partir de 1980 começa, gradualmente, a transição para o Pós-Turismo. Molina (2003) considera este período como Turismo pós-industrial, no qual se percebem novas tendências, uma nova cultura turística junto aos prestadores de serviços e organizações governamentais. Para Molina (2003), este período pós-industrial apresenta novos requisitos para a sociedade:

diferenciação dos produtos e serviços; alta segmentação; início da personalização dos serviços e desenvolvimento sustentável.

A Pós-Modernidade traz consigo novos códigos, a transformação e a mudança. Um período de estilo dinâmico que passa a ser estrutural da cultura e da sociedade em geral, gerando um impacto muito particular no Turismo. No contexto da globalização, trouxe consigo a ampliação do comércio, da circulação de bens e de serviços. Os modelos de produção passam a ser mais flexíveis e os produtos e serviços são prestados de forma personalizada aos usuários. Molina (2003) diz que a Pós-Modernidade é reconhecida pela mobilidade, a mudança e o aprofundamento dos esforços para buscar o único, a busca da identidade.

É nesta época que se identificam as mudanças de atendimento e de comportamento deste turista e, por conseqüência, dos modelos de consumo. O autor destaca que a informação é utilizada de maneira intensiva nas tecnologias de alta eficiência e, especialmente, com as redes de informática e digitais, reunindo a capacidade de processamento e distribuição da informação.

Na Contemporaneidade, o trabalho apresenta-se como uma das consequências da Revolução Industrial e as relações entre trabalho e tempo livre se modificam. As jornadas de trabalho vêm reduzindo, surge o direito às férias e, por conseqüência, o aumento do tempo livre.

É neste contexto social que encontraremos as visões diferenciadas sobre o comportamento dos turistas e a sua relação com o consumo do Turismo, os elementos impulsionadores e fomentadores do Turismo. Smith (1989) faz esta reflexão acerca do contexto social e cita que, após a Segunda Guerra Mundial, as pessoas buscam a felicidade instantânea, a função do trabalho se reduz a ganhar dinheiro para desfrutar, usar o dinheiro extra para viajar em detrimento do investimento em carro e casa.

Inserido no contexto do mundo globalizado e das facilidades e acessos tecnológicos, os sujeitos do Turismo (turistas, comunidade local e trabalhadores do *trade*) viverão as práticas, todas fundamentadas nas experiências (sejam boas ou sejam más) e, assim, começa a se definir um novo perfil de Turismo, relatam os autores Panosso Netto e Gaeta (2010).

No momento contemporâneo, este fenômeno social acentua sua presença e desdobramentos porque o ato de viajar passou a fazer parte das necessidades criadas pelo mundo moderno e legadas ao século XXI em novos formatos; estes menos massivos e buscando atender a diferentes segmentos de público. Desde o século XIX, o turismo passou a ser uma das formas preferidas de lazer e, na atualidade, o fazer turismo tornou-se uma aspiração para além das elites com recursos financeiros para exercitá-lo: viajar inclui-se nas demandas dos mais diversos grupos socioeconômicos. (HAAS, 2006)

As pesquisas de Turismo identificam motivações variadas na sua prática. Smith (1989), a cita a necessidade de fuga da rotina do trabalho e comenta que a pressão da vida urbana faz com que as pessoas optem por finais de semana curtos e tranquilos no campo ou a busca pela opção da segunda residência. Já Krippendorf (1986, p. 54) enfatiza como o papel da viagem encontra a compensação para o que perdemos no nosso dia, para ganhar alguma independência, para descarregar, para recarregar, para fazer contatos, para descansar e encontrar alguma felicidade para levar para casa. Nós somente podemos tolerar a rotina diária de longo prazo se nós escaparmos dela eventualmente.

Na visão de Molina (2003), o turista passa de uma prática de férias convencionais à busca de novas experiências, a mudanças dos longos períodos de férias em datas pré-determinadas, substituídas por viagens curtas em um único ano. Mudam, também, os padrões de consumo; as férias passam de monotemáticas (horas de sol e praia) para multitemáticas e multiatividades, usufruídas simultaneamente: compras, diversão noturna, ecoturismo, sol e praia, mergulho, golfe, entre outras. No entanto, esta nova categoria de Turismo não encerra com os anteriores do Pré-Turismo e Turismo industrial. Molina (2003) menciona que existem mercados demandantes e capacidades empresariais para aproveitá-los.

Para Panosso Netto e Gaeta (2010), existem tendências de consumo, nas quais as pessoas buscariam algo a mais, algo que lhes agregue valor perceptível, proporcionando sensações ímpares que diferenciem uns itens dos outros e permitam a seleção e a aquisição a partir de necessidades individuais. Os autores (2010) afirmam que o turista incorporou a característica da emoção a suas demandas, referindo a tendência de consumo, abordada por Pine II e Gilmore, como

a sociedade dos sonhos ou a economia da experiência que demarcaria uma nova era e uma evolução da fase anterior, definida por sociedade da informação. Esta concepção está apoiada na classificação da evolução da sociedade apresentada, simplificadamente, pelas seguintes etapas: sociedade agrícola, sociedade industrial, sociedade da informação e sociedade dos sonhos. (JENSEN apud PANOSSO, 2010) Nessa nova tendência, será necessário satisfazer às necessidades dos consumidores, de forma operacionalmente viável e geradora de resultados. Os autores alertam que a sobrevivência da atividade turística depende da adaptação às mudanças da sociedade e do atendimento das expectativas do cliente. Especialmente o consumidor do Turismo e o contexto no qual se integra apresentam características que favorecem a demanda por experiência. (PANOSSO NETTO e GAETA, 2010)

Alguns exemplos de produtos típicos do Pós-Turismo seriam os parques temáticos de alta tecnologia; neles o visitante assume o papel de protagonista motivado a gerar uma interação física e intelectual em diversos cenários. Molina (2003) cita que os novos enclaves pós-turísticos são concentrações de alta tecnologia que dão lugar a ludópolis, centros com uma grande especialização funcional lúdica. Grandes cidades como Sidney, Londres, Paris, Roma, Nova York e Tóquio, por exemplo, desenvolveriam espaços lúdicos como estratégia para ingressarem nos circuitos mundiais de Turismo e lazer. A realização de grandes espetáculos e festivais são exemplos de produtos deste mercado do Pós-Turismo, utilizando recursos de alta tecnologia capazes de gerar momentos únicos, com impacto e experiências marcantes.

O Pós-Turismo, como proposto por Molina (2003), entretanto, não significa somente um Turismo com mais tecnologia, mas um modelo que ultrapassa o anterior e gera produtos e serviços diferenciados. Molina (2003) desafia as empresas pós-turísticas a se orientarem para a idealização e concretização de *experiências* agregadas aos seus produtos.

Na prática, o cliente passaria a receber não somente uma visita ao atrativo turístico, mas a demandar um serviço que agregue valor, o de uma experiência, uma diversão, a emoção ou uma fantasia que surpreenderia este visitante. “Estamos vivendo a *revolução da experiência”*, diz Molina (2003, p. 59). Panosso Netto e

Gaetta aportam reflexões sobre este novo perfil de Turismo: “Começa a se definir um novo perfil de Turismo, no qual o prazer de viajar está intimamente associado às experiências ímpares que serão vivenciadas durante a viagem, em uma perspectiva individual e personalizada” (2010, p. 15).

Para Perez (2009), a experiência turística integra vivências sensuais (sons, odores, cores, ambiente), sociais (relações com os outros, hospitalidade, bem-estar, segurança, diversão), culturais (eventos, festivais, atividades, alojamento, restauração, enriquecimento) e econômicas (relação qualidade e serviço-preço, relação custo benefício da vivência, acessibilidades e transportes). As experiências turísticas, para Panosso Netto e Gaeta, são “um misto de emoções e sentimentos que flutuam ao sabor dos acontecimentos e das vivências experimentadas pelos turistas no decurso de suas férias” (2010). Os autores concluem que as experiências são vividas de forma particular e, desta forma, instransponíveis. Por isso, a experiência turística: “fica retratada num álbum vivo de memórias e recordações, sentimentos e emoções que o turista associa a lugares, paisagens ou acontecimentos” (PANOSSO NETTO e GAETA, 2010, p. 333).

2.1.1 Turismo cultural

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), estima-se que o mercado do Turismo cultural abarcou 37% do Turismo global ou cerca de 265 milhões de viagens internacionais em 2003. (CAMARGO e CRUZ 2009) Para Tomazzoni (2009), o Turismo pode ser estudado e compreendido como campo social que estabelece profundas relações com a cultura, lembrando da recomendação de Hall (1997) de procurar evitar cair na tentação de assumir que tudo é cultura, ou que quase nada pode ser explicado fora da cultura ou do discurso cultural, Entende-se por cultura as concepções descritivas e simbólicas apresentadas por Thompson *apud* Tomazzoni (2009). Na concepção descritiva, cultura é um conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como, artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos. Na concepção simbólica, os fenômenos culturais são fenômenos simbólicos, e o estudo da cultura está essencialmente interessado na interpretação

dos símbolos e da ação simbólica. Cultura é o padrão de significados que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais, os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças. Tomazzoni (2009) diz que o Turismo é uma forma de busca da compreensão do mundo atual, como atividade econômica, social e política, mas, especialmente, suas implicações na cultura e suas articulações com a cultura.

Os autores alertam para a dificuldade da definição do conceito de Turismo cultural, especialmente a sua identificação, que pode provocar equívocos. Este estudo busca prioritariamente analisar a relação que se estabelece entre turismo e etnicidade, de forma que o turismo cultural passa a ser somente uma referência para qualificar a reflexão. Gastal (2012), nos fala sobre o desafio e as demandas do Turismo cultural na Pós-Modernidade passam a ser diferenciadas. A autora (2012) faz uma crítica à maneira como o produto do Turismo cultural está sendo oferecido. Diz que não bastariam mais as visitas apressadas à meia dúzia de igrejas e museus, escuros, com peças mal expostas e cheiro de mofo, que normalmente integram os roteiros convencionais, para que, assim, possam ser qualificados como culturais. Gastal (2012) aponta que o Turismo cultural precisa estar atento, justamente, ao fato de as expectativas e demandas deste pós-turista serem valores agregados que levem a novas experiências, embaladas com muita qualidade. A pesquisadora (2012) pontua que as marcas contemporâneas obrigam a olhar o Turismo sob um novo enfoque:

> 1) O Turismo cultural não pode ser visto apenas como uma especificidade das motivações dos viajantes e ser utilizada pelo *marketing* das localidades. 2) A reflexão e as práticas culturais apresentam performances muito instigantes que não podem ser ignoradas pelo Turismo. 3) As propostas de segmentação de mercado, em termos de Turismo cultural, são um reducionismo das possibilidades que a cultura pode representar em propostas de Turismo (2012, p. 237).

As distintas compreensões sobre o produto turístico e a cultura seguem instigando pesquisadores. Para Tomazzoni (2009), as identidades e a diversidade cultural, transformadas em produtos de consumo, têm contribuído significativamente com o desenvolvimento do Turismo como atividade econômica. Leite (2011) complementa, dizendo que, além do aspecto econômico, o Turismo cultural pode

produzir melhoria na autoestima da comunidade e na qualidade de vida da população do local. Para o autor (2011), a definição do Turismo Cultural como atividade sustentável está na preservação, na valorização e promoção do patrimônio, sem deixar de conservar as características que tornaram peculiares uma comunidade.

É possível identificar uma aproximação e pontos de convergências entre a área do Turismo e da cultura. Perez (2009) e Leite (2011) apontam que o Turismo pode ser pensado como uma das atividades que mais tem fomentado o contato intercultural entre pessoas, povos e grupos, provocado, especialmente, pelas vivências do Turismo cultural. Os autores (2009; 2011) abordam que esta inter-relação gera, também, uma remodelação da cultura e, neste sentido, há necessidade de salvaguardar os bens culturais que estão diretamente ligados à continuação da existência das práticas culturais, que podem ser apresentadas como atrativos significativos de uma comunidade ou localidade.

Seguindo uma concepção antropológica, Perez (2009) compreende que Turismo é uma expressão cultural. Diz que, em termos filosóficos, toda a prática turística é cultural e, por isso, Turismo não existe sem cultura. O autor complementa:

> O Turismo cultural é considerado de formas diversas: atividade, experiência, formato do produto turístico, motivação ou fator chave para a viagem e/ou forma de realizar a atividade cultural. Num sentido mais restrito, o Turismo cultural seria um tipo de viagem por motivos unicamente culturais e educativos, uma definição que também apresenta os seus problemas e que não chega a ser consensual (PEREZ, 2009, p. 109).

Entre as definições daqueles que atuam no e com o Turismo (pesquisadores, empresários, mercado e órgãos públicos), é pertinente considerar a concepção utilizada pelos órgãos de Turismo em nível nacional e internacional. Para Organização Mundial do Turismo (OMT), Turismo cultural compreende:

> Movimentos de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações (CAMARGO e CRUZ, 2009, p. 26).

Segundo o Ministério do Turismo, em parceria com o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Turismo Cultural

“compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2006, p. 115).

Na concepção de mercado, Leite pondera que “se, por um lado, o Turismo é um negócio regido pelas leis de mercado, por outro, é uma prática cultural que está ligada a valores afetivos e simbólicos, em que as qualidades das experiências do visitante são fundamentais” (LEITE, 2011, p. 304).

Para Gastal (2012), a cultura extrapola a esfera da construção de bens simbólicos para colaborar mais intensamente com a produção de bens, serviços e produtos com valor econômico relevante. Na mesma linha, Tomazzoni (2009) comenta que os patrimônios culturais, nas mais diversas formas e manifestações, têm conquistado visibilidade e valorização do mercado, por meio da atividade turística.

O Turismo se utiliza da cultura como um recurso, que, posteriormente, converte num produto mercantil. Tal mercantilização da cultura pelo Turismo pode ter impactos positivos ou negativos, alerta Perez (2009). Entre os impactos positivos, o autor destaca: o desenvolvimento e a revitalização de identidades culturais, a redescoberta das tradições e a revitalização do sentido identitário. Entre os negativos, estaria o excesso de mercantilização, que pode converter a cultura numa mercadoria ritual espetacular, banal e massiva. Coadunando desta concepção, Barretto (2007) comenta que a cultura material e simbólica (recursos culturais) é uma das matérias-primas que compõem o produto do Turismo, assim como a natureza (recursos naturais) e os equipamentos necessários para prestar serviços de recreação, alimentação e hospedagem.

Com vistas a atender os anseios dos viajantes, Leite (2011) indica a realização de eventos entre as medidas mais indicadas para o Turismo Cultural. Compreende que o apoio às celebrações e atividades já existentes nas localidades, além da criação de novos eventos em combinação de atrações locais com as de outras localidades, contribui, inclusive, para uma permanência maior do turista. O Ministério do Turismo (2008) aponta os eventos culturais como instrumentos para reduzir a sazonalidade e estabelecer sintonia com a identidade local.

Os eventos culturais, quando promovem aspectos singulares e são estruturados adequadamente, têm um papel importante na promoção e na consolidação da imagem de um destino cultural, sendo excelentes instrumentos para reduzir os efeitos da sazonalidade. Os melhores exemplos são as iniciativas capazes de identificar oportunidades, de perceber as tendências de mercado, de estabelecer sintonia com a identidade local, de envolver a comunidade, além da capacidade técnica e de articulação de parcerias para sua realização. (BRASIL, 2008)

2.2 Eventos

Os eventos acompanham a humanidade desde os seus primórdios. Os acontecimentos dessa ordem, mais remotos, têm suas origens na Antiguidade e, desde então, integrados na história da civilização humana. No antigo Egito, o cerimonial era de grande rigor durante os atos oficiais e religiosos, abrangia a vida do faraó, sua corte e as honras póstumas. As competições esportivas estão associadas à civilização greco-romana, sendo as Olimpíadas ponto de destaque como primeiro evento desportivo do mundo. Elas aconteceram pela primeira vez no ano de 776 a.C. em homenagem a Zeus, considerado o primeiro entre os deuses. Em 394 d.C., o imperador romano Teodósio determinou a interrupção das Olimpíadas, que recomeçaram somente em 1896, em Atenas. (CANTON, notas de aula, 2007)

A história, assim como a vida cotidiana, está permeada por acontecimentos e momentos marcados por eventos com características sociais, culturais e políticas representativas das sociedades que os promovem e do período em que ocorrem. Com o advento da Revolução Industrial, se consolida a atividade de Eventos como mobilizadora de deslocamentos, caracterizando o que passa a ser tratado como Turismo de eventos, que trouxe novos estímulos para a atividade comercial como as feiras, as exposições mundiais, as Olimpíadas e a Copa do Mundo, que tiveram significativo papel na solidificação desta atividade econômica. (MATIAS, 2004)

Para Zanella, “evento é uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica, etc. [...]” (2004, p. 12). Identificado com autores que concebem o evento como um instrumento para alcançar determinado objetivo, Melo Neto (1999) diz que o evento é um fenômeno de várias dimensões, um fator de alavancagem nos setores de turismo, entretenimento e lazer, de marketing e da própria economia da cultura, a que Melo Neto (1999) denomina como ‘indústrias’. Partilhando desta concepção, Andrade (1999) define o evento como multiplicador de negócios, pelo seu potencial gerador de novos fluxos de visitantes e também por ser capaz de alterar determinada dinâmica da economia. Entre o grupo de autores que percebe os eventos com papel estratégico, é possível encontrar ênfases distintas nas definições. Giácomo (1997) é incisivo ao definir o evento como um instrumento estratégico de comunicação que busca promover engajamento numa ação empresarial ou institucional.

Segundo as diretrizes do Ministério do Turismo (2006), a definição de Turismo de negócios e eventos envolve o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social. Este segmento de turismo apresenta características próprias e muito peculiares que são apontadas e destacadas no Caderno de Turismo de Negócios e Eventos (Ministério do Turismo):

> 1) Oportunidade de minimizar os períodos sazonais, proporcionando equilíbrio na relação entre oferta e demanda durante o ano. 2) Alta rentabilidade; o turista desse segmento apresenta maior gasto médio em relação ao turista de lazer. 3) Possibilidade de interiorização da atividade turística, pois podem ser realizadas em cidades menores, desde que apresentem as condições e estruturas necessárias para a realização de negócios ou eventos. 4) A demanda não reduz significativamente em momentos de crise econômica. 5) Aumento da arrecadação de impostos, pois normalmente estes turistas necessitam da emissão de notas fiscais para comprovação de despesas à empresa ou instituição à qual pertencem. 6) Desenvolvimento científico e tecnológico devido à participação de profissionais especializados e equipamentos de última geração. 7) Disseminação de novas técnicas e conhecimentos definidos nos encontros nos destinos-sedes e que ficam como legados às comunidades locais (2010, p. 16).

O Turismo de negócios e eventos estabelece uma relação de transversabilidade com demais segmentos, um aspecto positivo que permite a

agregação de valor. Por exemplo, no Congresso Brasileiro de Turismo Rural, a transversalidade ocorre pela pertinência do tema e das programações temáticas do evento a outros segmentos turísticos, enquanto organização dos equipamentos, bem como dos equipamentos de apoio. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 17)

No mercado, o Turismo de eventos representa 20% da receita total gerada no turismo mundial, segundo dados da Organização Mundial do Turismo. (PIRES, 2008) A instituição considera que 140 milhões de pessoas viajaram, no mundo, a negócios ou eventos, gerando uma movimentação de US$ 150 bilhões. A América Latina vem acompanhando este fenômeno e, segundo dados divulgados pela *Tourism Satellite Accouting* (TSA-WTTC, 2007), houve um crescimento de 5,4% em relação a 2007, significando um incremento de US$ 240 bilhões na economia e, entre os setores que respondem rapidamente ao seu estímulo, está a geração de empregos, que soma 16,8 milhões nos 19 países, com exceção do México. A partir desses números, é possível afirmar que se está diante de um setor econômico com excelentes oportunidades. O Brasil vem acompanhando esta tendência, acrescentando-se, nesses termos, que o Turismo também está em crescimento. O segmento de eventos agrega muito valor aos destinos turísticos receptores, pois a média de gasto do turista de eventos aponta para valores três vezes maiores do que os do turista de lazer. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010)

O Brasil tem comemorado algumas vitórias no setor de eventos. Nos anos 2007 e 2008, o país conquistou a 8ª e 7ª colocações, respectivamente, entre os países que mais realizam eventos internacionais, segundo o ranking internacional da *International Congress and Convention Association* (ICCA). Já em 2009, com a confirmação da 7ª posição no ranking, tendo realizado 293 eventos internacionais, o Brasil consolida-se internacionalmente como um dos 10 principais destinos realizadores de eventos no mundo, com média de crescimento maior do que a média mundial. Segundo a ICCA, o país representou um aumento de 15,4%, enquanto o total de eventos realizados no mundo cresceu 10,8%, evidenciando, assim, o fortalecimento do setor e da credibilidade do país na captação de eventos e negócios. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 25) Entre os fatores que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do setor, o Ministério do Turismo (2010) destaca: a profissionalização do setor, o crescente investimento na

infraestrutura turística e de eventos (construção de centros de eventos, modernização dos aeroportos), a qualificação da prestação de serviços, a multiplicação e capacitação dos *Convention & Visitors Bureaux* (CVBx), além das opções de lazer relacionadas à diversidade dos recursos naturais e culturais.

Este cenário apresenta-se de forma animadora na perspectiva de crescimento do setor de eventos no Brasil para os próximos anos, segundo Wada (2011) e Dorneles (2011), especialmente frente ao desafio de organizar dois eventos esportivos internacionais importantes, como a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos de 2016. De acordo com o Ministério do Esporte brasileiro, a Copa do Mundo de 2014 pode alcançar R$ 183,2 bilhões (US$ 107 bilhões) de gastos diretos (26%) e indiretos (74%), com um investimento de R$ 33 bilhões em infraestrutura, R$ 9,4 bilhões em turismo incremental, 330 mil empregos permanentes e 380 mil temporários. Com os Jogos Olímpicos, o Brasil espera 380 mil turistas e um impacto de 11 bilhões de dólares no PIB do país entre 2009 e 2016 e 13,5 bilhões de dólares entre 2017 e 2027.

2.2.1 Classificação dos eventos

O evento atua sobre os diversos setores da economia como um fenômeno multiplicador com repercussões na indústria, no comércio e na prestação de serviços, sempre como um elo propulsor de conhecimento, divulgação e troca. Os eventos são reflexos da sociedade, integram um processo e refletem sua dinâmica, espelhando o seu momento social, sua economia, sua política e cultura. Reitera-se a multifuncionalidade dos eventos e sua transversalidade nas diversas dimensões econômica, social e cultural.

A tipologia e a classificação dos eventos vêm sendo trabalhada por diversos autores, dentre os quais Britto e Fontes (2002); Zanella (2004); Allen et al. (2003), que contemplam a dinâmica própria deste segmento, razão pela qual se destacam que as definições de classificação aqui citadas não indicam uma preferência, tão pouco têm a intenção de demarcá-las como referência teórica conclusiva e, sim, apresentá-las como uma contribuição à reflexão no corpo da presente discussão

teórica. Britto e Fontes (2002), por exemplo, na classificação de eventos, optaram por dividi-los a partir dos seguintes critérios: categoria, área de interesse, localização, características estruturais, espacialidade e tipologia, como apresentado a seguir.

Em termos de **categoria** de eventos, distinguem eventos *institucionais* como os que visam firmar a imagem de uma empresa, entidade, governo ou pessoa. Também poderão ser eventos *promocionais* ou *mercadológicos* quando o objetivo for a promoção de produto ou serviço, visando fins mercadológicos; como exemplo, podem ser citadas as cidades que organizam eventos com o propósito de promover o próprio destino turístico, a venda dos seus produtos e da imagem daquela cidade. Com esta mesma intenção, podem ser mencionados eventos de empresa, governo, entidades e, até mesmo, pessoas.

A classificação por **área de interesse** entende que o evento poderá se enquadrar em uma ou mais áreas, tais como: artística, científica, cultural, educativa, cívica, política, governamental, empresarial, lazer, social, desportiva, religiosa, beneficente e turística. A classificação por **localização** tem como critério o local de ocorrência, que pode estar no âmbito do bairro, distrito, município, região, estado ou nação.

A classificação por **características estruturais** analisa o evento segundo três critérios: porte do evento, data do evento e perfil do público.

- Definição de porte do evento - O que até então foi considerado é que um evento de pequeno porte seja o de até duzentos (200) participantes; médio porte tendo entre duzentos (200) e quinhentos (500) participantes e o de grande porte com presença acima de quinhentos (500) participantes. Esta classificação deverá ser entendida com bastante reserva sobre os valores referenciais adotados, em função de duas importantes variáveis: (1) em função do aumento da densidade demográfica no geral, nos vários continentes, como, também, (2) a visibilidade cada vez maior adquirida pelos eventos, mobilizando cada vez um maior número de participantes. Até o presente momento não foi apresentado um referencial que nos ofereça uma assertiva mais abrangente.

- Data de realização do evento - Seguindo as características estruturais, classificam-se os eventos entre os de caráter fixo aqueles que se realizam com periodicidade determinadas ou o evento móvel, como o que se realiza em data variável, conforme o calendário ou interesses da comissão organizadora.

- Pelo perfil dos participantes - O evento poderá ser de caráter geral, organizado por uma clientela em aberto, limitada somente pela capacidade física do local de realização do evento.

Outra situação é o evento que poderá ter um público dirigido. Trata-se daqueles eventos restritos ao público que possui afinidades com o tema, como uma feira de produtos agropecuários, que reúne produtores, comerciantes, fabricantes e usuários domésticos. Poderemos, ainda, ter os eventos de público específico, que são aqueles realizados para um segmento bem dirigido e pela identidade de interesse do assunto tratado, como um congresso de área médica ou um seminário de educação matemática.

A classificação dos eventos também orienta o processo operacional. A grande tendência do mercado é buscar novos e diferenciados espaços, agregando grande valor à originalidade e à criatividade. Falamos, portanto, de espacialidade para os eventos realizados em ambientes internos, em locais fechados ou semifechados, ou ambientes externos, a exemplo dos eventos realizados em cruzeiros, que são locados com exclusividade para atividades sociais ou empresariais. Vale citar, ainda, o Parque Snowland, localizado em Gramado, que está na etapa final de construção. É um Parque com área de 48 mil metros quadrados, 14,8 mil metros quadrados de área coberta, sendo 7,2 metros quadrados dedicados à neve, o qual estará oferecendo mais de trinta atividades recreativas. O primeiro parque de neve *indoor* das Américas utilizará a mesma tecnologia presente em parques similares, como na própria Europa, Estados Unidos e Dubai. Faz parte da proposta do empreendimento a disponibilização do espaço para a realização de eventos que seguem a tendência de buscar alternativas que possam transformar as atividades dos eventos em momentos memoráveis. (HOJE EM MÍDIA, 2013)

A classificação por tipologia baseia-se nas características mais marcantes do evento, divididas da seguinte forma: programas de visitas; exposições; encontros técnicos e científicos; encontros de convivência; cerimônias; eventos competitivos;

inaugurações; lançamentos; excursões; desfiles, entre outros. Os festivais, por exemplo, são um tipo de evento que antecede a consolidação econômica contemporânea destas atividades e constituem expressão importante da atividade humana para a contribuição da vida cultural e social local, o que ocorre, também, por seu potencial em atrair visitantes vindos de outros locais. Nestes termos, estão cada vez ligados mais ao Turismo, significando atração e presença nas atividades empresariais e ganhos econômicos para as comunidades anfitriãs. (ALLEN et. al., 2003)

A definição de “eventos especiais”, utilizada por Allen et. al. (2003), refere-se àqueles eventos que foram criados para descrever rituais ou celebrações específicas, ou, ainda, aqueles que foram concebidos e planejados para atingir objetivos específicos de cunho social, cultural ou corporativo. Os autores (2003) registram que o processo de expansão dos eventos especiais é tão grande, que se tornou difícil formular uma definição abrangente, que inclua todas as variações e possibilidades destas atividades, razão pela qual apresenta a divisão entre megaeventos, eventos de marca e eventos locais e comunitários.

Os megaeventos são aqueles cujo porte afeta economias inteiras e com repercussão na mídia de forma global. Citam-se as Olimpíadas e as Feiras Mundiais. Seu volume deveria exceder um milhão de visitantes, seu orçamento deveria ser de pelo menos US$ 500 milhões e sua reputação associada a um evento “imperdível”. (CANTON, notas de aula, 2007) Já os eventos de marca são descritos como aqueles que se tornaram tão identificados com o espírito ou mentalidade de um povoado, cidade ou região, que se tornam sinônimo do nome do local e obtêm amplo reconhecimento. Um exemplo seria o Carnaval do Rio de Janeiro, reconhecido mundialmente, ou, no âmbito nacional, o Natal Luz de Gramado. (ALLEN et. al., 2003) O FIF poderá ser citado como um evento de marca, segundo Allen, ancorada na sua relação com identidade e a cultura local.

Os eventos locais e comunitários estão relacionados àqueles organizados em razão do seu valor social de diversão e entretenimento e que ocorrem nas comunidades, gerando orgulho local e fortalecimento do sentimento de origem e pertencimento.

Partindo dessas conceituações sobre os eventos e suas tipologias, evidencia-se a característica multidisciplinar de sua atuação nas diversas áreas: social, econômica e cultural, o que justifica a presença dos eventos no contexto do turismo, gerando um segmento de mercado específico do Turismo de eventos e negócios.

Segundo Gastal e Machiavelli (2011), a ligação do turismo às festas aconteceu no Rio Grande do Sul de forma institucionalizada nas décadas de 1960-1970, quando do incentivo à sua realização para movimentação do interior do Rio Grande do Sul através da Secretaria de Turismo do Estado. Para as autoras (2011), o aumento do número de festas realizadas está vinculado ao surgimento de um novo tipo de evento, que, em muitos casos, tem sido equivocadamente tratado como festa popular. Defendem, no entanto, que, a partir do olhar do Turismo, a expressão festa temática coloca-se como mais apropriada para caracterizar esse tipo de atividade.

A expressão *festa temática* é aqui utilizada para designar as festas que se dão como acontecimento e entretenimento, tendo o seu imaginário organizado preferencialmente a partir de produto ou expressão cultural tradicional local, sendo esse o tema da festa. À festa temática associa-se uma condição de oferta ou atrativo turístico, marcada pelo apoio e, mesmo, patrocínio do poder público, sendo a sua organização entregue, senão de fato, pelo menos simbolicamente, a representantes da comunidade, muitas vezes atuando na forma de comissões, indicando um modelo de gestão. (GASTAL e MACHIAVELLI, 2011, p. 8)

2.2.2 Gestão estratégica dos eventos

A palavra estratégia deriva do grego *strategía*, significando a arte de um general de exército. Era usada em tempo de guerra, segundo Ghemawat (2000), e representava um meio de vencer o inimigo. Posteriormente, foi estendido a outros campos do relacionamento humano: político, econômico e ao contexto empresarial. Origina-se, assim, como um meio de “um vencer o outro”, enquanto virtude de um general de conduzir seu exército à vitória, utilizando-se, para isso, de estratagemas e instrumentos que assegurassem a superioridade sobre o inimigo.

Entre os diversos autores que conceituam a estratégia, Thompson Jr. e Strickland (2000) a definem como sendo um conjunto de mudanças competitivas e abordagens comerciais que os gerentes executam para atingir o melhor desempenho da empresa. Já para Mintzberg e Quinn (1991), estratégia é um modelo ou plano que integra os objetivos, as políticas e as ações sequenciais de uma organização, em um todo coeso, sendo que existe em vários níveis e em qualquer organização. Não deve restringir-se aos níveis gerenciais e diretivos, mas se distribuir por toda a organização, levando-se em conta os diferentes graus de importância de cada nível hierárquico para o alcance dos objetivos organizacionais. Segundo Pugen (2008), a formulação de estratégias é imprescindível nos eventos turísticos. A autora esclarece que as organizações devem estar atentas às mudanças sociais, econômicas e, especialmente, as expectativas dos clientes e os pós-turistas.

A estratégica, assim como a organização e o seu ambiente, não é algo estático, ao contrário, está em contínua mudança, desempenhando a função crucial de integrar estratégia, organização e ambiente em um todo coeso, rentável e sinérgico. A preocupação das empresas (organizações) em construir, manter e fortalecer suas marcas; a constante busca pela competitividade e o diferencial de seus produtos fez com que os eventos ganhassem relevância frente às demais ações de marketing e de comunicação organizacional, pois aceleram a formação de uma imagem positiva sobre o produto na mente do consumidor. (SCHOMMER, 2007)

Um evento bem planejado, com foco na geração de resultados de negócio, pode ser tão lucrativo como qualquer outra iniciativa de marketing, desde que esteja alinhado aos objetivos estratégicos da organização. Nesses termos, os eventos devem atender às necessidades do seu público de interesse, bem como colaborar para um melhor posicionamento da organização no mercado em detrimento de seus concorrentes (SCHOMMER, 2007). A partir desta visão de harmonia entre as várias ferramentas do marketing, reforça-se que o evento é um elemento e recurso estratégico de comunicação dirigida que integra o marketing. O evento permite a segmentação do público e cumpre papel aproximativo e interativo.

A grande força de um evento reside no envolvimento que ele permite. A atmosfera criada, a atenção despertada, a curiosidade, a predisposição de espírito, tudo, enfim, conduz a um envolvimento coletivo apropriado que condiciona positivamente o participante e que nenhum outro recurso de promoção consegue fazer. (FERRACCIÚ, 1997, p. 59)

Esta concepção é reforçada por Britto, para quem "o evento é uma das ferramentas que melhor oportuniza a comparação entre preço, qualidade e características de produtos/serviços, oferecendo maior segurança aos consumidores" (2002, p. 36). O autor diz, ainda, que, para tornar-se um instrumento de marketing, o evento deverá atender algumas condições básicas: atingir o público-alvo desejado; divulgar sua marca; promover seus produtos/serviços; potencializar suas vendas e contribuir para a expansão e a conquista de novos mercados.

Segundo Canton (2002), o que torna o evento uma atividade de marketing é a sua capacidade de juntar o negócio do patrocinador com os consumidores potenciais em um ambiente interativo, onde a ocorrência de um fato ou de um acontecimento possa atrair o interesse de pessoas ao ponto de motivá-las a participarem de algo diferente, em busca de opções diversificadas como lazer, cultura, entretenimento, negócios, etc. Tomazzoni destaca a importância da imagem de um evento para uma cidade:

> Um evento é uma representação do setor privado, do poder público e da comunidade, portanto, da cidade como um todo. Esta representação é a própria imagem de cada um dos agentes da rede de ligações. Quanto mais fortalecidas as ligações visando à projeção da melhor imagem possível, perante os clientes visitantes, tanto de cada setor envolvido, quanto da cidade em geral, maiores serão as vantagens e retornos a serem desfrutados pela comunidade (2002, p. 59).

Os eventos devem, também, ser concebidos de acordo com o enfoque mercadológico. O planejamento do evento deve, portanto, estar baseado nos preceitos estabelecidos no planejamento estratégico da organização; atender às necessidades do seu público de interesse; colaborar para um melhor posicionamento da organização no mercado em detrimento de seus concorrentes. Deixar de avaliar o contexto mercadológico, o clima da organização e as necessidades dos colaboradores pode fazer com que a empresa não atinja seus objetivos. O uso estratégico dos eventos faz-se imprescindível para a

implementação das ações de comunicação integrada nas organizações. (SCHOMMER, 2007)

Um evento não pode ser um fenômeno isolado do processo turístico, pois eles devem estar integrados e intrínsecos entre si, segundo Lemos (2002). Dessa forma, o autor aponta a necessidade de uma política de eventos inserida no planejamento turístico das cidades e a importância do trabalho integrado, através de um planejamento estratégico entre órgãos governamentais, empresas de eventos e sociedade para que se beneficiem dos resultados econômicos e sociais. Lemos destaca que “a política de eventos deve mobilizar os valores sociais autênticos da localidade, a fim de que sejam sustentáveis e permanentes, não só o evento em si, mas o processo turístico de agregação de valor” (2002, p. 84).

Allen et. al. (2003) apontam como componentes do processo de planejamento do evento o seu conceito ou propósito, o estudo de sua viabilidade, a preparação da oferta, a decisão de prosseguir ou parar, o planejamento e a implementação, o evento, a sua finalização, a avaliação e o *feedback*. Complementando esta concepção, Canton (2002) descreve que o fenômeno evento, como todo o acontecimento, requer planejamento e organização e visa atingir certo objetivo, seja ele qualitativo ou quantitativo. Destaca que o evento reflete e retrata o modelo de uma sociedade em determinado momento, interferindo em seu conteúdo, pois é capaz de manipular e direcionar suas manifestações por cumprir o papel de elemento educador formal, informal e modelador.

Para Zanella (2004), a promoção de um evento exige alta especialização técnica e experiência e a operacionalização está apoiada em um eficiente sistema de planejamento abrangendo alguns aspectos básicos: definir de forma clara e precisa os objetivos; estruturar um roteiro de planejamento e cronograma de execução; prever recursos materiais e financeiros; programar as pessoas de apoios; prever um sistema de integração e relacionamento com patrocinadores, promotores, autoridades e fornecedores; canais de informação eficientes para suporte da equipe envolvida com evento; implantar sistema de monitoramento das ações.

Lemos (2002) diz que o evento tem uma lógica permanente (oposta ao seu nome), na qual se reproduz e produz mediante valores sociais espacialmente estabelecidos. Nesta concepção, o evento não pode simplesmente usufruir de uma

localidade, de uma cidade como apêndice, mas, sim, fazer parte de uma política turística de cada localidade. (LEMOS, 2002, p. 91)

Tomando por referência as perspectivas teóricas acima arroladas, o FIF é um evento promovido pela Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis e conta com uma parceria com a AGFDANP[2] e com apoio do IOV[3]. Trata-se de um evento cultural, de caráter institucional, de médio porte, que ocorre anualmente e aberto ao público, com acesso gratuito. Sob esse prisma será analisado no corpo do trabalho.

2.3 Etnicidade no contexto turístico

A culinária, a paisagem, a arquitetura, as danças, a herança cultural, os fazeres, entre tantos outros, são atrativos utilizados pela atividade turística. Grünewald (2003) apresenta a relação entre a busca do diferente e do exótico, motivações próprias do turismo, e do visitado.

Se o exótico, o *outro*, é procurado em lugares distintos do de origem do visitante, os habitantes desses lugares, de acordo com a perspectiva turística, devem se promover como esse exótico, a fim de serem atrativos no mercado turístico. Devem ter sinais diacríticos a exibir, a serem consumidos nesse amplo mercado. A construção, promoção ou fortalecimento de sinais diacríticos que caracterizam (que definem culturalmente) um povo é o próprio âmbito da etnicidade. (GRÜNEWALD, 2003, p. 144)

Segundo o autor, essa etnicidade não se refere estritamente à etnicidade clássica colonial, não está se referindo somente aos grupos de nativos, mas a diversas formas de construção de fronteiras de grupos sociais que se fixam em linhas étnicas. Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998), estudar a etnicidade consiste em inventariar o repertório de identidades disponíveis em uma situação pluriétnica, a saliência destas identidades nas diversas situações de contato. Os autores referem-se à existência das fronteiras e das distinções étnicas, ressaltando que, por vezes, ainda persiste uma visão simplista de que somente o isolamento geográfico e social tenham sido fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural.

[2] Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis.
[3] Organização Internacional de Artes Populares.

Os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social e, segundo a bibliografia antropológica, geralmente são entendidos para designar uma população que: perpetua-se biologicamente de modo amplo; compartilha valores culturais fundamentais; constitui um campo de comunicação e interação; possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 1998, p. 189)

As formas de categorização dos grupos étnicos são diversas. O objeto desta pesquisa sobre o FIF apresenta o olhar voltado para os aspectos culturais e de organização social. Os grupos étnicos oferecem suporte para a cultura quando compartilham de uma mesma cultura e demonstram os traços particulares desta tradição cultural. Para os autores (1998), esta percepção será apontada pelo etnógrafo, o qual poderá observar o modo como os grupos demonstram os traços particulares desta cultura, considerando que a análise recai sobre as culturas e não da organização étnica.

Poutignat e Streiff-Fenart (1998) relatam que a formação dos grupos étnicos no sentido organizacional parte das identidades étnicas como forma de interação e de categorização próprias dos grupos. As dicotomias étnicas parecem ser de duas ordens: (1) sinais ou signos manifestos - traços diacríticos que as pessoas usam para manifestar sua identidade, tais como vestuário, língua, moradia ou estilo de vida; e (2) orientações de valores fundamentais como padrões de moralidade. Para os mesmos autores, “[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas” (1998, p. 124). Ou seja, é através das diferenças culturais e do contato com o outro que a etnicidade evidencia-se, que eu me reconheço, que eu me percebo como diferente (ECKERT e ROCHA, 2002). A etnicidade se define nas fronteiras; quando há o contato com o outro, com diferentes grupos, as fronteiras desses definem a etnicidade. (BARTH, 1998)

O FIF oportuniza uma relação de alteridade entre os vários Grupos de Danças visitantes, de distintas culturas étnicas, e os Grupos de Danças Alemãs e dos moradores locais de Nova Petrópolis. Na oportunidade ocorre a identificação da

germanidade, valorizando a sua etnicidade e tornando-a um atrativo turístico. Quando há uma comunicação entre diferentes culturas, a identidade étnica se define:

> A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram "cabides" nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p. 129).

Percebe-se, assim, a dinamicidade do processo de reconstrução cultural, sendo que uma cultura pode absorver traços diferenciados de outras culturas. (MICHELIN, 2008, p. 21) Seguindo esta linha, a autora aponta que etnicidade deriva da origem comum que gera vários traços culturais, formando, dessa forma, uma identidade que passa a ser vivenciada como real em determinado momento. Para Michelin (2008), novos traços culturais vão sendo absorvidos e passam a fazer parte dessa etnicidade, tornando-se uma herança cultural de um grupo. Este processo passa a ideia de hibridismo, quando uma cultura absorve traços de outra cultura. Nenhuma das duas, contudo, deixa de existir, mas continua sendo percebida como cultura, dentro da qual esse novo traço cultural passa a fazer parte, passando a ser característico dela. (SANTOS e BARRETTO, 2006)

O hibridismo cultural está, de certa forma, relacionado ao turismo étnico e ao meio em que se desenvolve. Para Haas (2005), o turismo não é o único responsável por todas as mudanças que ocorrem em determinada cultura, pois esta não é estática. Destaca que o turismo tanto pode destruir como estimular respostas positivas que venham a reforçar a identidade de grupo ou outros aspectos da cultura local.

O turismo promove a restauração, preservação e recriação de atributos étnicos. Assim, essa "etnicidade reconstruída" (essas identidades turísticas que emergem em resposta às pressões de "cultura branca" e do turismo) se resume na manutenção e preservação de elementos étnicos para persuasão ou divertimento, não de outros específicos, como no caso da etnicidade construída, mas de um "outro generalizado". (GRÜNEWALD, 2003, p. 147)

Seguindo a ideia de Grünewald, a reconstrução da etnicidade não é necessariamente negativa, pois contribui para restaurar traços culturais que estavam se perdendo. Essa reconstrução, através do turismo, contribui para a valorização da etnicidade e da identidade do grupo, que deixa de ser original, pois houve uma transformação, mas também não se trata de uma etnicidade totalmente nova. Para o autor, identidades ameaçadas muitas vezes poderiam buscar uma renovação das tradições. O turismo bem conduzido pode promover o resgate, a preservação e a recriação de atributos étnicos. (GRÜNEWALD, 2003).

Michelin (2008) cita que muitos traços culturais italianos, dos integrantes do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra[4], foram se alterando com o passar do tempo; isso, porém, não significa que os descendentes dos imigrantes italianos perderam a sua etnicidade: mesmo absorvendo traços culturais, mantêm traços étnicos particulares. No que diz respeito aos Caminhos de Pedra, a autora cita o exemplo do atrativo turístico da Ervateira, que demonstra o processo de produção de erva mate, mesmo não sendo uma tradição italiana e, sim, anterior à chegada dos mesmos ao território sul-brasileiro. Hoje, todavia, a bebida já está absorvida pela italianidade.

Para Grünewald (2003), falar em turismo étnico pressupõe que toda visitação a outra nação já admitiria o fato do turismo étnico, justamente porque se estabelece a relação com o outro, entre o visitante e o visitado. O turismo étnico pode ser percebido sob duas perspectivas: uma voltando-se para o que se busca no turismo, e, no caso, o nativo seria o foco da viagem (visitação). E a segunda perspectiva seria ver o turismo étnico pelo que o turista vê (encontra) durante a visitação. (GRÜNEWALD, 2003, p. 151)

O turismo, na medida em que supõe contato, pode levar as diferenças culturais a se tornarem um atrativo. Para Grünewald (2003), o turismo deve ver com legitimidade essa forma moderna de etnicidade comercial criada para turistas (afinal, é uma demanda criada pelo próprio fenômeno do turismo). O autor descreve este espaço como uma arena turística, o espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística. “Há etnicidade aí e a identidade étnica construída nesse

[4] Roteiro Turístico Cultural localizado na Serra Gaúcha, Bento Gonçalves/RS. Sua atratividade está ancorada na etnicidade italiana. O Roteiro está localizado na área rural com forte presença da italianidade na arquitetura, na produção rural e nos saberes locais.

palco também é legítima e autêntica na medida em que autênticos e legítimos são os turismos nesses espaços sociais" (GRÜNEWALD, 2003, p. 5).

Seguindo esta linha de pensamento, Haas (2007) cita que a proposta da Rota Romântica[5] possui um forte apelo étnico-cultural através da utilização de hábitos, costumes e tradições herdadas da presença germânica na região, a partir de finais do século XIX. A gastronomia e a língua, ainda hoje falada por muitos dos locais, têm sido transmitidas de geração em geração; também as manifestações artísticas, arquitetônicas e mesmo folclóricas preservam a influência da germanidade na região.

Ao se falar de germanidade está se falando de um imaginário que é construído de uma herança cultural, como um estado de espírito que caracteriza um povo e envolve partes de uma cultura, que ultrapassa o indivíduo e que impregna o coletivo ou parte deste coletivo. (MAFFESOLI, 2001) Os imaginários são descritos por Gastal (2005) como sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e por que não, a pessoas?). Neste sentido, o imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, nas encruzilhadas do racional e do não racional. (HAAS, 2007, p. 37)

O imaginário construído em torno de Nova Petrópolis e da germanidade a ela imputada se expressa nos jardins floridos, na culinária, na língua, nas danças, na arquitetura, na alegria das suas bandas com repertório de marchas alemãs. Manifestações que são resultados de uma hibridização (SANTOS e BARRETO, 2006) cultural destes povoadores vindos de diversos países da Europa, que envolvem as situações e subjetividades das pessoas ali presentes. Este imaginário estabelece o vínculo, este cimento social que acaba unindo todos em uma mesma atmosfera, impregnando o coletivo. (MAFFESOLI, 2001) Esta germanidade presente em Nova Petrópolis como um jeito de ser é o resultado da mescla entre as tradições herdadas e aquelas que se atualizam nas práticas da comunidade local, ambos constituintes sendo, portanto, possível que esta germanidade seja uma jeito único e

[5] Rota Romântica é um roteiro turístico que reúne 14 municípios no Rio Grande do Sul, ligando a região metropolitana até o alto da serra gaúcha. A cultura alemã e o clima europeu são destaque nesta Rota que oferece excelentes serviços e equipamentos turísticos.

próprio, e não uma simples transposição de tradições de uma Alemanha distante no tempo e no espaço.

3 A PESQUISA E SUAS ESPECIFICIDADES

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, buscou compreender, analisando as memórias e práticas associadas ao Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis (FIF), as relações que se estabelecem entre a etnicidade, o turismo e a cidade de Nova Petrópolis, RS. Optou-se pelo viés qualitativo por entender que este é o caminho mais fértil para a interpretação das experiências instauradas e vividas pelos participantes do evento em análise. Segundo Delgado (2006), a característica fundamental da metodologia qualitativa é a sua singularidade, pois enfatiza as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser em detrimento de explicações generalizantes sobre o fato.

Como metodologia, optou-se pela História Oral (HO), cujos procedimentos priorizam, “através da construção de fontes e documentos, registrar as narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, espaciais, conflituosas, consensuais” (DELGADO, 2006, p. 21). O trabalho com a História Oral, para Alberti (2004), consiste no registro de depoimentos de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, fatos, modos de vida da história contemporânea. Ou seja, a memória é sua matéria-prima privilegiada, daí a necessidade de se iniciar as considerações metodológicas por abordá-la com maior vagar.

3.1 Memória

Construir um conceito capaz de descrever o significado e a abrangência da memória tem motivado pesquisas e reflexões acadêmicas. Visões distintas buscam descrever este fenômeno, no entanto, um aspecto de convergência entre os pesquisadores da área seria a concepção de que a memória é um processo e, portanto, estaria em constante mudança e transformação. (GONDAR, 2006; SÁ, 2005) A memória pode ser tratada sob diferentes olhares, como os da Sociologia, Psicologia, Filosofia, Antropologia, História ou da Neurologia, dentre outros, pois ela se apresenta como uma temática que não pertenceria a um único campo do saber.

Por esta razão, torna-se uma área de conhecimento transdisciplinar, polissêmica e transversal, o que enriquece a reflexão sobre o tema.

Gondar (2006) e Sá (2005) partilham da visão da memória como processo em construção; compreendem que o conceito de memória social não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel e unívoca. Afirmam tratar-se de um conceito complexo, inacabado e em permanente processo de construção. Sá (2005), por sua vez, afirma que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas e, sim, uma construção que se faz a partir de diferentes visões. Tratar-se-ia de um processo entre esquecimento e lembranças, sendo a lembrança, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, para reconstruções feitas em épocas anteriores. (HALBWACHS, 1990) Significa dizer, portanto, que as lembranças e recordações se constroem socialmente, havendo uma relação de disputa, de poder, sobre o que lembrar e o que esquecer. (HUYSSEN, 2000)

A discussão acerca da memória é um processo emergente nas sociedades ocidentais. Este movimento surge aproximadamente na década de 1960, especialmente a partir do resgate das perseguições aos judeus pelo nazismo, o que passou a ser tratado como memória do Holocausto. (HYUSSEN, 2000) Hyussen considera que se criou uma verdadeira metodologia neste caso, o que levou a que a palavra Holocausto se generalizasse e passasse a denominar outros tipos de genocídio, praticados em outras partes do mundo, tornando globais processos antes vistos como locais e, até, marcas de lugar. O mesmo autor ainda aponta que tal movimento segue em forma de onda, ampliando sua abrangência e passando do campo da preservação e da rememoração pessoal e social, para se tornar uma tendência de moda.

Huyssen (2000) relata que, na década de 1970, observavam-se, por exemplo, a preocupação com a restauração dos centros urbanos, empreendimentos patrimoniais de preservação de prédios e monumentos. Atentava-se, igualmente, para a onda de uma nova arquitetura de museus, tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos. Com isso, surgiram verdadeiras esculturas arquitetônicas, em muito associadas ao turismo, chamando a esse período de “*boom* da moda retro e dos utensílios reprô” (Huyssen 2000, p. 97), envolvendo a comercialização em massa da

nostalgia e gerando a indústria da memória. Refere-se, ainda, à obsessiva musealização que se estende pelas artes visuais, televisão e literatura, mas que também envolveria a automusealização da vida pessoal e privada. O cenário de crescimento desta cultura geraria uma comercialização crescente e bem-sucedida da memória pela indústria cultural. Para Huyssen (2000), não há dúvidas de que o mundo estaria sendo musealizado e, complementa, ponderando, que todos nós representamos os nossos papéis neste processo.

Gondar (2006) vê a memória enquanto fenômeno processual, desencadeando quatro proposições: (a) memória social é transdisciplinar; (b) o conceito é ético e político; (c) sua construção é processual; e (d) a memória não se reduz à representação.

- Memória social como transdisciplinar permite uma leitura de que este objeto de pesquisa não pertence a nenhuma disciplina e, portanto, nenhuma disciplina goza do privilégio de conceituá-la. Gondar (2006) reforça a ideia de um campo em que várias disciplinas dialogam, mas cada uma em um território próprio, considerando a memória social como um campo transdisciplinar. Ou seja, a pretensão não é a de manter as diferenças, mas, sim, propor um diálogo, um questionamento contínuo envolvendo novos discursos e novas práticas de pesquisa.

- Memória social é ética e política. A memória seria produzida pelas escolhas de uma classe social ou de um grupo e possuiria, sim, intencionalidade direta ou indireta de evidenciar alguns fatos e relativizar outros. Segundo Gondar (2006), seria uma maneira de pensar o passado em função do futuro almejado.

- Memória é uma construção processual. Esta proposição nos conduz a reconstruir o passado, porém, uma reconstrução que nós fazemos e que, nesse processo, diz mais de nós mesmos, da nossa perspectiva presente e do frescor dos acontecimentos passados. Este é um conceito contemporâneo; somente na história do pensamento recente é que os sujeitos admitiram que a memória seria algo que eles mesmos constroem a partir das suas relações pessoais.

- Memória não se reduz à representação. O entendimento de que a memória não se limita apenas a arquivos representativos de um povo, de acontecimentos de uma cultura, mas, sim, propõe percebê-la como parte integrante

da esfera social que é “viva, pulsante e em constante mudança” (GONDAR, 2006, p. 89).

3.1.1 Memória coletiva

Halbwachs (1990) compreende a memória coletiva como um processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade e sociedade. Admite haver tantas memórias quantos forem os grupos, pois toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Sob tal perspectiva, o ser humano, ao constituir novos grupos ao longo da vida, criando novos amigos, constituindo família, renovaria os grupos do qual participa. É nesta relação entre lembranças e esquecimentos que ocorre a construção da memória em grupo. Isso faz com que cada grupo tenha uma história, pois no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. Na maior parte do tempo, lembrar não é rever, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje a experiência do passado. O tempo lembrado não seria a permanência do passado, mas viver o presente a partir dos valores ressignificados.

Vecchia (2011) traz uma reflexão pertinente, indicando que a memória social ou coletiva não se confunde com a memória histórica, pois a história resulta de uma construção cristalizada por um grupo estabelecido para se defender contra a permanente erosão da mudança. Se em princípio a memória parece ser um fenômeno individual, convém destacar, mais uma vez, que nossas lembranças são coletivas. As pessoas não precisam estar presentes; mesmo o indivíduo sozinho, em pensamento, se desloca de um grupo para outro, amarrando a memória da pessoa à memória do grupo e a do grupo à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade, ressaltando que o instrumento socializador da memória é a linguagem. (HALBWACHS, 1990)

Ainda assim, o conceito de memória coletiva ou social tem sido tratado pelas diversas abordagens teóricas no campo das Ciências Sociais de forma contraditória. Talvez um dos fatores para a falta de precisão teórica se deva ao fato de a memória estar em cada passo dado, nas ideias pensadas, nas ações realizadas: ela está

presente em tudo e em todos. Na condição de seres humanos, todos têm cota de interesse na troca de conhecimentos entre as ciências para dar conta de compreender a Pós-Modernidade das sociedades complexas nas quais estamos imersos. (VECCHIA, 2011)

A relação estabelecida entre memória, lembrança e identidade remete a questionamentos: por que lembrar algumas coisas e esquecer outras? A construção das memórias é resultado de processos externos ao sujeito? A quem interessa a construção de uma identidade coletiva, de grupo ou comunidade? Qual é a identidade a ser construída? A memória se inscreveria nas lembranças contra o esquecimento e criaria sentimentos de pertencimento e identidade, para que as futuras gerações tomem conhecimento dos acontecimentos e tenham uma definição do que os diferencia dos outros grupos. (LEITE, 2011). A memória é em parte herdada, pois não se refere somente à vida física da pessoa. As flutuações da memória dão-se em função do momento em que ela é articulada e organizada. No caso da memória social, citam-se como exemplo as datas nacionais, oficialmente selecionadas; nesta seleção se estabelece uma disputa e conflitos, pois o que está em questão são as datas e acontecimentos que irão ser gravados na memória de um povo, segundo Pollak (1992).

Para pensar a cidade de Nova Petrópolis e o processo de construção do Festival Internacional do Folclore, assim como as tradições reinventadas pelos sujeitos envolvidos neste evento, entende-se que o conceito de memória coletiva permitirá acessar com mais qualidade as instâncias do vivido, as intencionalidades dos sujeitos-atores deste processo, os valores, as práticas e suas representações sobre tal processo. Sem deixar de buscar a memória social do evento e da cidade, no sentido de capturar as lembranças ‘oficiais’ e legitimadas pelo grupo mais amplo, interessa compreender o FIF a partir da memória coletiva “viva, pulsante e em constante mudança” (GONDAR, 2006, p. 24), daqueles que participaram e participam do evento.

A memória é uma construção, alimentada por fatos tanto conscientes quanto inconscientes. A memória é um fenômeno construído social e individualmente, porém quando se fala de uma memória herdada, sendo possível deduzir que haveria uma ligação estreita entre tais memórias e sentimento de pertencimento, que

alimentaria as identidades pessoais e sociais. A memória é seletiva, pois nem tudo fica gravado: fazemos escolhas e, quando lembramos algumas coisas, apagamos outras. Para Vecchia, seguindo o neurocientista argentino naturalizado brasileiro Ivan Izquierdo, “somos aquilo que recordamos e também somos o que resolvemos esquecer. O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários nos dizem quem nós somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro, isto é, nos dizem quem poderemos ser”. (2011, p. 79)

Por que esta obsessão pela memória e por que este medo do esquecimento? Por que estamos construindo museus como se não houvesse o amanhã? Estamos vivendo um tempo de comercialização da memória, capitaneada especialmente pela mídia e os meios de difusão da informação. Segundo Huyssen (2000), quanto mais nos pedem para lembrar e para não cair no esquecimento, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer. Assim, um dos aspectos levados em consideração no estudo da memória é o esquecimento, pois, de acordo com Izquierdo *apud* Vecchia (2011), o ser humano esquece a maioria das informações que adquire[6]. Le Goff entende que “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas”. (1994, p. 75)

Não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias, a mídia como veículo para difundir as várias formas de memórias. Vale sempre lembrar o instigante questionamento: quais as razões que motivaram esta retomada das memórias, a exemplo do Holocausto, somente em pleno século XX? Este cenário aponta para refletir sobre a mercantilização desta memória, que passa a ser usada na sua espetacularização como em filmes, museus, sites, livros, história em quadrinhos, músicas e até atrativos turísticos. O passado está vendendo mais que o futuro, basta analisar a tendência da onda retrô[7] nos mobiliários, modelagem das roupas que se inspira em décadas passadas, a decoração como réplicas de peças antigas. (HYUSSEN, 2000) Em termos de mídia, é preciso considerar que se tem centenas de canais de televisão, com programação de 24 horas no ar. Essa presença, por que não dizer obsessiva, leva à necessidade de gerar conteúdos permanentemente e, nesses

[6] Neste sentido, para a neurociência, procurar entender as diferentes formas de esquecimento auxilia no entendimento da memória em si.

[7] Refere-se à tendência de um período anterior, passado.

termos, o presente não dá conta de fornecer tantos conteúdos, sendo necessário buscá-los também no passado.

A compreensão de que a memória é um fenômeno processual, em construção, não significa excluir as representações coletivas, mas, efetivamente, incluir a invenção é a produção do novo. Segundo Leite (2011), não haveria memória sem criação, seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa; perderíamos a riqueza do conceito.

3.2 A memória e o método

O fascínio pelo vivido é uma das principais vantagens da História Oral, segundo Alberti (2004). Para a autora, a experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto e, por isso, mais atraente na divulgação do conhecimento. Este método move-se em um terreno interdisciplinar e interage com a Antropologia, Sociologia e a Psicanálise, referências a serem utilizadas para a construção dos roteiros de entrevistas, diz Delgado (2006). Conforme Alberti, a memória é fonte principal, pois é ela que subsidia e alimenta as narrativas que constituirão a fonte histórica produzida. Conforme Thompson (1992), a utilização da evidência oral provoca uma mudança de enfoque da história. O autor exemplifica que o método tem uma natureza criativa e cooperativa, no qual o processo de escrever a história muda juntamente com o conteúdo. Afirma, ainda, que, assim, a história torna-se mais democrática.

A opção metodológica de trabalhar com História Oral, como o método de fundo deste estudo, vem ao encontro do problema norteador desta dissertação. Busca-se pesquisar a relação e contribuição do Festival Internacional do Folclore em termos de preservação da memória local e da construção de uma nova memória social do lugar. Identifica-se, portanto, uma adequação do método ao objeto de pesquisa, pois a História Oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. A História Oral ainda permitiria construir diálogos - relações entre a etnicidade, o turismo e os aspectos da inovação e renovação próprios dos eventos turísticos e, na sua abertura, as trocas com outras

técnicas de pesquisa incentivam o apoio das técnicas de pesquisa como as da etnografia, para melhor compreensão do FIF.

A História Oral estabelece uma relação entre dois tempos, concepção compartilhada por Thompson (1992), Delgado (2006) e Alberti (2007), ao dizerem que, na entrevista, o sujeito está no tempo presente em que constrói a sua narrativa no aqui e agora (hoje), porém relata sobre um tempo passado (ontem). Fala-se de um tempo, sobre outro, o que significa registrarem-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje. (DELGADO, 2006)

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da História Oral é que, em muito maior amplitude do que na maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. (THOMPSON, 1992, p. 25) O autor destaca que a história local é um dos aspectos que integram o método da memória oral. Compreende que é por meio da história local que uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir raízes pelo conhecimento pessoal da história. Esta visão é também destacada por Alberti (2004), que diz que a riqueza da História Oral está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado, capazes de incidir sobre a realidade e sobre o entendimento do passado.

Neste contexto, o desafio da História Oral relaciona-se justamente com a finalidade social e essencial da história, que passa a ter uma nova dimensão. (THOMPSON, 1992) A experiência de vida das pessoas passa a ser utilizada como matéria-prima. Dessa forma, devolve às pessoas (que fizeram e vivenciaram a história) um lugar fundamental, com suas próprias palavras. A esta compreensão é que Thompson, em 1966, chamou de “história vista de baixo”. O autor explicitava: “apenas os vitoriosos [...] são lembrados. Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos” (THOMPSON, 1992, p. 43).

A História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. (THOMPSON, 1992) O método pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e à determinada época. Alguns historiadores temem que a História Oral seja somente um instrumento de mudança,

porém Thompson diz depender do espírito como está sendo utilizada, podendo ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. O autor exemplifica que, em alguns campos, a História Oral pode resultar não apenas na mudança de enfoque, mas na abertura de uma nova dimensão, novas áreas importantes de investigação. Por exemplo: pesquisar sobre a maioria dos operários não sindicalizados e a experiência normal de trabalho e seu impacto sobre a família e a comunidade. Para Paul Thompson (1992), a singularidade é a profunda lição da história oral e de cada história de vida: “A evidência oral transforma os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história não só mais rica, mas mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 1992, p. 137).

O autor comenta que a História Oral, ao coletar depoimentos individuais, referentes a processos históricos e sociais, apresenta uma gama de potencialidades metodológicas e cognitivas entre as quais se destacam os aspectos relacionados ao objeto de pesquisa:

- Recuperar memórias locais, comunitárias, sob diferentes olhares e vozes.

- Recuperar e organizar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em documentos.

- Contemplar visões sobre personagens e testemunhas da história que nem sempre são considerados pela história oficial.

- Possibilitar a associação entre acontecimentos da vida pública e da vida privada, por meio de narrativas individuais.

Entre as potencialidades, também se identificam os desafios e limites da História Oral, que devem ser considerados:

- Aplicabilidade do método somente a épocas contemporâneas, à história do tempo presente.

- O predomínio da subjetividade é um desafio e deve ser considerado no momento do recolhimento do depoimento e como se relaciona no momento da interpretação.

- Possível influência do conteúdo, no momento da passagem da entrevista oral para o papel, do transcritor da entrevista, mesmo que involuntária.

- Influência da conjuntura sobre o documento produzido, o que poderá mudar entre a coleta da informação e o momento de análise da informação.

- Dificuldade de registrar expressões de rosto, olhares, emoções, pois estamos trabalhando com o registro de voz (somente), quando não foi gravado em vídeo.

Estas potencialidades e limites metodológicos objetivam registrar, em parte, a complexidade da metodologia em questão. Para Delgado (2006), os pesquisadores que se propõem a trabalhar com a HO se desafiam e se sentem estimulados, pois compartilham das dificuldades do processo que envolve recolher, registrar, transcrever e socializar as narrativas. Nesse contexto, o pesquisador pode se reconhecer como sujeito integrante do movimento da História. Ouvir história de vida é também compartilhar o fazer da História e contribuir para a interação entre a experiência pessoal e o fio intrincado da história coletiva. (DELGADO, 2006)

3.2.1 Projeto de pesquisa

A elaboração de Projeto de Pesquisa é considerada como uma etapa crucial na aplicação do procedimento metodológico da História Oral enquanto início promissor da pesquisa. O *corpus* desta metodologia oferece suporte especialmente nos projetos que irão enfocar raízes históricas de alguma preocupação contemporânea. (DELGADO, 2006; THOMPSON, 1992)

Alberti (2006) alerta que é preciso estar atento para o fato de que a História Oral não é solução para tudo; diz que convém ter claro onde ela pode ser útil e delimitar sobre o que vale a pena perguntar. A autora relaciona alguns campos de pesquisa em que a História Oral pode ser útil: história do cotidiano; história política; padrões de socialização e trajetórias; histórias de comunidades; biografias; histórias de experiências e tradições culturais. Enfim, uma gama de possibilidades dentro

deste espectro da História Oral. São abordados com maior profundidade os campos relacionados ao objeto de estudo desta dissertação:

- História de memórias - a metodologia proposta é bastante adequada ao estudo da história de memórias, de representações do passado. Estudar esta história é estudar o trabalho de constituição e de formalização das memórias, que estão em processo constante de negociação. A constituição de memórias está atrelada à construção da identidade. Aqui não está se falando de construir memórias e, sim, sobre o estudo da constituição de memórias que são mutantes, podemos falar de uma história de memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada através de entrevistas de história oral.

- Registro de tradições culturais - entrevistas de História Oral transmitem tradições culturais que vão surgindo à medida que o entrevistado vai acessando suas camadas de memória, como: histórias, canções, poemas, provérbios, danças, modos de falar de um grupo, etc.

- Histórias de comunidades - a metodologia da História Oral pode ser utilizada para a reconstituição de trajetórias de comunidades específicas como de bairro, de imigrantes e de genealogias de famílias dessas comunidades.

Delgado (2006) destaca que o objeto da pesquisa deverá ser bem definido e problematizado. O pesquisador deverá fazer uma investigação detalhada sobre o assunto, através de leitura prévia e do uso de pesquisa documental. Neste sentido, a História Oral e pesquisa documental caminham juntas, estabelecem uma relação que é bidirecional e complementar. A autora detalha que ambas fornecem simultaneamente subsídios e informações, tornando o processo de construção de fontes orais extremamente desafiante e rico.

Identifica-se que o objeto de pesquisa deste estudo - 40 edições do Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis - está adequado à metodologia proposta. A motivação para a construção do problema de pesquisa parte, num primeiro momento, do conhecimento prévio da pesquisadora sobre parte da trajetória deste evento por ser uma local e ter vivenciado diversas edições do Festival.

O problema formulado para pesquisa é: como o Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis, ao longo das suas 40 edições, contribuiu para a preservação da memória local ao mesmo tempo em que estaria construindo uma nova memória social do lugar?

Posto o problema, coloca-se como objetivo geral o de compreender as relações (diálogos) entre o Festival Internacional do Folclore, com a cidade de Nova Petrópolis - RS, a memória coletiva local e o turismo, permeado por um diálogo contemporâneo com a etnicidade (posto como germanidade).

Os objetivos específicos são:

- Mapear a história do FIF, através das diversas vozes locais.
- Identificar as possíveis formas de construção da memória social e coletiva do local.
- Abordar a presença histórica do turismo em Nova Petrópolis e a construção de um imaginário de germanidade.

3.2.2 As técnicas de pesquisa

O FIF é um evento com uma tradição de realizações consecutivas, entretanto, as pesquisas exploratórias iniciais mostraram que sua história está longe de ser consolidada. A pesquisa evidenciou os limitados registros sobre a trajetória deste Festival, razão pela qual parte-se do reconhecimento de diversas vozes relacionadas ao evento: jornais, dançarinos, gestores, comunidade local, visitantes, registros visuais. As fontes de pesquisa documental foram: o Arquivo Histórico do Município, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, o Museu Histórico Municipal, a Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis e acervos pessoais.

Por outro lado, este trabalho ambiciona não só resgatar a história do Festival, mas contribuir para que a sua experiência enquanto evento de sucesso possa contribuir para uma compreensão mais ampla dos eventos culturais, que eleve a qualificação dos mesmos não só em Nova Petrópolis, como na região. Nesses termos, as técnicas de pesquisa propõem um diálogo de História Oral com a

Antropologia, para a aproximação da história com o momento presente. Realizaram-se entrevistas e pesquisa documental, sob os ditames da HO, e observação participante, conforme a Antropologia.

3.2.2.1 Dialogando com a Antropologia

Segundo Oliveira (2007), o campo antropológico tem por principal característica produzir o conhecimento a partir da prática de desvendar e interpretar evidências simbólicas. O antropólogo, ao coletar e interpretar as formas de estar no mundo, age como um tradutor destas diferentes concepções de mundo. Ao articular estes distintos olhares, a Antropologia produz conhecimento sobre práticas e representações sociais locais - a partir de experiências concretas junto a grupos culturais delimitados -, mas ultrapassando o local para abranger aspectos universais da vida social.

A Antropologia - somada à Etnografia como técnica de pesquisa - permite entender as diferentes formas de vida, os estilos e valores de vida, as formas de expressão e de significação humana. Compreende-se que o uso destas técnicas gere uma soma, uma complementação, ao método da História Oral. Dessa forma, oferecem a este estudo um suporte de técnicas mais flexíveis, que podem abraçar o objeto de estudo no sentido mais amplo, pois se fala de uma cidade, das pessoas, das suas tradições, das suas vidas.

A definição do campo antropológico como referência teórico-metodológica da pesquisa realizada atende a proximidade da relação que se estabelece entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa. Trata-se de um olhar presente, de um observador como parte integrante ao projeto, que vivencia e vivenciou várias das edições do FIF, de uma pesquisadora que não é neutra, pois seus vínculos sociais, familiares, emocionais e profissionais estão relacionados ao campo de pesquisa em Nova Petrópolis. Trata-se de uma relação visceral com o objeto de pesquisa.

Concordando que a questão metodológica não pode ser tratada como uma receita fechada, Oliveira (2000), assim como Rocha & Eckert (2008), tratam de questionar as formas de produção dos dados de conhecimento baseadas na

observação das ações humanas e suas interpretações. A observação sistemática e participante é uma das técnicas de significativa importância para este estudo do FIF. Rocha & Eckert (2008) referem-se à adesão irrestrita do pesquisador à frequência e observação sistemática como procedimentos associados à convivência estabelecida entre pesquisador(a) - pesquisados(as), destacando não só o tempo, como também o componente narrativo que encerra a etnografia.

Para Oliveira (2007), através da etnografia é possível articular o olhar de fora com o olhar de dentro, o local com o universal. Eckert (2001) acompanha este autor sinalizando que a perspectiva e o lugar do pesquisador, ao descrever a percepção sobre o outro, ocorrem em um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno observado, o que implica o sentimento de estar lá e estar aqui.

3.2.2.2 A entrevista

Para Meihy (1998), a História Oral é um procedimento premeditado de produção do conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação. A entrevista se constitui como a técnica de suporte para este método. A narrativa é um dos principais alicerces da História Oral, sendo que o acontecimento ou uma situação vivida pelo entrevistado não pode ser transmitido a alguém sem que seja narrado. Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem. (ALBERTI, 2007)

Neste estudo, decidiu-se usar a técnica da entrevista para capturar a diversidade de opiniões sobre o FIF e busca-se perceber a contribuição do Festival na construção de memórias locais e coletivas, no tempo presente e no passado. As entrevistas são fontes de informação e uma maneira de aproximação da realidade. Alberti (2007) trata as entrevistas como pistas para se conhecer o passado e o presente, afirmando serem “versões” e “relatos” sobre este passado. Não cabe ao pesquisador julgar estas versões, mas é interessante conhecer diferentes posições sobre os acontecimentos.

Cabe ao pesquisador a definição dos critérios de amostragem e o perfil dos entrevistados. Delgado (2006) indica que os critérios podem ser múltiplos, como a

participação ativa no processo histórico pesquisado e, com relação à quantidade, sugere que o número deve permitir comparações, de forma que permita destacar conteúdos divergentes e convergentes. Para definição dos entrevistados, a autora sugere associar o plano de amostragem à imagem de um tronco de árvores com múltiplos galhos. Diz que as pessoas- chaves, nucleares, servem como referência para a seleção dos demais entrevistados.

Thompson (1992) alerta que ser bem-sucedido na entrevista exige habilidade, por existirem estilos diferentes de entrevista. Descreve que os estilos vão desde uma conversa informal e amigável até o estivo mais formal e controlado de perguntar. O sucesso de uma boa entrevista está na preparação de informações básicas sobre o assunto a ser abordado. O autor chama de entrevista exploratória uma forma de mapear o campo, colhendo ideias e informações. Esta etapa do processo é importante, pois quanto mais se sabe, mais provável que se obtenham informações históricas importantes de uma entrevista, diz Thompson (1992). O estilo de entrevista empregado nesta pesquisa é a semiestruturada, a qual Thompson (1992) descreve como uma conversa livre, em que a pessoa, “o portador da tradição”, o “testemunho” ou o “narrador” trata sobre o assunto de interesse comum.

A pesquisa de campo deste estudo dividiu-se em três momentos distintos: a primeira etapa caracteriza-se pelo levantamento de informações documentais e bibliográficos. Na segunda e terceira etapas ocorre, paralelamente, a aplicação das entrevistas e a observação participante. Toma-se como universo de investigação, portanto, os participantes envolvidos com o Festival, na atualidade e em tempos passados, moradores da cidade ou não; aqueles que ali circulam por motivos de trabalho ou turismo, por exemplo, serão considerados interlocutores importantes para a pesquisa. O conjunto de entrevistas trabalhadas envolveu 16 depoimentos, seguindo os critérios de representação e envolvimento com o evento, com gestores públicos e privados do Festival. Foram entrevistados também integrantes de Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis e integrantes da comunidade local, além de pessoas que tenham contribuído de forma significativa na construção do Festival do Folclore.

As entrevistas tiveram por objetivo identificar as memórias presentes sobre as primeiras edições do Festival e perceber quais e de que forma se manifestam as novas memórias geradas pelo Festival na comunidade. Esta técnica foi conduzida

de forma aberta e semidirigida, construídas a partir de um roteiro norteador semiestruturado, passível de ser modificado a partir do próprio processo de interação com o entrevistado. O registro de seis das entrevistas se deu através de gravação e posterior transcrição textual e literal dos depoimentos recolhidos, as demais dez entrevistas foram coletas de documentos do FIF parte integrante do acervo do evento.

Apresentam-se os entrevistados com um breve descritivo do seu perfil:

Carla Cristiane Ferreira (39 anos): Coordenadora do Grupo de Danças Folclóricas *Sonnenschein* por 15 anos. Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis em 2000. Diretora do Departamento de Cultura de Nova Petrópolis, gestão 2009 a 2012. Coordenadora do Festival Internacional de Folclore no período de 2009 a 2012.

Teresinha Haas (56 anos): Mestre em Turismo. Professora universitária de Turismo em 1997. Secretária de Turismo de Nova Petrópolis no período entre 1975 a 1996.

Adélia Hillebrand (65 anos): Professora aposentada. Fundadora e Coordenadora do *Grupo Bohmerlandtanzgruppe*, no período entre 1987 a 2003. Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis nas gestões 1993 a 1994 e 1997 a 1998. Sub-Secretária de Turismo no período entre 1997 a 2000.

Yedda Leão Michaelsen (52 anos): Fundadora do Grupo *Volkstanzgruppe Freundschatfskreise* e Coordenadora, nos períodos de 1992 a 2000 e 2004 a 2005, do Grupo Infantil. Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis nas gestões 2000 a 2002 e 2004 a 2005. Sub-Secretária de Cultura de Nova Petrópolis de 2001 a 2004. Atual Secretária Adjunta de Educação, Cultura e Desporto de Nova Petrópolis, gestão 2013 a 2016.

Lorena Seger (54 anos): Professora. Gestora Pública. Sub-Secretária de Cultura de Nova Petrópolis nos períodos de 1997 a 2000 e 2005 a 2008. Presidente da Fundação Cultural Nova Petrópolis no período de 1997 a 2003.

Benno Heumann (69 anos): Professor aposentado. Pesquisador do Folclore. Fundador de vários grupos folclóricos em Nova Petrópolis, atuou como funcionário da Prefeitura de Nova Petrópolis no período entre 1985 e 1992. Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis de 1995 a 1997.

Entre os documentos do FIF, constam dez entrevistas de fonte primária, realizadas para a edição comemorativa dos 40 anos do Festival. Considerando que as pessoas entrevistadas atendem o perfil de amostragem acima descrito, esses foram trabalhados ao longo deste estudo, integrando o material de pesquisa de campo. Segue apresentação dos entrevistados:

Renato Urbano Seibt (78 anos): Pesquisador, historiador e professor aposentado. Criador do Arquivo Histórico Municipal.

Ana Carina Raimann (28 anos): Professora. Coordenadora do Grupo de Danças *Bohmerlandtanzgruppe, 15 anos*. Segunda Princesa do Folclore 2001. Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis gestão 2011 - 2012.

Maria Zilles Knorst (64 anos): Professora aposentada. Fundadora e Coordenadora do Grupo de Danças *Volkstanzgruppe Tannenwald* - 33 anos. Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis no período de 1990 - 1991.

Irmgard Schuch (83 anos): Professora aposentada. Coordenadora do Grupo de Danças Internacionais - 13 anos.

José Mário Hansen (62 anos)**:** Integrava a equipe de funcionários na gestão que realizou o primeiro Festival de Folclore, em 1973.

Junara Hansen (56 anos): Integrava a equipe de funcionários na gestão que realizou o primeiro Festival de Folclore, em 1973.

Walmin Lied (66 anos): Coordenador do Grupo de Danças *Schützenhaus Tranzgruppe*, de Nova Petrópolis.

Loni da Silva (69 anos): Coordenadora do Grupo de Danças Margaridas, de Nova Petrópolis.

Anita Haugg (59 anos): Diretora da APAE Nova Petrópolis (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais).

Alexandra Ponath (38 anos): Integrante do Grupo de Danças por mais de 10 anos.

A etapa após a realização das entrevistas, seguindo a proposta de Thompson (1992), é desafiadora. Trata-se justamente da habilidade de como articular as fontes e informações que estão disponíveis, como construir a história, como interpretar e extrair as informações necessárias das entrevistas realizadas.

O autor apresenta uma proposta que será dividida em três momentos distintos. Em primeiro lugar, aponta ser necessário considerar as opções que se pode fazer quanto ao modo e à forma de apresentação deste material. No segundo momento, diz ser necessário definir como serão avaliadas e testadas essas evidências (entrevistas coletadas). O terceiro momento (etapa final) trata-se da etapa da interpretação, ou seja, como relacionar a evidência com modelos mais amplos, com teorias da história, como fazer com que a história ganhe sentido.

A construção da história, partindo das evidências da História Oral, pode ser construída de maneiras distintas. Thompson (1992) apresenta três possibilidades desse processo: (1) a narrativa da história de uma única vida; (2) uma coletânea de narrativas e (3) análise cruzada da evidência oral.

Nesta dissertação, a coletânea de narrativas é um dos modos a ser utilizado na construção da história do FIF, pois permite que as narrativas integrem a construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as como um todo ou fragmentadas em torno de um tema comum. A análise cruzada também será fonte para a construção do produto da pesquisa; ela permite que a evidência oral (entrevista) possa ser utilizada para organizar o texto expositivo e avaliada, julgada, comparada e citada paralelamente ao material de outras fontes.

3.2.2.3 Observação participante

Pode-se dizer que a técnica etnográfica consiste na inter-relação entre pesquisadores e pesquisados, baseado na postura do pesquisador de saber “olhar, escutar e escrever” (OLIVEIRA, 2007). Cabe ao pesquisador realizar a observação direta e participante, por meio da valorização das conversas formais e informais sobre os aspectos da vida social, os valores éticos e morais, os códigos da emoção, as motivações que os animam a agir no mundo. A observação participante aparece, então, como a mais importante técnica na coleta de dados, porém é possível identificar, entre os autores, ênfases diferenciadas nas formas de abordagem e na postura do pesquisador.

A observação participante pode ser considerada como a técnica de pesquisa estruturada nas ciências sociais, pois não supõe nenhum instrumento específico para direcionar a observação. Por esta razão, o papel e a responsabilidade passam a ser inteiramente do pesquisador. Nesta dissertação, realizou-se a observação participante de quatro reuniões preparatórias da Comissão Organizadora do 40º Festival do Folclore, das atividades de ensaio do Espetáculo Epopeia dos Imigrantes, do lançamento do FIF, realizado em Nova Petrópolis no dia 17 de junho, com quarenta dias de antecedência ao início do Festival.

A observação participante seguiu de forma sistemática também durante o evento, que ocorreu entre os dias 27 de julho e 12 de agosto de 2012, com destaque para as seguintes atividades: Desfile de integração e abertura oficial; Baile de integração; Celebração da vida, paz e da diversidade; Noite cultural; Mostra cultural; Jogos germânicos, além de apresentações culturais no palco principal do evento. Para além desses momentos rituais e extraordinários, também foram observados momentos cotidianos que antecedem e sucedem o evento, posto que, como pesquisadora moradora da cidade, foi viabilizado o acesso e convivência ao ambiente urbano, no sentido mais amplo, para além dos momentos relacionados diretamente com o evento, e, também, dos tempos ordinários e rotineiros da cidade.

O período de trabalho de campo, portanto, abarcou mais de dezesseis meses de observações e conversações com os sujeitos envolvidos com o evento, para além das observações exploratórias e coleta de dados já realizada sobre o tema. Os

dados coletados através dessas observações e interações foram registrados em Caderno de Campo, de forma a assegurar que, mesmo as pequenas informações (ou *insights* do pesquisador), não se percam no esquecimento.

Considera-se importante a pesquisa de imagens do evento. Para isso, mais uma vez buscou-se o apoio da Antropologia, no caso, a Antropologia visual e da imagem que considera as fotografias como um recurso narrativo e não meras ilustrações do objeto pesquisado. Seguindo Godolphin, as fotografias e imagens em movimento se relacionam com a etnografia de, pelo menos, duas formas:

> a) a fotografia como um instrumento de pesquisa, isto é, de produção de conhecimento etnográfico, onde a fotografia é tomada como mais uma técnica de documentação, junto com caderno de campo e o gravador, que se usa para registrar seus dados. [...] c) a fotografia como um elemento do discurso antropológico: como parte integrante de um "texto" que o antropólogo constrói ao propor uma interpretação da situação social estudada. O texto, tradicionalmente escrito, pode também ser apresentado de forma imagética, como um filme ou uma exposição fotográfica (1995, p. 167-168).

Nessa perspectiva, as imagens não serão compreendidas como anexos ou adendos ao texto dissertativo, mas serão capturadas como "texto" que concorre para a reflexão sobre os temas em questão.

3.2.2.4 A pesquisa documental

O método etnográfico foi acompanhado de pesquisa bibliográfica-documental no Arquivo Histórico do Município; Secretaria Municipal de Educação e Cultura; Museu Histórico Municipal; jornal local de circulação regional. Nesta etapa da pesquisa documental, foram utilizados, também, os acervos dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis e acervos pessoais.

De igual forma, torna-se necessário a realização de pesquisa bibliográfica sobre o Festival e a cidade de Nova Petrópolis. Embora reconhecendo que há pouca produção bibliográfica e monográfica sobre esses temas, buscou-se o material existente, pois compreende-se que, assim, evidencia-se mais uma voz, mais um olhar sobre a história do Festival e de Nova Petrópolis.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram tratados como documentos de pesquisa: as revistas comemorativas aos 30 e 40 anos do Festival, publicações em jornais locais, registros pontuais em livros históricos da cidade e documentos - em forma de entrevistas brutas - do acervo do Festival do Folclore. Sobre a produção científica, não foi localizada produção específica do FIF, exceto um trabalho de conclusão da Graduação em Turismo. Torna-se pertinente registrar o uso preferencial de autores locais no referencial histórico da cidade e do evento para valorizar o olhar local.

4 NOVA PETRÓPOLIS E SEU FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE

Neste capítulo, procura-se reunir informações referentes ao contexto histórico e social de Nova Petrópolis, permeado pelo legado da germanidade, de forma que o leitor possa compreender o contexto no qual está inserido o FIF e a vocação turística deste município. Objetiva-se, também, apresentar o mapa do percurso percorrido pelo FIF nestes 40 anos, subdividindo-o em quatro momentos: Momento fundador; Momento do crescimento e adolescência; Momento da maturidade e 40º Festival Internacional do Folclore.

4.1 Germanidade como legado: Nova Petrópolis

A imigração do início do século XIX na Europa ocorre em um contexto de significativas mudanças sociais e econômicas. Segundo Paz (2006), a Revolução Industrial se expandiu no século XIX, especialmente na Alemanha, Itália e Japão, chamados de países do capitalismo tardio. A Revolução Industrial acenava com produção maior, mais empregos, diversificação de produtos, bem-estar e felicidade para todos. A autora (2006) explicita alguns impactos e transformações provocadas neste período, como a expulsão dos camponeses do campo, a retirada dos artesãos do sistema produtivo e as consequentes dificuldades econômicas enfrentadas pela maioria dos trabalhadores.

Nesse âmbito afloram as principais razões que motivam a emigração, quase em massa, da Europa. Schmitz (1998) destaca a explosão demográfica, as guerras napoleônicas, o processo de industrialização e a depressão econômica. O período de 1816 e 1817 é marcado por uma depressão econômica aguda e com escassez de alimentos, que culmina na grande fome da Europa Central, especialmente França, Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia e Países Baixos. O autor (1998) detalha algumas das principais causas que geraram esta emigração ao lembrar o rompimento do equilíbrio demográfico secular entre natalidade e mortalidade no início do século XIX. Avalia que o avanço da medicina e as melhores condições de vida também contribuíram para gerar um crescimento demográfico explosivo. Por consequência, surgem os excedentes demográficos e as dificuldades de colocação

profissional. No meio rural, as propriedades, já caracterizadas por minifúndios, foram sendo divididas entre as famílias, ao ponto de não oferecerem condições mínimas de sobrevivência. Este cenário, associado ao fim das grandes guerras napoleônicas e ao processo de industrialização, fez a Europa mergulhar numa crise intensa. Vogt (2006) complementa que, entre os motivos da emigração, também estavam o medo de serem convocados para a guerra, o espírito de aventura e o acalentado desejo de se tornarem proprietários de terras na América, África ou Oceania. O depoimento de Rosa Blankenburg, nascida em 25/09/1911 na comunidade de Linha Pirajá/Nova Petrópolis, descendente de pioneiros de colonizadores, descreve que, assim como a avó contava, “eles não podiam mais sobreviver, essa pobre gente [...]. Não havia trabalho suficiente, somente três dias por semana, isto não bastava mais para viver [...]” (DEPPE, 1988, p. 53).

As dificuldades econômicas foram enfrentadas também pela nobreza, segundo Deppe, que apresenta o depoimento de um descendente de imigrantes, Rodolfo Blankenburg, nascido em 02/02/1908 na comunidade de Linha Pirajá/Nova Petrópolis: “Meu avô, lá na Alemanha, denominava-se VON, então ele vendeu seu título de nobreza para poder vir ao Brasil [...]. Lá ele era conde” (DEPPE, 1988, p. 53).

Segundo Schmitz (1998), neste contexto não faltava o interesse tanto de promover a saída, quanto de recrutar imigrantes para o Brasil. Muitas foram as promessas divulgadas em folhetos de propaganda de emigração espalhados pela Europa, especialmente pelo Major Schäfer, encarregado do governo brasileiro para motivar a busca dos emigrantes em construir uma nova vida na América.

Via de regra, as “promessas” continham os seguintes elementos de garantia: viagem gratuita até o Brasil; cidadania brasileira a partir da chegada ao Brasil; pagamento das despesas de manutenção por um ano e meio (160 réis para cada colono no primeiro ano e metade no segundo ano); terras na extensão de 400 braçadas, gratuitas; a cada família, conforme o número de pessoas, certa quantidade de gado bovino, cavalar, ovino, suíno, etc.; direito a sementes e mudas de café, algodão, arroz, trigo, fumo, feijão, batata inglesa, milho, etc.; liberdade de culto, padre ou pastor, sustentado pelo governo, e isenção de impostos durante 10 anos. (SCHMITZ, 1998, p. 45)

Para Vogt (2006), desde a época de D. João VI a política imigratória brasileira oscilou entre dois projetos distintos: um originado da vontade da Casa Real e de alguns liberais do Império, que desejavam pequenos proprietários rurais nos vazios demográficos do país para sustar a cobiça dos vizinhos platinos sobre a área. Schmitz (1998) acrescenta que desejavam povoadores de índole mais sedentária que os gaúchos; o Império procurava agricultores entregues ao cuidado do solo que defenderiam suas terras e propriedades contra os invasores. Neste período, o Brasil meridional estava ameaçado pelos espanhóis.

O segundo interesse está relacionado à ambição dos grandes fazendeiros de café, interessados na manutenção da política agrária na grande propriedade e na agricultura de exportação. Estes desejavam a imigração em larga escala como forma de prevenir e garantir uma mão de obra mais acessível, prevendo a extinção do tráfico negreiro. (VOGT, 2006)

As razões das expressivas levas de imigrantes de distintas etnias como os italianos, espanhóis, portugueses, alemães, japoneses e de outras nacionalidades atraídas para o Brasil, destinavam-se, conforme Vogt (2006), aos trabalhos nas lavouras de café ou à execução de atividades relacionadas ao complexo agroexportador cafeeiro.

A presença da Princesa Da. Maria Leopoldina da Áustria, esposa de D. Pedro I e mãe de D. Pedro II é outra motivação apontada para a ênfase na imigração alemã ao Brasil, complementa Schmitz (1998).

Segundo Vogt (2006), o século XIX e boa parte do século XX foram marcados por uma massiva imigração em território nacional, estimulada pelo Império, unidades federadas e a iniciativa privada. O autor destaca que a dimensão visível da política imigratória está associada ao fator econômico, porém alerta que não se pode desconsiderar a dimensão ideológica do ideal de branqueamento da população brasileira. Esse objetivo diz respeito ao preconceito da superioridade da raça ariana, presente entre a elite política, econômica e cultural do país.

A disputa do projeto de colonização estabelecida entre império e grandes fazendeiros se estabelece em distintos períodos. Paz (2006) identifica que o Projeto do governo imperial foi vitorioso entre o início do Império e 1830. Já, no segundo

momento, passam a predominar os interesses dos senhores de terras, grandes proprietários cafeicultores e fazendeiros, interessados em trabalhadores para a grande lavoura. A autora (2006) descreve que, entre 1830 e 1850, houve cortes das verbas do governo imperial para a colonização, ação exigida pelos grandes proprietários rurais de São Paulo através de seus representantes no parlamento, pois a entrada da mão de obra escrava satisfez as necessidades das lavouras cafeeiras.

Mesmo diante de dados estatísticos distintos sobre o número de migrantes, Marionilde Brephol de Magalhães, apud Vogt (2006), relata que o número de migrantes alemães que chegou ao Brasil é muitíssimo inferior se comparado aos que acessaram a América do Norte. No período entre 1820 e 1910, por exemplo, estima-se que apenas 119,3 mil dos que emigraram da Alemanha dirigiram-se ao Brasil, contra 5.260,2 mil que optaram pelos Estados Unidos. Para Gertz (apud VOGT, 2006), do total de imigrantes que entraram no Brasil, os alemães representariam tão somente 6% dos chegados ao país.

O historiador René Gertz, amparado em dados coligidos por Carneiro, defende que, entre 1820 e 1939, teriam ingressado 233.382 estrangeiros de língua alemã no território nacional. Nesse mesmo período, os imigrantes italianos somariam 1.507.581; os portugueses, 1.428.032; os espanhóis, 596.961; e os japoneses, 182.799. (VOGT, 2006, p. 83)

O processo de povoamento do Rio Grande do Sul, com imigrantes alemães, começou em 1824. Schmitz (1998) relata que viajaram a bordo de lanchões vindos de Porto Alegre e estabeleceram-se na Real Feitoria às margens do Rio dos Sinos, dando origem à Colônia de São Leopoldo, seguidas de Três Forquilhas (1826) e São Pedro de Alcântara das Torres (1826). Segundo Piccolo (1989), o fim da Guerra dos Farrapos permite a retomada da corrente migratória que passa a ser realizada pelo governo imperial e também através da iniciativa privada, como o exemplo da Colônia de Mundo Novo, hoje município de Taquara, criado em 1846.

Paz (2006) relata que, após 14 anos de interrupção do processo de colonização, em 1844, o Rio Grande do Sul começa a restabelecer a corrente migratória, que cresce nos anos seguintes. No entanto, a falta de demarcação das terras localizadas na “serra, em pleno sertão”, as quais não podiam ser

imediatamente distribuídas, gera inquietação e a ocupação de áreas não demarcadas. Uma sequência de leis do governo imperial e da província é publicada, merecendo destaque a Lei Provincial número 304, de 1854, que regulamentou a Lei de Terras no Rio Grande do Sul, considerada a “verdadeira carta de colonização da Província”, registra a autora. (2006) A partir desta data, todas as terras para a colonização deveriam ser pagas, sendo que, até então, as áreas de terra haviam sido doadas gratuitamente aos imigrantes.

O ano de 1854 marcou o início de um novo período na formação das colônias de imigrantes do RS, enfatiza Piccolo (2006). Mesmo diante das dificuldades, na fase inicial da colonização houve expansão, pois em 1958 existiam 28 colônias alemãs entre oficiais e particulares no Rio Grande do Sul. Já no período seguinte, entre 1855 e 1859, houve uma intensificação na colonização e chegaram 5024 colonos alemães, o que levou o governo provincial a criar novas colônias, entre as quais a de Nova Petrópolis. (PICCOLO, 1989)

4.1.1 O contexto histórico

Em sua obra “Uma nova imagem para Nova Petrópolis”, Schmitz (1998) apresenta o processo de povoamento e de desenvolvimento do município, adotando uma divisão desta historicidade em ciclos. A primeira fase é da Imigração, entre 1858 e 1880, compreendendo o período da chegada dos imigrantes, as condições encontradas, as promessas e os primeiros contatos realizados em Nova Petrópolis.

A “Paz de Ponche Verde”, firmada em 1845, marca o término das lutas da Revolução Farroupilha. Imediatamente foram retomados os grandes projetos de imigração e colonização do Império, interrompidos por dez anos no Rio Grande do Sul. Piccolo (1989) relata que 1834 foi o marco em que os Estados, províncias na época do Império, e a iniciativa privada passam a ter competência legal para tratar dos projetos de colonização. Esta atribuição está apoiada na nova legislação, lei nº 16, baixada pela Regência Permanente do Brasil, em 12 de agosto de 1834. O Rio Grande do Sul responsabilizou-se por oito Colônias Provinciais, entre elas Nova Petrópolis, fundada em 7 de setembro de 1858. Situada nos últimos contrafortes da Serra do Mar, com uma topografia constituída por vales profundos e cadeias

montanhosas, que alcançam uma altitude de 600 metros, compõem um cenário que dificulta sobremaneira os acessos, registra Piccolo. (1989)

Nova Petrópolis se constituiu como uma Colônia Oficial criada pelo Império com objetivos imediatos no campo econômico e político. Segundo Paz (1998), o principal objetivo foi a produção de gêneros agrícolas para o mercado interno e externo, bem como a ocupação de espaços vazios da população em áreas que não interessavam à pecuária e aos grandes fazendeiros. O povoamento da região se fazia necessário para evitar a invasão dos espanhóis. O relatório apresentado pelo Presidente da Província, Ângelo Muniz Ferraz, para a Assembleia Provincial na sua primeira sessão, no dia 5 de novembro de 1858, é citado por Piccolo (1989) e esclarece as circunstâncias que determinaram a fundação de Nova Petrópolis:

> Achei reunidos muitos elementos para a prosperidade desta nova Colônia, inclusive a melhor estrada de rodagem que a natureza pode oferecer em terrenos de serra. As águas são permanentes, cristalinas e abundantes; os terrenos de uma fertilidade assombrosa, os matos frondosos e ricos de madeiras e com seus tabuleiros convenientemente inclinados para receberem todos os instrumentos oratórios. Em virtude disso, criei aí uma Colônia, e mandei medir nesse lugar prazos coloniais e pela sua posição e configuração de seu terreno e denominei “Nova Petrópolis” (PICCOLO, 1989, p. 50).

A intenção manifesta pelo então Presidente Ferraz era que a colônia servisse de ponto intermediário no caminho entre Porto Alegre e os Campos de Cima da Serra - hoje, São Francisco de Paula -, seguindo em direção ao Paraná e, quem sabe, atingindo o centro-oeste brasileiro. (PICCOLO, 1989)

A Colônia Provincial de Nova Petrópolis estabelecida em 1858 entre os Rios Cadeia e Caí, tornara-se, dessa forma, uma continuação da Colônia de São Leopoldo, rumo norte, para Cima da Serra. Administrativamente, Nova Petrópolis ficou vinculada a São Leopoldo entre o período de 1858 a 1875, quando passou a constituir-se 3° Distrito de São Sebastião do Caí, até emancipar-se, em 1954. Foi o ponto mais alto atingido pela imigração alemã no Rio Grande do Sul, conforme registra Piccolo (1989).

A primeira leva de imigrantes constou de 80 pessoas, todas estrangeiras, sendo 33 homens, 30 mulheres e 17 crianças. Em sua maioria eram lavradores, originários da Pomerânia, província da Prússia de religião protestante, segundo Piccolo (1989). Como expressa o depoimento de Olga Haugg, nascida em

25/12/1911, na comunidade de Linha Imperial, Nova Petrópolis, “os avós são todos da Alemanha [...]. Por parte da mãe, os Fürstnow são da Pomerânia [...]. Eles foram os primeiros imigrantes [...]. No primeiro navio que veio eles estiveram junto” [sic] (DEPPE, 1988, p. 59).

O povoamento seguiu com três significativas levas de imigrantes em 1860, 1872 e 1880, porém de origens distintas da Europa - Boêmia, Holanda, Hamburgo, Dinamarca, Polônia e Rússia. Esta diversidade de migrantes constituiu um quadro bastante heterogêneo enquanto grupo social. Paz (1998) destaca as distintas regiões de origem, diferentes línguas, diversas profissões, credos e manifestações culturais. Werno B. Neumann, nascido na comunidade da Linha Imperial - Nova Petrópolis - 03/02/1935 -, relata: “Meus antepassados Neumann emigraram em 1876 e eram naturais de Dittersbach, Friedland, na Boêmia, Áustria. Vieram o avô, Anton Neumann, com 69 anos, seu filho José Neumann Senior e José Neumann Filho. [...] Os antepassados Boelter, Frederico Boelter, eram da Pomerânia [...]” [sic] (DEPPE, 1988, p. 65).

Entre os povoadores, encontravam-se, também, grupos isolados de outras origens: franceses, poloneses, italianos e uns poucos dinamarqueses e americanos. Paz (1998) destaca que, dessa forma, não se constitui uma sociedade com características homogêneas, como se poderia imaginar, por tratar-se de uma região de colonização alemã. Alberto Hillebrand, nascido em 17/08/1904, na comunidade de Nove Colônias, Nova Petrópolis, ilustra em seu depoimento: “Meus avós eram da Áustria [...], a mãe era Oppitz [...]. Elas eram de origem italiana [...]. Os italianos Oppici foram os primeiros moradores da aldeia de Blottendorf, na Boêmia [...]. Os Hillebrand são de Dittersbach, Friedland [...] na Boêmia” (DEPPE, 1988, p. 59).

Para Piccolo (1989), outra característica do povoamento de Nova Petrópolis que influenciou significativamente na organização da vida produtiva foi a diversidade de profissões dos imigrantes e a sua distribuição nas comunidades do município, devido às distâncias das comunidades e seus terrenos acidentados. Embora a maioria fosse de lavradores, muitos não o eram, gerando dificuldade de adaptação ao meio e a necessidade de sobrevivência e dedicação ao trabalho na agricultura. Entre as diversas profissões, encontravam-se: alfaiates, marceneiros, negociantes, tanoeiros, carpinteiros, sapateiros, curtidores, ourives.

Como passar dos tempos, os três grupos mais numerosos de imigrantes misturaram-se um pouco, porém Schmitz (1998) destaca que, ainda hoje, as regiões distinguem-se nos costumes, tradições e mentalidade, conforme o tipo de migrantes.

Assim, a região das Picadas Holanda, Café, Joaneta e Pinhal Alto conservam as características dos imigrantes do sul e do centro-oeste da Alemanha. Os habitantes das Linhas Olinda, Fazenda Pirajá, Paixão, Temerária, São José do Caí, Pirajá, Riachuelo, distinguem-se claramente pelas características dos pomeranos. As Linhas Imperial, Brasil, Dez Colônias, Araripe, Nove Colônias, Marcondes e parte das Treze Colônias guardam a marca dos imigrantes da Boêmia. (SCHMITZ, 1998, p. 52)

Os costumes italianos, na comunidade de Pedancino e dos luso-brasileiros no Chapadão e alguns pequenos grupos em Treze Colônias, sobreviveram criando marcos étnicos nestas comunidades, relata Schmitz (1998). O autor descreve a sede do município como cosmopolita, dizendo reunir um caldeamento bastante harmonioso, com elementos de características diversas.

Imagem 1: O centro de Nova Petrópolis, hoje Praça das Flores.

Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

O relativo atraso na urbanização do *Stadtplatz* (sede do município) impediu a concentração desses profissionais, gerando a perda de tradições importantes, como: ceramistas, lapidadores de cristais e entalhadores de madeira (vindos da Boêmia), escultores e pintores, relata Deppe (1988). Entre os depoimentos coletados na

comunidade, Arlindo Deppe, nascido em 20/10/1914, na comunidade de Arroio Paixão, Nova Petrópolis, fala sobre seu avô:

> Ele sabia lidar muito bem com os animais, ele havia sido agricultor na sua Pátria, o Schreiber [...]. Ele, nesse meio tempo, quando não havia serviço na colônia, cavalgava até a Campanha para fazer taipas de pedras [...]. Então ele, como pagamento, trazia uma tropa de animais - gado, cavalos - e os vendia aqui [...]. Muitos anos eles foram lá para fora, formavam um grupinho e iam para lá, então, na ida levavam gamelas para os fazendeiros [...] havia por aqui seleiros. Eles levavam selas e acessórios e vendiam lá aos fazendeiros [...]" [sic] (DEPPE, 1988, p. 121).

A chegada dos imigrantes às novas colônias, as características culturais de imigrantes de diferentes países, os traços psicológicos, a dura realidade encontrada aqui no Brasil, formam o que Schmitz (1998, p. 53) irá chamar de a "Primeira Imagem Cultural", considerada a segunda fase do processo de colonização e desenvolvimento local no período entre 1880 e 1938. Para o autor, a Sociologia a define como uma cultura marginal ou, ainda, uma cultura de subsistência autossuficiente.

A total frustração às promessas que motivaram a colonização se repetiu em São Paulo, Paraná e também em Nova Petrópolis. O contexto encontrado pelo colonizadores foi de um arena de conflitos, se depararam como os índios que viviam nestas terras. Schmitz (1998) relata que os imigrantes foram abandonados à mata virgem, às feras, aos índios, sem estradas, sem comunicações, sem amparo policial e passaram por meses e anos de angústias indescritíveis. O autor ilustra esta situação com depoimentos de moradores locais como Alberto Hillebrand, membros da Família Raimann e outros moradores da comunidade de Linha Imperial, que relatavam viver sob constante tensão e ameaça de assaltos de feras e de índios. Além da insegurança, evidenciava-se a total falta de assistência técnica. As famílias que chegaram - muitas de regiões já industrializadas ou como artesãos, especialmente da Boêmia - foram submetidas ao ermo da floresta, sem conhecer ou ter o domínio dos mais elementares rudimentos da agricultura.

Imagem 2: Construção de uma estrada em Nova Petrópolis.

Fonte: Livro 110 Anos de Cultura SCRTA (2006)

Schmitz (1998) apresenta a concepção de que os imigrantes não praticam a agricultura, tendo em vista do fornecimento de produtos agrícolas ao mercado, mas com a preocupação de prover o próprio sustento. Este contexto teria induzido a comunidade a uma cultura de subsistência autossuficiente ou de uma cultura marginal. Os imigrantes foram obrigados a resolver por si os problemas que enfrentaram nos primeiros tempos aqui no Brasil, muitas vezes de forma instintiva e de autodefesa, reproduzindo a cultura de origem. (SCHMITZ, 1998)

Com uma concepção distinta, Piccolo (1989) cita a excelente qualidade das terras e dos produtos agrícolas de Nova Petrópolis ao detalhar a participação na exposição provincial em 1866 (oito anos após a chegada dos primeiros imigrantes) e também na Exposição Universal de Paris. Os produtos apresentados: treze espécies de feijão, trigo de diversas qualidades, centeios vários, arroz e amostras de diferentes espécies de cevada, aveia, lentilhas, linhaça. A autora destaca que, assim, provaram a qualidade e a evidência da grande extensão da produção agrícola em Nova Petrópolis.

No entanto, o isolamento da colônia de Nova Petrópolis se deu em virtude da ausência das estradas para o escoamento da produção e a aquisição dos gêneros necessários, relata Paz (1998). O depoimento de João Becker, nascido em

11/05/1898, na comunidade de Jamerthal - Nova Petrópolis, que foi carroceiro, ilustra esta situação:

> Então eram atreladas 8 mulas, carregados 20 sacos de feijão. Então a gente saía de madrugada e chegava de noite em Novo Hamburgo [...]. Eu sozinho. Na volta se tinha: açúcar, sal, farinha [...] Muitas vezes ficamos atolados no barro, com a carroça. Algumas vezes outros atrelavam suas mulas juntos, para conseguirmos sair. (DEPPE, 1988, p. 201).

Luiz Guilherme Tomazi, nascido em 9/10/1897, Caxias do Sul, também foi carroceiro durante longos anos e recorda suas experiências no transporte das mercadorias da colônia, principalmente a carne:

> Uma vez, prá São Leopoldo [...], carregava 400 quilos [...] passei por tudo [...]. Eu vendi cerca de 200 quilos. Sim, e o resto? [...] Tive que voltar cerca de um quilômetro [...], sair, para que pudesse jogar nas capoeiras [...] Isto era ruim [...] Mas eu tinha que levar outra carga [...], açúcar e sal [...]. Eu queria dar de presente [...], ninguém aceitou [...]. Antigamente era difícil, quando se queria alguma coisa [...] [sic] (DEPPE 1988, p. 203).

A música, canto e dança são manifestações culturais expressivas entre os colonizadores. A música em especial se manifesta através do canto coral, dos instrumentos musicais e dos eventos festivos como a tradicional Kerb.

Arlindo Michaelsen, nascido em 01/10/1917, na Linha Olinda, conta sobre a presença marcante da música nas famílias:

> [...] Antigamente, sempre tinha quem vendia instrumentos e quem ensinava música e um deles era meu tio Felipe Michaelsen na Linha Olinda. Ele escrevia, conhecia partituras, escrevia estas marchinhas, sambinhas, valsinhas, rancheiras [...] Ele era compositor mesmo [...] Aí ele vendia um clarinete para um cara [...] ai ele disse [...] – tu vem na minha casa, eu vou te ensinar! Assim saía um músico. O velho Wissmann era outro que ensinava. O músico tem que nascer músico [...]. O canto é uma cultura. [...] (DEPPE 1988, p. 153).

Os bailes eram os momentos de encontro e diversão. Martha W. Kirschner, nascida em 22/10/1929, na Picada Café, recorda o período dos primeiros bailes:

> [...] Depois da Comunhão é que podiam ir ao baile, senão não ganhavam a Comunhão. Começavam cedo, bailes de sócios, quando o sol ainda brilhava. Os músicos não paravam de tocar enquanto ainda tinham alguém. Naquele tempo se dançava também guria com guria [...] Se a guria não ia junto com o rapaz, o rapaz poderia dar uma surra na moça. Se ele estava

> dentro do salão e o rapaz convidava ela para dançar, ela tinha que ir junto [...] (DEPPE 1988, p. 177).

Dessa forma se constitui a primeira imagem dos colonizadores de Nova Petrópolis, arraigada profundamente em suas vidas, tornando-se a sua autoimagem, descreve Schmitz (1998).

A compreensão do processo de evolução econômica da região contribui para o entendimento da formação e do comportamento político, cultural e social desta comunidade. Alguns aspectos relevantes, de acordo com Paz (1998), merecem destaque:

a) Isolamento da região - é causado pela ausência de estradas e impede, assim, o contato com comunidades já desenvolvidas, o que gera uma significativa morosidade no processo de desenvolvimento econômico.

b) Infraestrutura - a necessidade da sobrevivência e o abandono por parte do governo motivam certa autossuficiência das comunidades, as questões básicas de infraestrutura dependem da iniciativa dos imigrantes, que acabam por abrir por conta própria algumas estradas para carretas.

c) Economia - apoiada na organização da pequena propriedade com cultura de subsistência e trabalho familiar, característica que se mantém forte até o presente.

d) Associativismo - criação de entidades que visam à solução de problemas comuns da comunidade, prática utilizada nas localidades em diversas atividades: culturais, econômicas, sociais, religiosas.

e) Vida cultural - a vida comunitária foi organizada num processo semelhante à reconstrução do mundo cultural dos moldes da pátria de origem, envolvendo a vida religiosa, a criação de um sistema escolar e as diversas formas de associativismo.

O espírito associativo do imigrante alemão é um traço presente nesta cultura, segundo Telles, apud Paz (1998), e trata-se de um grande valor, trazido da Alemanha, de formar *Vereine* (sociedades). Possivelmente as condições climáticas tenham contribuído para estimular o associativismo. Os longos invernos

condicionavam os habitantes a uma vida familiar e associativa mais intensa, além da característica cultural da valorização da música, canto coral que sempre eram permeados pela ordem e organização.

Telles, apud Paz (1998), destaca que a capacidade de organização é fruto da necessidade de união, visando à defesa mútua e a ajuda coletiva nas dificuldades. O relato das dificuldades enfrentadas e o total isolamento ao qual foram submetidos no Brasil contribuíram para o incentivo da criação de formas diferenciadas de agrupamentos. O sentimento de segurança dos imigrantes, por pertencerem a uma associação, seria um dos motivos relevantes. Este contexto gerou condições favoráveis para surgimentos de diferentes tipos de sociedades, classificadas em seis categorias: recreativas e religiosas, die *Gemeiden* (as comunidades); sociedades caritativas, *DeutcherHilfsverein* (Sociedade Beneficente Alemã); de caráter econômico como *VolksverereinfurdiDeutschenKatholiken* (União Popular para os Católicos Alemães) e as Caixas Rurais; as profissionais, *Musterreiter-Club* (Clube dos Caixeiros Viajantes) e *DeutscherEvangelischerLehrerverein* (Sociedade de Professores Evangélicos), as culturais, entre as quais as de fundo patriótico, como o *DeutscherKriegerverein* (Sociedade de Combatentes Alemães). O depoimento de Martha W. Kirschner, nascida em 22/10/1929, na comunidade de Picada Café (hoje município), Nova Petrópolis, exemplifica:

> Havia a Sociedade União Popular (*Volksverein*). Quando havia um tipo de bananeira, que não existia aqui, a União Popular arrumava. Laranjeiras também arrumavam. Então se dizia que a Sociedade União Popular arrumou cana de açúcar. Quem pertencia à Sociedade União Popular tinha direito de receber mudas, mas tinha que pagar (DEPPE, 1988, p.153).

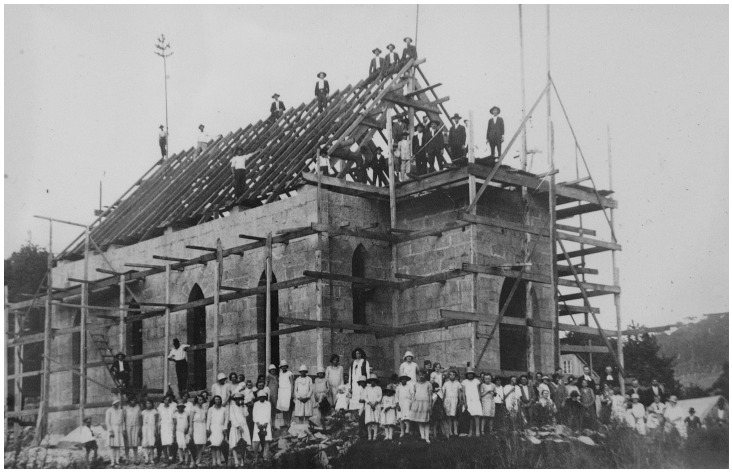


Imagem 3: Trabalho coletivo para a construção de Igreja.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

A organização dessas entidades associativas constitui-se em um dos suportes de reconstrução do mundo cultural dos teuto-brasileiros. Paz (1998) comenta que as igrejas, escolas e sociedades contribuíram para integrar, reunir e assim reconstruir o mundo cultural dos imigrantes e seus descendentes, bem como viabilizar a expressão de uma determinada visão de mundo. Os estatutos de muitas destas entidades previa a prática do canto coral com músicas na língua mãe (alemão). As letras das canções contribuíram para transmitir uma imagem idealizada da velha pátria dos antepassados. A presença destas Sociedades era expressiva. Em Nova Petrópolis existiam cerca de 20 sociedades em 1938, segundo Schmitz (1998). Leonda Pfeiffer, nascida em 21/06/1907, na comunidade de Linha Imperial, Nova Petrópolis, relata:

> Eu bordava bandeiras [...], aproximadamente 30 bandeiras [...]. Num lado era a bandeira brasileira e no outro o símbolo da sociedade [...]. Esta foi a primeira que eu fiz, da Sociedade Atiradores, a velha sociedade bem antigamente [...]. As moças iam na frente, espargindo flores, quando era a inauguração da bandeira (DEPPE, 1988, p. 165).

Imagem 4: Apresentação da nova bandeira da Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo de Nova Petrópolis.

Fonte: 110 Anos de Cultura SCRTA (2006)

Deppe (1988) ressalta que a necessidade fez com que os diversos grupos de imigrantes vivessem em grande união, com a multiplicação de iniciativas comunitárias, com significativa repercussão no campo econômico e social da região. Entre estas iniciativas associativas, é relevante a fundação da primeira cooperativa de crédito da América Latina, em 28 de dezembro de 1902, em Linha Imperial - Nova Petrópolis. Werno B. Neumann, nascido em 03/02/1935, na comunidade da Linha Imperial - Nova Petrópolis, fala sobre a fundação da Caixa Rural:

> A Caixa Rural, a Primeira Cooperativa Brasileira, ela é conhecida como Caixa Rural, mas é Sociedade Cooperativa Rural de Nova Petrópolis. Ela foi fundada em 1902, dentro do *Baeurnverein* (Associação de Agricultores) do Padre Amstad. O *Baeurnverein* foi fundado aqui em Nova Petrópolis no ano de 1900 [...]. Não existiam bancos, aqui na região de Nova Petrópolis. O padre Amstad, que veio da Alemanha, conhecia o sistema *Raiffeisen* [...] ele bolou [...] esse sistema, adaptando-o à realidade brasileira. Ele conseguiu, realmente, então, juntar 20 associados aqui em Nova Petrópolis e fundou a primeira Cooperativa em 1902. Ela começou a funcionar em 1903. A partir de Nova Petrópolis, foram se criando novas cooperativas de crédito em todo o Rio Grande do Sul (DEPPE, 1988, p. 217).

A fase de 1938 a 1955 significou a quebra da primeira imagem da colônia de Nova Petrópolis, segundo classificação de Schmitz (1998). Caracterizou-se como um período de incompreensões, lutas, derrocadas e mudanças que causaram o rompimento do equilíbrio cultural e econômico estabelecido na colônia. Este rompimento foi aprofundado e acelerado em setores distintos.

Schmitz (1998) relata que as melhorias das condições sanitárias e o declínio acentuado da mortalidade em 1938 geraram o processo de explosão demográfica. A economia local, centrada na produção rural, com famílias dotadas de numerosos filhos, acabou por parcelar demasiadamente as terras, surgindo muitos minifúndios que inviabilizaram a sobrevivência nas propriedades rurais. Esta situação gerou um grande movimento migratório interno, repetindo-se a necessidade de busca de novas áreas para colonização, criando-se novas colônias, especialmente em Santa Catarina e Paraná.

A crise que assolou a economia no início dos anos 40, agravada pelas enchentes, secas e quebra de produção na agricultura, impactou significativamente a comunidade local. Segundo Schmitz (1998) e Paz (1998), o município estava apoiado em um sistema econômico com o foco no setor primário ainda fechado,

voltado para a subsistência e em fase de desenvolvimento considerado ainda primitivo. A ausência de investimentos externos e uma poupança interna insuficiente impediram o incremento de um processo de desenvolvimento capaz de elevar a capacidade de produção e bens de consumo à industrialização.

O desenvolvimento econômico da comunidade de Nova Petrópolis é descrito por Paz (1998) como lento, especialmente no campo industrial, justificado especialmente pela ausência de boas vias de comunicação e acesso com outras regiões. Essas limitações comprometeram o projeto de tornar-se o posto intermediário entre capital e Campos de Cima da Serra.

Somente após 27 anos da criação da colônia, em 1885, inicia a construção da "Estrada Lucena", entre Nova Petrópolis e Novo Hamburgo. Paz (2006) relata que a notícia foi recebida com entusiasmo e registra que a estrada foi finalizada em 1887. Porém, segundo Paz (2006), foi no governo do Presidente Getúlio Vargas que houve um avanço das rodovias na região, período em que as estradas passaram a ser consideradas um importante instrumento de integração das populações coloniais à sociedade nacional. A estrada federal (BR 116), que faria a ligação com os Campos de Cima da Serra, chegou somente em 1944, depois de quase um século de colonização.

Seguindo a análise dos ciclos do desenvolvimento de Nova Petrópolis, Schmitz (1998) chega à terceira fase, depois dos anos de 1958. Afirma perceber uma nova dinâmica cultural: o município desperta para a busca de uma nova imagem e novas alternativas econômicas.

Foram aparecendo sinais de que alguma mudança estava por acontecer, relata Schmitz (1998), no entanto, o sentimento público era diverso. Alguns procuravam resistir e consideravam este fenômeno a derrocada final, enquanto outros, mais otimistas, procuraram descobrir os aspetos positivos dos acontecimentos e viam uma oportunidade excelente de crescimento na busca da nova imagem.

Na nova imagem, estão inclusos, além dos elementos econômicos, outros que são muito caros à comunidade local. Os aspectos culturais, a educação e as Sociedades Culturais, com a forte presença da valorização do folclore, são

elementos que, somados ao associativismo e à religiosidade, marcaram profundamente a vida comunitária.

A escola e a cultura são valores de grande importância para a comunidade, motivo que levou à criação de duas escolas técnicas. Mesmo antes da emancipação, em 1954, foi fundada a Escola Bom Pastor, voltada para a agricultura, na Linha Brasil. Em 1962, na sede do município, surge a Escola Frederico Michaelsen, com ginásio acadêmico e, mais tarde, com o curso técnico em Contabilidade. São escolas criadas pela iniciativa privada, que se antecipou à iniciativa pública, evidenciando o valor da educação para a comunidade local.

No setor primário, a fundação da Cooperativa Agropecuária Petrópolis - COAPEL -, em 29 de outubro de 1967, foi um marco significativo. Esta iniciativa foi fruto de um convênio de ajuda técnica e financeira com a República Federal da Alemanha que permitiu trabalho de melhoramento junto à produção de leite e doação de equipamentos para implantação da indústria de beneficiamento dos produtos PIÁ[8], com objetivo principal de impulsionar o desenvolvimento dos produtores rurais para torná-los mais competitivos, transformando-os em verdadeiros empresários rurais. (PIÁ, 2013)

No setor secundário, o grande desenvolvimento foi no setor coureiro calçadista, máquinas, móveis e, principalmente, malhas. Uma economia diversificada com o surgimento de diferentes setores pode ser um aspecto importante neste processo de construção da nova imagem.

Seibt, apud Schmitz (1998), avalia que o turismo no setor terciário é o segmento que apresenta maior desenvolvimento nos últimos anos. Destaca que o turismo passou a ser a alavanca da herança cultural dos imigrantes que povoaram a região através do resgate da história e da cultura, especialmente com a criação do Parque Aldeia do Imigrante, que materializou esta proposta em 1985.

[8] A Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda. - Piá atua com a fabricação de laticínios, destacando doce e creme de leite, iogurtes e bebidas lácteas. Também produz doces de frutas, bebidas à base de soja e rações. A Piá está dividida em três unidades distintas: indústria de alimentos, agronegócio e supermercados. A área de captação da cooperativa envolve produtores rurais de cerca de 85 municípios gaúchos. A cooperativa conta com 15 mil associados e mais mil funcionários. Além da indústria de laticínios e doces de frutas, a Piá conta ainda com duas fábricas de rações e uma rede de supermercados e agropecuárias com 17 lojas. A distribuição dos produtos da cooperativa, que levam a marca Piá, está concentrada nos três Estados do Sul - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná - e São Paulo.

4.1.2 Um olhar sobre Nova Petrópolis hoje - 2012

A descrição histórica de Nova Petrópolis, partindo dos primeiros imigrantes germânicos e passando pelo processo de estruturação e desenvolvimento, oferece uma visão deste município, que conta, atualmente, com 154 anos da migração germânica e 58 anos de emancipação. As informações aqui analisadas estão apoiadas nos dados do Perfil Socioeconômico 2011, publicação elaborada pela Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis, Prefeitura Municipal e Faculdade Cenecista de Nova Petrópolis - FACENP -, que reúne os dados e indicadores atuais do município. (ACINP, 2011)

Nova Petrópolis está localizada na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, identificada turisticamente como Serra Gaúcha, a uma altitude média de 604 metros, porém, a altitude máxima poderá chegar a 802 metros.

Imagem 5: Vista aérea de Nova Petrópolis.

Fonte: MARSILLAC, Marcel, 2012

A área total do município é de 291,1km², com uma população de 19.045 habitantes. A densidade demográfica é de 65,4 hab/km². A distribuição geográfica está concentrada na área urbana, sendo 74,2% moradores da área urbana e 25,8% da área rural. Contraditoriamente, 89,65% das áreas estão localizadas no meio rural

e somente 10,35% em áreas urbanas, segundo ACINP (2011). De acordo com dados do IBGE (2010), entre os censos de 1970 e de 2010, nos últimos quarenta anos houve uma evolução de 44% da população do município, passando de 13.223 habitantes para 19.045.

A expectativa de vida ao nascer, em Nova Petrópolis, é de 75 anos e 81 dias (IBGE, 2000), superior à média nacional, que é de 74 anos e 29 dias. (IBGE, 2012) O perfil de idade da população com maior concentração está entre 20 e 34 anos, com uma média de 8,5% do total de habitantes, segundo o Censo de 2010 do IBGE.

Entre os meios de comunicação existentes, encontram-se duas rádios, sendo uma FM - Radio Imperial - e outra de caráter comunitário de baixa abrangência - Inova; quatro jornais - A Ponte; Jornal Nova Petrópolis; Nossa Terra e O Diário, e uma revista, *Paulusblatt*, publicada na língua alemã e português, conforme dados da ACINP (2011).

Na área educacional, o município é servido por 19 escolas, compreendendo escolas de educação infantil, fundamental e médio, atendendo o total de 3.895 alunos até o ensino médio. Oferece também ensino superior com a Faculdade Cenecista de Nova Petrópolis. (ACINP, 2011)

O índice de desenvolvimento humano (IDH) de Nova Petrópolis é de 0,847, alcançado a 8ª posição do ranking do Rio Grande do Sul e 41ª no Brasil, segundo dados do Perfil Socioeconômico 2011. (ACINP, 2011) Comparativamente aos municípios da Região das Hortênsias, Nova Petrópolis lidera o posicionamento do IDH no qual Gramado atinge 0,76 e Canela 0,74. Este indicador (IDH) objetiva dimensionar o desenvolvimento humano e preocupa-se em classificar a qualidade de vida da população. Entre os aspectos considerados na composição deste indicador, estão: aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos, contemplando o PIB per capita (renda), longevidade e a educação.

Nova Petrópolis soma o total de 4.753 empresas cadastradas, que se dividem da seguinte maneira: 10,62% comercial; 5,58% indústrias; 13,70% prestação de serviços; 48,39% produtores rurais e 21,71% de autônomos. No setor industrial, os principais produtos do município são laticínios, malhas, calçados e móveis; já no setor primário os produtos agrícolas são hortifrutigranjeiros, milho, batata, feijão e

silvicultura e, na pecuária, o destaque fica para a avicultura, gado leiteiro e suinocultura. (ACINP, 2011) O Produto Interno Bruto - PIB - de Nova Petrópolis em 2009 (FEE/RS) foi de 343,136 milhões e o índice per capita é de R$ 18,417 mil.

A organização cultural do município é bastante expressiva, segundo o Perfil Socioeconômico 2011. (ACINP, 2011) Existem as seguintes organizações em Nova Petrópolis: seis museus históricos; sessenta e um corais; quatorze bandinhas típicas; nove bandas de rock; nove grupos instrumentais; oito grupos de danças folclóricas alemãs (adultos); dez grupos de danças folclóricas alemãs (infantis) e um grupo de dança folclórica alemã da melhor idade; seguem-se um grupo de danças gauchescas; dois grupos de artes marciais; três grupos de danças contemporâneas; dois grupos de teatros; uma banda municipal; uma orquestra de sopros; uma biblioteca pública municipal; outra biblioteca comunitária e um arquivo histórico.

É relevante o trabalho associativo que se expressa nas cooperativas fundadas e atuantes em Nova Petrópolis. São sete as Cooperativas: Cooperativa Piá (agropecuária), Sicredi (crédito); Cooperhaus (habitação); Cooperarte (produção); Construcia (serviços); Cobomsul (serviços) e Coebompa (educação), além de três cooperativas instaladas no município, que são Unimed (saúde), Coopsul (serviços) e Coeducars (educação). Entre as Cooperativas mais antigas de Nova Petrópolis, está a Sicredi,[9] que foi fundada em 28 de dezembro de 1902 com atuação em dezoito municípios da região e um total de 67.000 associados, entre os quais 6.200 mil em Nova Petrópolis. A Cooperativa Piá, fundada em 29 de outubro de 1967, atua em 13 municípios da região, conta com o total de 16.046 associados, entre os quais 5.040 do município, segundo os dados coletados no Perfil Socioeconômico 2011. De acordo com informações disponíveis no site da Prefeitura Municipal (2012), a cidade de Nova Petrópolis recebeu o título de Capital Nacional do Cooperativismo, no dia 19/01/2010, a partir da Lei Federal 12.205/2010, por ser o berço do cooperativismo de crédito da América Latina.

[9] A primeira denominação utilizada foi "Caixa de Economia e Empréstimos "Amstad" de Nova Petrópolis", fundada com 19 associados. O Padre Theodor Amstad, jesuíta suíço e vigário da Paróquia de Nova Petrópolis, foi o grande incentivador que trouxe o modelo de organização do Sistema *Reiffeisen* para o Brasil. Durante 38 anos, Pe. Amstad percorreu várias regiões do Estado do Rio Grande do Sul fundando cooperativas, sindicatos agrícolas, hospitais, asilos, escolas, revistas e paróquias novas. Em 1964, existia uma rede de 62 cooperativas ligadas a uma rede da Central de Caixas Rurais (nome utilizado para as cooperativas).

4.1.3 O Turismo como vocação

Seibt avalia que o Turismo seria o segmento econômico que apresenta maior desenvolvimento, em Nova Petrópolis, em anos recentes. Se, por um lado, a atividade se nutre da germanidade ainda ali presente, por outro contribui para o maior resgate e preservação da herança cultural da imigração, especialmente após a criação do Parque Aldeia do Imigrante,[10] em 1985, que materializou esta proposta, e das repetidas edições de eventos, como o Festival Internacional de Folclore, mas também reproduzida na arquitetura,[11] em eventos, roteirizações turísticas, gastronomia e artesanato. (SEIBT, apud SCHMITZ, 1998, p. 144)

Em tal cenário de sucesso, torna-se importante narrar o processo de construção do Turismo na cidade, cuja presença mais remota estaria ainda no início do século XIX, conforme notícia no jornal Diário de Notícias que, em fevereiro de 1935, menciona o movimento dos hotéis e os comentários favoráveis de seus hóspedes sobre a localização, paisagens e clima da localidade:

> Apesar de ser ainda um lugar de veraneio pouco conhecido, Nova Petrópolis, justamente cognominada a 'Suíça Brasileira', tem tido este ano um regular movimento de veranistas. Ambos os hotéis locais, 'Grande Hotel Seibt' e 'Hotel Kehl', mantêm sempre um animador número de hóspedes. E todos os veranistas são unânimes em atestar o admirável clima e as belas paisagens existentes nesta localidade, a ponto de tornar Nova Petrópolis, a par de sua fácil comunicação com a capital do Estado, um dos mais cômodos lugares de veraneio da zona da serra (apud PAZ, 1998, p. 37-38).

Em que pese o entusiasmo da nota jornalística, o crescimento do Turismo local esbarrava nas condições de acessos e na qualidade das estradas regionais. O cenário começa a mudar após a construção de rodovias federais. Flores (1993) relata a inauguração da BR 116, em 1941, com a presença do então Presidente da República, Getúlio Vargas, ligando Porto Alegre a Caxias do Sul. A nova estrada significou um impulso considerável para o "rodoviarismo" e para o Turismo. "Abriu-se

[10] O Parque do Imigrante foi inaugurado em 1985. É "um monumento vivo à cultura alemã. Possui mais de 10 hectares de área verde de mata nativa em pleno centro da cidade, com edificações antigas tombadas pelo Município. Entre lagos, árvores centenárias e pássaros, somos surpreendidos com sons de bandinhas e danças de grupos folclóricos que se apresentam em um quisque do parque, ao lado de um *Biergarten* (Jardim da Cerveja) ao ar livre, que serve petiscos e, é claro, uma boa cerveja gelada. Nas tendas rústicas encontramos os mais variados produtos da região".

[11] Não cabe, aqui, discutir a qualidade estética ou mesmo "autenticidade" desses empreendimentos.

um admirável portão de acesso à região serrana, que iria acordar municípios como Canela e Gramado para o seu potencial turístico" (FLORES, 1993, p. 38), e que também beneficiaria Nova Petrópolis, localizada no percurso da estrada. A BR 116 dinamiza a economia da região, também, porque, na sua construção, além de ser utilizada mão de obra da região, incentivou-se a fabricação, por empresas locais, de ferramentas utilizadas na obra. O comércio aumenta suas vendas e cresce a ocupação dos hotéis. (PAZ, 2006)

Concomitante à melhoria da infraestrutura, a atuação do Touring Club do Brasil passou a incentivar a profissionalização do Turismo, promovendo o primeiro inventário turístico do Estado, para colher informações que viriam a ser utilizadas na produção de um *Guia de Turismo do Rio Grande do Sul*. O Guia foi lançado oficialmente em abril de 1941, com cerca de 200 páginas de texto informativo, mapas, ilustrações, horários de trens, aviões e das primeiras linhas intermunicipais de ônibus a circularem no Estado. (FLORES, 1993, p. 37)

Nova Petrópolis, neste período, oferecia transporte coletivo para passageiros através de duas linhas regulares de ônibus. A primeira, implantada em 1941, ia de Canela para Porto Alegre, com a empresa Expresso Canelense, de propriedade dos neopetropolitanos Rinaldo Seibt e Arlindo Spier. (PAZ, 2006)

Imagem 6: Ônibus do Expresso Canelense.

Fonte: http://www.memoriagaucha.com.br/fotos/displayimage.php?album=78&pos=21.

A segunda linha, por sua vez, fazia o transporte de passageiros no trajeto entre Nova Petrópolis e Caí, no período entre 1940 e 1946, de propriedade de Ivo Spier. (PAZ, 2006) Em 1953, surge a empresa Pinhal Alto Ltda., que realiza o trajeto entre Pinhal Alto (distrito de Nova Petrópolis) e São Leopoldo e que, mais tarde, estende o serviço até Porto Alegre. Esta empresa, em 1961, é vendida e passa a ser conhecida pela denominação Empresa de Transporte Wendling, que segue prestando os serviços de transporte. O ponto de partida da Wendling sempre foi a Estação Rodoviária de Nova Petrópolis e, por isso, a sua relação diferenciada com a comunidade local.

> Todos conheciam a empresa. O motorista, em especial, sabia quem iria embarcar em cada localidade ou 'parada' [...]. A bordo, a maioria se conhecia e todos falavam alemão. Este fato causava estranheza, quando algum passageiro 'de fora' viajava neste ônibus. [...] O motorista também executava uma série de tarefas, atendendo as necessidades da população: marcava consultas médicas, passava por óticas, fazia compras por encomendas. Havia uma profunda relação de confiança entre a população e a empresa (PAZ, 2006, p. 308-309).

Na década de 1940, o Rio Grande do Sul torna-se um marco para o Turismo, um período de manifestação pública do Estado nas ações direcionadas ao setor. Flores (1993) relata esses momentos, registrando a realização do Congresso de Prefeitos da Região de Caxias do Sul, no final de 1940, quando o Turismo é tema de discussão, tratando das possibilidades turísticas do Estado e o importante papel dos municípios na atração de turistas. A resposta oficial do Estado vem em dezembro de 1941, através da Diretoria das Prefeituras Municipais, manifestando-se favorável aos financiamentos para a construção e aparelhamento de hotéis.

O Estado oficializa o Turismo em dezembro de 1949, através da aprovação da Lei nº 997, que cria o Conselho Estadual do Turismo (CET) e o Serviço Estadual do Turismo (SETUR), assegurando-lhe a condição pioneira na oficialização do Turismo no Brasil, no nível estadual. (FLORES, 1993, p. 45) O processo de implantação dos Conselhos Municipais de Turismo (CMT) não tardou a ocorrer. O de Nova Petrópolis foi criado em 1958, conforme registra o jornal *A Hora*, em setembro de 1958:

> Esperamos que agora o Turismo em nosso município seja mais difundido, com a recente medida do Prefeito Lino Grings, criando o Conselho Municipal de Turismo (CMT), cujos membros são de capacidade comprovada e, por certo, muito farão pelo Turismo em nosso meio (PAZ, 2006, p. 342).

A criação do CMT expressa a preocupação já existente no setor do Turismo quanto à necessidade de uma instituição capaz de estimular esta atividade econômica. A tendência de "cidade-Turismo" anunciada pelo jornal veio a se confirmar com a evolução de Nova Petrópolis, que já contava com diversos hotéis, alguns instalados já nos anos de 1930 e 1940. (FLORES, 1993)

Nova Petrópolis já recebia veranistas[12], mesmo quando ainda não dispunha de uma infraestrutura adequada para recebê-los. Segundo Paz (2006), as belezas naturais, o clima ameno e as festas próprias da cultura germânica como o *Kerb*[13], *o Schützenfest*[14] e a gastronomia local tornaram-se atrativos para os veranistas.

Na ausência de hotéis, havia casas comerciais com instalações para receberem visitantes. Alguns moradores disponibilizavam acomodações residenciais para hospedagem. A maior parte dos veranistas vinha de Porto Alegre. A presença dos pequenos hotéis foi se tornando mais comum, a partir dos anos 1930 e 1940, e esta tendência manteve-se mesmo em épocas conturbadas, como a Segunda Guerra. (PAZ, 2006, p. 332)

Na pesquisa documental, encontrou-se o Hotel Seibt, hoje Hotel Petrópolis, como o primeiro estabelecimento hoteleiro de Nova Petrópolis. (PAZ, 2006)

Imagem 7: Hotel Seibt, em Nova Petrópolis, no início da década de 1930.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

[12] Turistas que permaneciam na cidade por um período mais longo. Especialmente as mulheres, com seus filhos, permaneciam um mês inteiro, enquanto os maridos vinham nos finais de semana.
[13] Festa germânica que comemora o padroeiro da Igreja.
[14] Festa do Tiro Rei realizada nas localidades de origem germânica.

No seu início, serviu também como ponto de atendimento hospitalar e os pacientes eram hospedados em uma casa anexa. O Hotel, construído em madeira, sofreria um incêndio em 1933 e, após dois anos, Rinaldo Seibt e a esposa, Elisabeth, proprietários, abririam as portas do novo estabelecimento, com o nome de Grande Hotel Seibt. Em 1936, a propriedade do Hotel passa para Kurt Kaiser. O atendimento diferenciado, associado às opções de passeios e entretenimento como bailes, brincadeiras e festejos de Carnaval na programação de sábado à noite do Hotel, são lembrados pela filha, Irmgard Schuch, que relata alguns fatos marcantes da trajetória do hotel e dos hóspedes:

> O hotel significou muito progresso para a localidade de Nova Petrópolis. Era um trabalho que agradava meu pai. Ele incrementou o Turismo, recebendo muita gente de Porto Alegre, Novo Hamburgo e Campo Bom. Meu pai organizava excursões com os veranistas. Chegavam duas ou três excursões por mês. Saíam de ônibus, levando comida, como galinha com farofa, ou linguiça, que era cozida em locais de piquenique. [...] Eu tinha sete anos e minha função era ser guia turístico: mostrava aos hóspedes os locais onde existiam cascatas, além de andar a cavalo com eles. Ao entardecer, conduzia-os à propriedade da senhora Linda Schumann, onde bebiam leite fresquinho, tirado na hora. Procurávamos dar um atendimento de primeira nessa época (apud PAZ, 2006, p. 334).

O Hotel *Wazlavick* tornara-se muito conhecido entre os veranistas, em especial dos germano-descendentes, vindos de Porto Alegre. Entre os atrativos do Hotel, estava um belo jardim, um açude com uma pequena ilha, opção para banho, caminhos para passeios e espaço especial para prática de esportes. Além destas atrações, os hóspedes divertiam-se em bailes realizados no próprio hotel. O Hotel *Wazlavick*, localizado na Linha Araripe, na divisa entre Nova Petrópolis e Gramado, dispunha de capacidade para receber até 80 hóspedes e suas atividades iniciaram no final da década de 1930. (PAZ, 2006)

No início dos anos de 1940 percebe-se um incremento no número de hotéis, possivelmente pelas melhorias dos acessos rodoviários e o incentivo público citado anteriormente. Entre os hotéis criados neste período, está o Hotel Kehl, que iniciou como Pensão Kehl, em 1940, e que, posteriormente, transferiu-se para a rua principal da cidade, em frente à Praça da República. Os documentos registram que o Serviço Social do Comércio (SESC) trouxera diversas turmas de veranistas para este Hotel entre 1956 e 1964. O Hotel Veraneio Schöeler foi fundado em 1942, na localidade rural de Linha Imperial, com características familiares e diversas opções de lazer. O Hotel Deppe, construído em 1943, localizava-se junto à BR-116, onde

hoje está o viaduto de acesso para a RS 235; seu diferencial estava na qualidade do seu restaurante. O Hotel Fürcht, construído em 1948, localizava-se também junto à BR 116. Registra-se, ainda, o Veraneio dos Pinheiros, fundado em 1950, e a Casa Belas Artes, uma casa de veraneio pequena e com uma clientela fixa. (PAZ, 2006)

Imagem 9: Hotel Deppe, em Nova Petrópolis, RS.

Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

A trajetória do Hotel Maria Hertel foi diferenciada. Iniciou em 1946, com a chegada do casal alemão Hertel a Nova Petrópolis. O sucesso deste empreendimento foi marcado pelo que seria o primeiro café colonial[15] a ter sucesso em toda a região. O segundo passo foi a criação do Hotel, propriamente. Destacam-se, também, o atendimento e o pioneirismo na condução dos hóspedes para as trilhas ecológicas locais, realizado pelo Dr. Franz, marido de Dona Maria. A partir de 1966, o empreendimento passa a ser administrado pela família Richter, assumindo o nome de Recanto Suíço, tornando-se uma referência no roteiro turístico da Serra Gaúcha.

Dona Maria era muito criativa: observando os costumes locais quanto ao café da tarde em épocas festivas, encontrou um novo filão. Juntou as gostosas tortas, com frutas e nata batida, uma grande variedade de “frios” (presunto, queijo de porco, morcelas, etc.) e criou o cardápio do primeiro café colonial da região. [...] Foi necessário ampliar as instalações e construir cabanas individuais para atender a todos que procuravam a “Pousada Dona Maria”. (PAZ, 2006, p, 337)

[15] Refeição típica das cidades brasileiras de origem alemã, constitui-se de uma mesa farta, composta de alimentos como pães variados, manteiga, queijos, *schimia*, bolos, presunto, embutidos, leite, café, chocolate quente, vinho, salsicha bock, cuca, carne de porco, rosca de polvilho, biscoitos, *keschmier* e mel, entre outros. A maioria dos produtos servidos é artesanal.

O Veraneio da Tia Gretel inicia suas atividades em 1953, com uma proposta diferenciada, um hotel voltado para as crianças, que passam temporadas, no Veraneio. A proprietária, Margareth Finke, carinhosamente chamada de *Tante* (tia) Gretel, uma judia emigrada da Alemanha, contara com o apoio do seu irmão residente em Porto Alegre, grande divulgador da iniciativa. Em 1968, o estabelecimento foi assumido pela filha, Tatiana, que o transformou em Hotel, agregando um café colonial. Atraídos pela fartura e qualidade de alimentos oferecidos, o empreendimento passou a ser muito frequentado por turistas. (PAZ, 2006)

Segundo Norma Moesch, no início da década de 1970,

> o setor turístico passa a ser encarado com respeito e responsabilidade, cabendo ao Rio Grande do Sul o papel pioneiro de criar o primeiro modelo de Sistema Turístico Nacional, elegendo o *Turismo: Estratégia Gaúcha* como programa prioritário para o desenvolvimento econômico do Estado[16] (2006).

A mudança de tratamento à atividade, pelo poder público, se dera no contexto da contratação pela Superintendência de Desenvolvimento do Sul (SUDESUL), do grupo Engevix - Tecnibéria, formado por brasileiros e espanhóis, para elaborar o planejamento integrado do Turismo dos três Estados do Sul. (apud HAAS, 2007, p. 67)

Na proposta, então formalizada pelos consultores, o Estado do Rio Grande do Sul foi dividido em nove zonas para fins de Turismo, destacando-se, entre elas, a Zona da Serra Gaúcha, ressaltada no documento por sua singular paisagem, seu clima e característica étnica de sua gente, uma mescla de descendentes de alemães, italianos, poloneses e outras origens. A região da Serra Gaúcha beneficiava-se, em termos de Turismo, de sua proximidade do eixo emissor da região metropolitana de Porto Alegre, localizado a uma média de 135 quilômetros. A paisagem, o bucolismo e a qualidade gastronômica sempre foram atrativos para o turismo regional. Entretanto, a região turística ganharia destaque no bojo deste projeto. (HAAS, 2007)

[16] Moesch em entrevista a Haas e Gastal, 2006.

A zona turística da Serra Gaúcha cresceu e se consolidou como destino turístico em menos de vinte anos. Para Haas (2007), o fato é resultado de um processo de esforços conjugados entre o poder público, a iniciativa privada e o engajamento de muitas comunidades. Segundo a pesquisadora, a necessidade de diversificação do produto turístico segmenta a região da Serra em dois roteiros: Roteiro Uva e Vinho e o Roteiro das Hortênsias, caracterizados a partir da expressiva presença, em cada um deles, respectivamente, de ítalo e germano descendentes. A história e a organização regional da Região das Hortênsias reforçariam a importância de Nova Petrópolis para a nova proposta de Turismo que estava em construção, segundo depoimento de Norma Moesch a Haas:

> Caracterizando o processo tradicional de desenvolvimento, maturidade e irradiação intermunicipal, Gramado destacou-se no conjunto dos municípios serranos, acelerando o desencadeamento da atividade turística irradiada a Canela, São Francisco de Paula e, de modo especial, à Nova Petrópolis, que soube valer-se de sua condição de *corredor* para captar fluxos itinerantes, geradores de novas estruturas de permanência, configuradas num bom número de hotéis, pousadas, restaurantes, comércios artesanais e originais, equipamentos de lazer como o Parque Aldeia do Imigrante[17]. A ascensão de Nova Petrópolis à constelação dos privilegiados municípios da *griffe* Região das Hortênsias conferiu-lhe, a exemplo de Gramado, condições de transbordo pelos espaços de entorno (2007, p. 81).

Portanto, “Nova Petrópolis adolesceu para o Turismo, aproveitando a experiência gramadense” (FLORES, 1993, p. 99), vindo a servir de modelo de instalações e de atendimento turístico para a Região das Hortênsias, fornecendo como exemplo, segundo Flores (1993), o Hotel Recanto Suíço que, nos anos 1960, tornou-se referência na hotelaria local.

Entretanto, nem sempre houve apenas uma trajetória de sucessos. Para Terezinha Haas, secretária de Turismo de Nova Petrópolis entre 1975 e 1996, nos últimos cinquenta anos haveria três momentos de ruptura para a cidade e, também, para o turismo local. Menciona a crise do borrachudo[18], no final da década de 1960, como o primeiro rompimento, pois lembra que diversos empreendimentos turísticos praticamente fecharam as portas. O segundo e terceiro momentos de ruptura estão relacionados às vias de acesso rodoviário, sendo que o primeiro foi a abertura da Estrada de São Vendelino (RS 122), ligando Porto Alegre a Caxias do Sul por outra

[17] Refere ao Parque Aldeia do Imigrante.
[18] Designação genérica para insetos da família dos *simuliidae*, cuja picada é muito dolorida.

rota, que não a BR 116, e que provocou uma baixa significativa no movimento da estrada original, na altura de Nova Petrópolis. “Nós tínhamos importantes restaurantes que estavam na BR 116, que viviam deste Turismo de passagem, em função deste deslocamento entre Porto Alegre e Caxias do Sul”, lembra Haas (2013). O terceiro impacto foi a abertura da estrada que liga Porto Alegre até Gramado via Taquara, mais uma vez retirando o movimento da BR 116, na altura da cidade. Este contexto apontara um desafio para o município:

> Nós tínhamos que achar um caminho de sermos Nova Petrópolis por conta própria [...] parecia que estava nos remetendo novamente um quisto, sozinhos. Isto fez com que a gente se preocupasse de achar um caminho, quem somos nós. A origem é germânica. O que tem esta origem germânica diferente dos demais, o que nós gostamos: cantar, dançar, tem as flores, a técnica de enxaimel [...] Estes ícones passaram a ter importância na construção de imagem para Nova Petrópolis (HAAS, 2013).

A primeira oportunidade e a maturidade do Turismo na cidade viria com a proposta de roteirização denominada Rota Romântica, concebida a partir de um projeto acadêmico no âmbito do Curso de Turismo da PUCRS. A idealização tinha a coordenação de Norma Moesch e cuja implantação do que é hoje um produto turístico consolidado foi encabeçada por Nova Petrópolis. Além do fato de ter nascido dentro da Universidade, a concepção da Rota Romântica traria o que seria outra inovação para o período: a presença do imaginário ‘germanidade’ como orientador da proposta de planejamento.

A Rota Romântica é um roteiro turístico que percorre treze municípios, entre São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e o município de São Francisco de Paula, no planalto do Rio Grande do Sul. No percurso, passa-se por municípios ao longo da estrada BR 116, RS 326 e VRS815, entre eles Nova Petrópolis, Gramado e Canela, que teriam em comum a opção por resgatar as tradições, a cultura, os hábitos e o patrimônio histórico originados na forte presença de imigrantes alemães, no local, a partir do século XIX. A germanidade presente nestes municípios seria uma “prova”, uma história viva e um testemunho de marcas culturais de um outro tempo, mas ainda presentes; um passado a ser articulado na forma de memória para que, como tal, continue a alimentar identidades tradicionais associadas a este passado germânico, mas também a construir novas identidades a partir de uma suposta germanidade criada e recriada. (HAAS e GASTAL, 2006, p. 7)

No novo cenário de roteirização e eventos, o Turismo tornou-se, cada vez mais, importante para Nova Petrópolis como opção econômica, levando à necessidade de maiores investimentos em iniciativas baseadas no legado cultural da imigração. (PAZ, 2006) A partir da década de 1980, concretiza-se um projeto que conjugaria as duas dimensões: a recuperação dos elementos culturais da região, visando à sua preservação, e a atração turística. Criam-se o Parque Aldeia do Imigrante (1985), verdadeiro parque temático, e o Arquivo Histórico Municipal (1989), também tendo por eixo a germanidade.

4.1.3.1 Parque temático: germanidade presente

O Parque Aldeia do Imigrante, segundo o site oficial do município, é considerado o atrativo turístico de maior destaque de Nova Petrópolis. Foi inaugurado em 12 de janeiro de 1985 com o objetivo de resgatar e preservar o passado histórico dos imigrantes que colonizaram esta região. (NOVA PETRÓPOLIS, 2013) Está localizado no centro da cidade, na Avenida 15 de Novembro (via de acesso para Gramado e Caxias do Sul), e ocupa uma área de aproximadamente dez hectares, sendo a maior parte de mata nativa.

Segundo Paz (2006), a motivação para a criação deste Parque surge no biênio 1974/1975, período de comemoração do Sesquicentenário da Colonização Alemã e Centenário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Nova Petrópolis integrou-se ativamente nas comemorações, com especial destaque para o desfile da Semana da Pátria (1974), que homenageou os colonizadores alemães. Os trabalhos de levantamento dos elementos culturais revelaram a existência de uma riqueza cultural que se julgava perdida em função do processo de “nacionalização” que desestruturou a organização sociocultural das regiões coloniais durante o Estado Novo. (PAZ, 2006, p. 345) Após o desfile, um grupo de professores, sob a liderança

do Professor Renato Urbano Seibt[19], compreendeu que existia um rico patrimônio histórico na região e que algo deveria ser feito para evitar seu desaparecimento.

Desencadeou-se um processo, com objetivos imediatos, que voltados ao resgate de fontes, de objetos, memória oral, etc., e de longo prazo, priorizando o despertar da consciência sobre a importância da preservação e valorização da história da região. Neste processo, incluiu-se a preservação de prédios e construções típicas, locais históricos, áreas de preservação ambiental. Foram recolhidos objetos e utensílios utilizados nas atividades produtivas e no cotidiano das famílias dos pioneiros. (PAZ, 2006, p. 345)

Imagem 10: Pórtico de acesso ao Parque Aldeia do Imigrante.

Fonte: Site oficial Nova Petrópolis, disponível em: http://www.novapetropolis.rs.gov.br/servicos_detalhe.php?id=141.

A necessidade de um local para guarda e preservação deste patrimônio motivou à proposta de criação de um espaço público, um parque, que também pudesse servir para sediar os eventos culturais do município. (PAZ, 2006)

O projeto para a construção do Parque foi adquirindo força e conquistando apoio local e oficial do poder público. Entre as primeiras ações, está a aquisição de

[19] Equipe: Renato Urbano Seibt, Gessy Deppe, Irmgard Schuch, Erica Hoffmann, Ladi Senger, Werno Wommer. Orientação: Professora Loraine Slomp Giron (UCS). Apoio: Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis (PAZ, 2006).

uma antiga igreja, erguida em 1875 na comunidade de Linha Araripe. O prefeito Afonso Grings (1973-1977) foi responsável pela aquisição do prédio: quando tomou conhecimento da possível demolição, propôs doar as janelas para a nova igreja que pretendiam construir, recebendo em troca o prédio antigo, que foi instalado no Parque Aldeia do Imigrante. Esta capela é única no Brasil com torre e nave em estilo enxaimel[20]. (PAZ, 2006) A autora relata que o passo seguinte foi a escolha da área de terras para o Parque, porém a aquisição das áreas foi um processo complexo e envolveu diversas administrações, passando por Afonso Grings (1973-1977), Ewaldo Michaelsen (1978 - 1982) e Siegfried Dreschsler (1983 - 1985).

Imagem 11: Parque Aldeia do Imigrante, Nova Petrópolis, RS.
Fonte: SCHÜR, Germano.

O projeto do Parque foi inspirado nos moldes da Europa, de museu ao ar livre, chamados de *Freilichtmuseen* (museus ao ar livre), sendo projetado em duas partes distintas: a primeira parte de uma área comercial e a segunda parte a área histórica, com a criação da “Aldeia Histórica”. Este espaço reproduz o cotidiano de um povoado típico de imigrantes alemães entre os anos de 1875 e 1910, com prédios históricos trazidos de diferentes localidades do interior de Nova Petrópolis e reconstruídos com técnica enxaimel no Parque Aldeia do Imigrante. Nesta Aldeia, encontram-se algumas construções com aproximadamente 100 anos: Capela do

[20] Técnica enxaimel europeia do século XVII, em regiões com escassez de madeira, pois consiste no encaixe de peças de madeira e com o preenchimento de tijolos de barro.

Imigrante, cemitério, venda com salão de baile, réplica da primeira sede da cooperativa de crédito mais antiga da América Latina, casa com cantina, ferraria, escola comunitária, casa do professor, casa do sapateiro, casa paroquial, estúdio fotográfico de foto à moda antiga, de Germano Schür, e o Museu Histórico Municipal. (PAZ, 2006)

Esta prática de transferência do patrimônio histórico do seu contexto sociocultural gerou algumas críticas de pesquisadores e estudiosos: A retirada dos prédios históricos do interior do Município, e sua reconstrução ou reprodução no Parque, pode ser uma prática não recomendada pelos especialistas em museologia, mas foi uma maneira pragmática utilizada para preservar prédios históricos que, de outra forma, certamente teriam sido demolidos nos locais de origem. (PAZ, 2006, p. 348)

O Parque Aldeia do Imigrante e sua Aldeia Histórica são apresentados nos materiais de divulgação do município como uma representação da história dos primeiros imigrantes em forma de um Museu Vivo através dos prédios, objetos, utensílios presentes nestes espaços. Na entrada do Parque, encontra-se um pórtico decorado com elementos de arte e arquitetura alemãs. Na proposta dos idealizadores, ao entrar no Parque, o visitante deve se transportar a um ambiente germânico, embalado ao som de uma banda com animado repertório germânico, percorrendo o cenário com prédios de época, onde são comercializados artesanato, malhas e gastronomia. Os canteiros de flores em meio às árvores nativas conduzem ao Salão *Tannenwald*, prédio trazido da localidade de Pinhal Alto, no qual funcionava casa comercial e salão de baile; atualmente, acolhe o Restaurante *Biergarten*, especializado em culinária germânica. Nesta área também será possível visitar o *Biergarten* (Jardim da Cerveja), um quiosque construído para apresentações artísticas, onde o visitante poderá encontrar uma banda típica germânica, aos domingos.

Com uma estrutura receptiva instalada, o Turismo transforma-se em opção econômica cada vez mais importante para o município. A estrutura, para bem receber os visitantes, também foi sendo aprimorada, segundo os dados divulgados pelo Fundo de Turismo de Nova Petrópolis[21] (2012). Atualmente, são 28

[21] Criado em 2004, é entidade da iniciativa privada ligada à Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis e tem por objetivo desenvolver, qualificar e promover o potencial turístico da cidade.

estabelecimentos de hospedagem, ofertando 1473 leitos. No segmento de gastronomia, são 40 estabelecimentos com capacidade de atender 3420 pessoas.

4.2 Germanidade como temática: Festival Internacional do Folclore

O Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis é um evento que vem ocorrendo anualmente de forma ininterrupta desde 1973 na cidade de Nova Petrópolis-RS. O FIF é realizado através de uma parceria entre a Prefeitura Municipal, a Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis - AGDFANP - com o apoio da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares - IOV. Este Festival objetiva valorizar as tradições e os costumes herdados dos antepassados, numa mescla das mais variadas manifestações artísticas. Trata-se de um intercâmbio artístico-cultural entre grupos folclóricos, conforme publicação do site do Festival Internacional do Folclore (2012).

Busca-se construir um mapa da trajetória do FIF ao longo das suas quarenta edições. Para dar conta das diversas mudanças vividas pelo evento, apresenta-se este percurso subdividido em quatro momentos distintos: **Momento fundador** - seus primeiros passos, desafios e conquistas. O período compreende de 1973, data da sua primeira edição, até 1984. **Momento do crescimento e adolescência** - o marco deste período é a inauguração do Parque Aldeia do Imigrante como um novo espaço para realização o FIF. Uma alternativa para o crescimento do evento, associada ao fomento e criação dos grupos de danças folclóricas locais. Este processo ocorre entre os anos de 1985 e 1998. **Momento da maturidade: avanços e crises** - neste período, o FIF realiza movimentos significativos de avanços, diversificação na sua programação e consolidação do evento. O período abordado vai de 1999 até 2011. O Centro de Eventos é o espaço que acolhe o Festival, mas, na sua trajetória, surgem algumas crises. **Festival Internacional do Folclore dos 40 anos** - este marco comemorativo ocorreu em 2012, edição que foi o objeto de estudo de campo desta dissertação, que permitiu um olhar mais atento e aguçado sobre o problema de pesquisa proposto.

4.2.1 Momento fundador: 1973 a 1984

Paz (2006) aponta que a realização do primeiro Festival Internacional do Folclore (FIF) foi um passo importante para incrementar o Turismo em Nova Petrópolis. A autora relata que as manifestações folclóricas, expressões importantes da cultura, associadas à germanidade, constituíram o pano de fundo para o Festival que, nesse primeiro momento, teve por local de realização a Praça da República.

O folclore sempre esteve presente na saga dos nossos antepassados, seja na forma de canto coral, nos bailes de final de semana, nas festas típicas ou nas apresentações espontâneas de músicos nas praças do município. É esta preservação cultural que fundamenta a evolução do Festival do Folclore de Nova Petrópolis. (40º FIF, 2012, p. 8)

As versões que tratam sobre o início do Festival são diferenciadas, porém, não contraditórias. Na maioria delas, o registro limita-se a informar o período da primeira edição do festival como sendo de 7 e 8 de julho de 1973, na Praça da República, em Nova Petrópolis, dissociando-o do contexto ao qual está inserido. A revista comemorativa do 40º Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis (FIF, 2012) indica que houve eventos anteriores ao Festival do Folclore, como: Feira de Inverno, Festival Alemão e só posteriormente o Festival do Folclore. Complementando, Renato Seibt (2012), historiador e pesquisador local, também destaca haver manifestações folclóricas, de dança e música, antes mesmo destes eventos:

> Tinha coisas antes destes 40 anos, já funcionava alguma coisa, não era nada organizado na forma de Grupos de Danças, mas tinha apresentações. [...] Me lembro, inclusive, desde criança, dos bailes do terceiro dia de 'Kerb'(2): havia casais que apresentavam as danças antigas, como *Kreuzpolka*, e o pessoal assistia. [...] O folclore não se pode restringir à dança, o pessoal cantava nos bailes e isto também fazia parte do folclore [sic] (SEIBT, 2012).

A proposta de organização do primeiro evento foi apresentada ao prefeito da época, Ewaldo Michaelsen, por Junara Hansen: "Sempre gostei de teatro, casei e

vim morar em Nova Petrópolis [...] aí pensei, idealizei e fui conversar com o Prefeito e ele disse: Se a senhora garante, tudo bem" [sic] (2012).

Igualmente importante, essa primeira edição do evento já nascia com apoio do Governo do Estado, por meio de convênio firmado com o Conselho Municipal de Turismo de Nova Petrópolis, graças a Edson Baptista Chaves, primeiro secretário de Turismo do Rio Grande do Sul.[22] (MICHAELSEN, 2002) Segundo José Mário Hansen (2012), secretário do Prefeito na época, o município cultivava uma forte relação com o secretário Chaves, que teria proposto a realização de um evento sobre folclore no município. A Secretaria foi patrocinadora já na primeira edição, custeando as bandas e os grupos folclóricos convidados; ao município coube responsabilizar-se pela hospedagem dos convidados: "Foi um agito! Ensaios rápidos, convites para tradicionalistas, historiadores, garotas fazendo trajes típicos, todos os colaboradores contribuíram de forma voluntária, com muita disposição e alegria" (HANSEN (2), 2002, [s.p.]).

O historiador Seibt (2012) descreve que a Praça da República, na área central da cidade, na Avenida 15 de Novembro, fora o local escolhido para diferentes eventos:

> O Festival acontecia na praça, era aberto e era o único lugar disponível, não tínhamos áreas fechadas. Era o ponto de passagem do pessoal que vinha de Porto Alegre e Caxias do Sul, tendo como destino Gramado e Canela. Eles tinham que passar por Nova Petrópolis porque a estrada por Taquara ainda não estava aberta. Nós éramos um ponto estratégico de passagem. Assim se armou um palco grande para apresentações, tudo era gratuito [sic] (HAAS, 2012).

[22] Edson Baptista Chaves foi o primeiro secretário de Turismo do RS, com a recém criada SETUR - Secretaria Estadual de Turismo. Durante quase 18 meses à frente da SETUR, Baptista Chaves se empenhou em tornar realidade o **Plano Regional de Turismo** que se materializou em obras e eventos tradicionais do calendário turístico gaúcho: as primeiras edições da Califórnia da Canção de Uruguaiana, do Festival de Cinema de Gramado (1973) e da FEARTE - Festival Nacional do Artesanato em Gramado (1972). (FLORES, 1993)

Imagem 12: FIF na Praça das Flores.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Imagem 13: FIF anima visitantes.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Seibt estabelece uma possível relação entre estas atividades da época e os atuais eventos de Nova Petrópolis. Neste local montavam-se tendas e se vendiam produtos locais. As bandinhas tocavam e animavam aqueles que cruzavam a cidade em direção a Gramado e Canela, e faziam ali uma parada para apreciar a movimentação estabelecida. O historiador identifica este processo como um "movimento de se apresentar as coisas na praça" (SEIBT, 2012) que, posteriormente, gerou diversos eventos e festivais como: Festimalha, Festa das Azaleias, Festival do Folclore, entre outros.

Hansen (2012) relata sobre a estrutura montada, as lonas plásticas, pretas, que cobriram as doze tendas de expositores e as dificuldades enfrentadas e superadas pelo esforço coletivo:

> As tendas vendiam malhas, artesanato e calçados [...], milho verde cozido, rapadura [...] produtos feitos pelos artesãos de Nova Petrópolis. Eram 12 tendas improvisadas. Entidades como Lions Club e Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE) também participavam (HANSEN (1), 40º FIF 2012, p. 10).

A revista comemorativa aos 40 anos do Festival (2012) registra que, em 1973, o mesmo foi divulgado pela televisão, sendo o primeiro evento da cidade a conseguir tal espaço na mídia. O número de visitantes surpreendeu a todos. Hansen (MICHAELSEN, 2002, [s.p.]) relata que milhares de pessoas invadiram a cidade, lotando praças, ruas e restaurantes no final de semana, gerando angústia, apesar de toda euforia. Esta data tornou-se um marco na história do Festival do Folclore de Nova Petrópolis:

> O primeiro Festival do Folclore foi um negócio demais! Tinha tanta gente, tanta gente, que faltou comida, não tinha mais comida na cidade. As instalações do antigo Colégio Frederico Michaelsen (atual Câmara Municipal de Vereadores) foram transformadas em restaurante, no qual professores e alunos cozinharam e atenderam ao público. O público surpreendeu aos organizadores e proprietários das tendas. Não tinha mais água, não tinha mais nada [sic] (HANSEN (1), 40º FIF 2012, p. 9).

A divulgação precisava ser feita com baixo custo e de forma criativa. Na cidade, meninas vestidas com trajes germânicos entregavam panfletos para os veículos e ônibus que trafegaram pela BR 116[23] em frente ao Posto da Polícia Rodoviária Federal. (MICHAELSEN, 2002) Os filhos de uma expositora divulgavam o Festival em Gramado e Canela, junto às excursões de turistas, convidando a prestigiarem o evento na Praça de Nova Petrópolis. (HANSEN, 2012)

O Festival contou com expressivo apoio da população local e muitos trabalhos foram desenvolvidos de forma totalmente voluntária:

> O Festival acontecia no palco, (existia) a tenda do chope, do cachorro-quente e a guarda municipal fazia a segurança. A tenda do cachorro quente era cuidada pelas professoras da Secretaria Municipal de Educação. Quem cedeu a máquina para esquentar o pão, a salsicha, foi o Ernani Spier (proprietário da Estação Rodoviária). O chope era servido pelo José Mário Hansen, Vitor Michaelsen e professor Marcos. Só podia expor quem fosse de Nova Petrópolis (HANSEN (2) (40º FIF de NOVA PETROPOLIS, 2012, p. 10).

> O bacana da época foi que todos trabalhavam voluntariamente, trabalhavam sem intenções de cobrar nada. Nós tínhamos 50 meninos de trajes típicos, tu levantavas o dedo e vinham os 50 para trabalhar gratuitamente. O que deve ser ressaltado é esta integração dos jovens da época (HANSEN (1) (2012).

A programação de atrações nas primeiras edições do Festival obedeceu aos critérios da diversidade étnica nas expressões culturais, mesclando apresentações de danças e música. Entre os grupos presentes, estiveram os ditos de cultura 'gaúcha',[24] como os Araganos, Serranos e Três Xirus; representando a cultura polonesa, o Grupo da Sociedade Polônia e a Orquestra de Caxias do Sul. Segundo a coordenadora do evento na época, Junara Hansen (2012), o apoio financeiro

[23] Rodovia federal BR 116, que liga Porto Alegre a Caxias do Sul, em Nova Petrópolis. Este acesso está localizado numa das entradas da cidade.

[24] Por cultura 'gaúcha' costuma-se designar aquela associada à tradição rural da região do Pampa, na fronteira com Uruguai e Argentina, em geral associada às lides trato do gado e consagrada no movimento dos CTG - Centro de Tradição Gaúcha.

recebido do Estado destinava-se ao custeio dos grupos convidados, enquanto que os grupos locais de Nova Petrópolis apresentavam-se sem remuneração.

Imagem 14: Grupos de danças alemãs de Nova Petrópolis.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Imagem 15: Grupo de Danças Folclóricas Internacional de Nova Petrópolis.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Com relação aos grupos culturais de Nova Petrópolis, no período 1973 e 1985 identificam-se cinco grupos organizados de danças folclóricas alemãs e uma banda, que são: Grupo de Danças da Sociedade Cultural e Esportiva Linha Araripe; Grupos de Danças Folclóricas Internacional; Banda Municipal; *VokstanzgruppeTannenwald*; Grupo de Danças Alemãs *Sonnenstrahl* e Centro de Tradições Gaúchas Pousada da Serra.

Segundo dados da Revista dos 40º Festival Internacional do Folclore, o primeiro grupo organizado do município foi o Grupo de Danças da Sociedade Cultural e Esportiva Linha Araripe, localizado numa comunidade rural do município. Suas atividades iniciaram em 1968 e seguiram até 1974, sendo seus grandes incentivadores Hubertus e Rovena Schwartz. Irmgard Schuch (2012) comenta que este grupo se apresentou no primeiro Festival e lembra sobre a vestimenta utilizada pelas dançarinas era um traje folclórico alemão curto(sic).

Em 1970, representando o centro da cidade, surge o Grupo de Danças Folclóricas Internacional. Este grupo representa a Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo e visa acabar com os preconceitos culturais através da diversidade de danças e trajes. Hoje é o Grupo de Danças mais antigo de Nova Petrópolis e segue com dançarinos em diversas categorias. No período de 1970 até 1975 contou com o

apoio de Annemarie Frank, uma alemã, esposa de um técnico da Cooperativa Piá que estava a trabalho no município. Com seu retorno para a Alemanha, criou-se um hiato, e surgiu a necessidade de alguém para coordenar e manter o grupo ativo. Convidada para a função, ela teria respondido: “Olha, eu não sei nada disso, danças folclóricas, mas se é para coordenar e manter o grupo unido, eu posso assumir”, diz a professora aposentada Irmgard Schuch (2012), que lembra sobre os primeiros ensaios do Grupo de Danças Folclóricas Internacional que acompanhou por 13 anos, entre 1976 e 1989.

> Tivemos que remontar tudo, porque eu não tinha nada de danças folclóricas. Aí um aluno, dos jovens, tinha uma fita, outro tinha outra fita, não sei como é que eles gravaram, e aí a gente procurou remontar as danças. Um se lembrava de um passo e o outro dizia “não é bem assim!”. Daí eu fui aprendendo com eles, inclusive eu tomava nota dos passos. Claro, eu não tinha uma coreografia correta, não sou professora de Educação Física nem coisa nenhuma. Eu escrevia à minha moda, tal passo assim [...] a gente foi remontando e daí o grupo renasceu [sic] (SCHUCH, 2012).

Imagem 16: Grupo de Danças Folclóricas Internacional, acompanhados da Coordenadora Irmgard Schuch, 1982.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

A Banda Municipal de Nova Petrópolis iniciou suas atividades com objetivo de levar a boa música aos eventos. Criada em 1971, com 32 integrantes, seu repertório

por muito tempo foi caracterizado por músicas germânicas. A sua atual formação conta com 17 integrantes, sendo que 10 músicos são integrantes fundadores da Banda, que hoje leva o nome de Big Band Nova Petrópolis. (40º FIF, 2012, p. 18)

O Grupo *VolkstanzgruppeTannenwald* (o nome traduz a denominação da localidade de origem, Pinhal Alto, localizada na área rural do município) iniciou suas atividades em 1972. Foi criado a partir de alunos que tinham por objetivo realizar um trabalho escolar sobre danças gauchescas. A professora Maria ZillesKnorst, fundadora e que segue como coordenadora deste Grupo de Danças, comenta que os dançarinos passam a ser questionados sobre o repertório: “O pessoal começou a pensar: olhos claros, pele branca... Nós somos alemães, por que não partir para uma coisa mais nossa? Então, partimos para dança alemã” [sic] (2012). Foi em março de 1980, data de fundação do Grupo de Folclore Alemão - *VolkstanzgruppeTannenwald* -, que seguiu com trabalho de pesquisa sobre danças folclóricas alemãs nas comunidades do interior.

O Grupo de Danças Alemãs *Sonnenstrahl* foi criado em julho de 1980, na localidade de Picada Café, pertencente, na época, a Nova Petrópolis, e, atualmente, município emancipado. Este Grupo conta com repertório de danças portuguesas, gauchescas e alemãs.

A preocupação com a preservação e o culto às tradições gaúchas foi a motivação de um grupo de pessoas para fundar uma entidade tradicionalista em Nova Petrópolis, em julho de 1983, chamada de Centro de Tradições Gaúchas - CTG - Pousada da Serra. As atividades artísticas têm um destaque no trabalho realizado pela entidade, sendo que as danças contam com quatro grupos: mirim, juvenil, adulto e biriva.

O corte de patrocínio da Secretaria de Turismo do Estado, na quarta edição do Festival do Folclore, em 1976, caracteriza-se como o primeiro rompimento, e instala um caos. Neste cenário, o caos foi benéfico e surge assim a remodelação do projeto do Festival do Folclore de Nova Petrópolis.

A partir do momento que a Secretaria de Turismo negou-se a patrocinar este evento, se instalou o caos e este caos foi benéfico. Num primeiro momento, muito sofrido; num segundo momento, buscou-se novas alternativas e estas fizeram com

que se construísse o Festival de Folclore de Nova Petrópolis. Contatou-se a Secretaria Estadual da Cultura para outras alternativas, um grupo técnico passou a ajudar nesta caminhada com pernas próprias e não sempre sob patrocínio total. (HAAS, 2013)

> A Secretaria de Educação tinha um programa muito bonito. Eles mandavam promoções culturais para o interior do Estado. [...] Eles mandavam concertos de quartetos de cordas, concertos de piano, um bom pianista e uma cantora. Através desta Secretaria, conseguimos, para o Festival de Folclore, o grupo Os Gaúchos, que dançavam que é uma beleza, inclusive, internacionalmente conhecidos. O Paixão Cortes vinha [...] e vinha o Barbosa Lessa também [sic] (SCHUCH, 2012, p. 12).

As dificuldades enfrentadas geraram uma remodelação total da proposta do Festival, conforme relata Haas.

> A partir deste momento se pensou: o que nós temos para apresentar, quem somos nós Nova Petrópolis? O que nós podemos apresentar da nossa cidade para quem está chegando? [...] Começou-se a pensar um Festival com a veia cultural germânica de Nova Petrópolis, sempre prevendo um intercâmbio - cultura local e uma cultura diferenciada - justamente para poder fazer estas trocas. A gente conseguiu que eles (jovens dançarinos) fizessem trocas de procedimentos para qualificar a preservação. [...] Acho que este foi o passo fundamental, que permanece até hoje, talvez com formas diferentes de ser construída a proposta, mas, em si, a proposta continua a mesma (HAAS, 2013).

O apoio do Estado seguiu através do fortalecimento e suporte técnico das equipes locais para organizar o Festival. Norma Martini Moesch, coordenadora da Comissão Interssetorial de Turismo na época relata:

> Nós tínhamos modelos de políticas públicas de Turismo que se preocupavam muito em fortalecer os municípios através de eventos, entendendo-se que evento era a plataforma de lançamento dos municípios no cenário turístico e, para tanto, os municípios tinham obrigação de apresentar dentro de um determinado tempo e prazo seus projetos. [...] O secretário de Turismo Mário Ramos me chamou e recomendou que eu atendesse esse município (Nova Petrópolis) da melhor forma possível, colocando à disposição todo apoio que nós hoje chamaríamos de logística e o apoio técnico que pudesse compensar o fato de não termos mais recursos financeiros disponíveis pra dar o atendimento a essa comunidade. [...] Nova Petrópolis foi um município que se tornou uma referência pra nós, em vez de dar o peixe, veio uma boa equipe técnica auxiliar a comunidade a pescar. [...] Nova Petrópolis não precisou de mais de dois anos de acompanhamento pra saber qual era o seu caminho [sic] (MOESCH, 2006).

Este momento da construção de uma nova proposta passou pelo incentivo aos grupos de danças locais. O trabalho de pesquisa de campo, sobre as danças presentes no município, através dos reconhecidos folcloristas Paixão Cortes e

Barbosa Lessa, foi determinante para este incentivo e revelou aproximações entre a cultura germânica e gauchesca. Também instigou a reflexão sobre como a cidade poderia estar apresentando esta cultura germânica para o Estado e o resto do país, em ações de promoção turística.

> Este trabalho de pesquisa incentivou e desenvolveu um trabalho de cultura como suporte para o turismo, não só em Nova Petrópolis, mas em várias frentes do Rio Grande do Sul. [...] Ele buscou fomentar a cultura e o fortalecimento dos grupos locais, fomentando um olhar introspectivo para pensar em como representar o município através da cultura [sic] (HAAS, 2013).

4.2.2 Momento do crescimento e adolescência - 1985 a 1998

Neste segundo período do FIF, tornou-se perceptível o crescimento do evento tanto em relação ao número de visitantes, quanto dos grupos convidados para as apresentações. No entanto, as dificuldades e falta de estrutura enfrentadas na praça aumentaram: fechamento da rua, poucos banheiros, local aberto e sujeito ao clima, espaço restrito para alimentação, dificuldade para bem receber os grupos convidados e os visitantes. (HAAS; SEIBT, 2012) Este contexto de dificuldades também limitara a possibilidade do evento seguir seu percurso de crescimento.

Em 1985, a prefeitura municipal estava em processo de implantação de um Parque Temático da Imigração Alemã - Parque Aldeia do Imigrante - que viria a se tornar um dos principais atrativos turísticos de Nova Petrópolis, com infraestrutura capaz para receber eventos como o FIF.

Foto 17: FIF no Parque Aldeia do Imigrante, em 1985.
Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Foto 18: FIF no Parque Aldeia do Imigrante com Grupo Folclórico de Ibirubá/RS, 1996.
Fonte: DEPPE, Normélio, 1996.

Em julho de 1985, o 13º Festival do Folclore realiza-se no recém inaugurado Parque Aldeia do Imigrante, um espaço no qual público e dançarinos pudessem contar com área coberta, os expositores poderiam se instalar em casinhas mais espaçosas e de estilo enxaimel. Outra novidade foi a ampliação do FIF, sendo que um final de semana tornara-se insuficiente para mostrar toda a diversidade cultural dos grupos locais, regionais e estaduais. O Prefeito da época, Siegfried Drechsler, descreve: “Era uma movimentação muito bonita. E no município, nas escolas, era uma empolgação que a gente se admirava. Como gostavam... como as crianças gostavam dos trajes” (2012). Dessa forma, o evento passou a realizar-se em dois finais de semana do mês de julho. (DRECHSLER, 2012, p. 14)

A escolha das Soberanas do Folclore Alemão foi uma iniciativa da Secretária de Turismo à época, Terezinha Haas, que resolveu extinguir a escolha da Namorada de Nova Petrópolis e criou a Rainha do Folclore com intuito de impulsionar o FIF. “E realmente deu certo, porque houve uma adesão, um movimento grande, o pessoal se empolgou e a coisa andou” (KNORST, 2012).

A primeira Rainha do Folclore Alemão foi eleita durante o Baile do Folclore que se realizou no dia 20 de julho de 1986, durante o 14º Festival do Folclore. A eleita foi Jaci Rosane Zimmerman, representante do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Pommertal*, da Linha Temerária. Nesta mesma oportunidade, o grupo apresentava-se pela primeira vez no FIF. Até a 40ª edição do Festival, em 2012, somam-se 25 cortes eleitas. As soberanas têm como principal função a representação do FIF, a recepção aos visitantes e a divulgação do evento e do município. Entre os critérios de participação e julgamento, estão: ser integrante de grupo folclórico de Nova Petrópolis, ter seis meses de participação e a idade mínima de 16 anos. Os jurados consideram os conhecimentos das candidatas com relação ao histórico do traje, cultura e turismo local, história do FIF e domínio do dialeto alemão. Durante o baile, são avaliados os quesitos beleza, dança e a comunicação com o público presente. (40º FIF, 2012, p. 25)

O expressivo impulso para o desenvolvimento do trabalho cultural no município partiu do poder público, em 1985, através da contratação do professor e pesquisador de folclore alemão Benno Heumann:

> O meu trabalho era cultural, erguer o folclore, os costumes do canto (também sou professor de música). [...] Nós tínhamos que interiorizar a cultura, para cada comunidade, [...] e com isso a gente criou uma identidade de cada lugar e eles estão conscientes disto: a Linha Temerária é mais Pomerana, a Linha Imperial é mais Boêmia, o Pinhal Alto é do Hunsrück e o centro já é uma mistura de várias outras étnicas (2013).

Este momento mostrou-se muito propício à implantação da proposta cultural e a resposta de apoio da população foi a participação no trabalho de pesquisa e a criação dos grupos folclóricos nas diversas localidades do município.

> Com esta pesquisa, a gente conseguiu ver, inclusive, a questão da língua. Temos sotaques diferenciados no falar o alemão, mesmo que seja o dialeto, [...] alguns elementos de fala são situações diferenciadas, nós temos algumas expressões que são típicas do Pinhal Alto, outras que são típicas da região da Linha Imperial, como coisas diferentes lá da Linha Temerária. Além disso, influenciou as pessoas a procurarem porque eram um pouco diferentes nas suas cozinhas. A pesquisa dos trajes típicos foi fundamental. [...] Esta pesquisa de músicas e costumes, o fato de cantarmos nos enterros, isto é uma coisa nossa. Nós cantamos em horas alegres e temos o canto para horas tristes, servindo como consolo, já nos remetendo à saudade daquela pessoa que está partindo**.** Nós não tínhamos este entendimento e o Folclore nos ajudou muito nisto. Então, são usos e costumes que são chamados à nossa atenção a partir do momento em que um estranho chega e nos chama atenção para algum fato, que até então para nós é o normal (HAAS, 2013).

Imagem 19: Grupos de Danças Folclóricas locais atraem grande público no FIF, 1996.
Fonte: DEPPE, Normélio, 1996.

Imagem 20: Trajes típicos diversificados e muita animação no FIF, 1997.
Fonte: DEPPE, Normélio, 1996.

Segundo a Revista 40º FIF (2012), no período entre 1985 e 1999, foram criados 11 grupos de danças folclóricas em Nova Petrópolis que

> foram se fortalecendo e nos quais foram ingressando mais pessoas, tanto dos pequenos, quanto de adultos, enfim, estavam presentes várias faixas-etárias e eles vislumbravam apresentações fora, porque os grupos de danças era uma maneira deles viajarem, com algo que coubesse no bolso deles. [...] Com os Grupos Folclóricos, eles foram para os EUA, Alemanha..., visitaram vários estados e municípios do Rio Grande do Sul. Pra eles fez muito bem e com isso a gente criou, sem querer, cidadãos mais conscientes. [...] Eu acho que isto foi muito benéfico e talvez a gente não tenha se dado conta o quanto isto colaborou para criarmos uma imagem sadia do município de NP, com orgulho [sic] (HAAS, 2013).

> Assim que isso (FIF) evoluiu, que se viu que teria sucesso, todas as comunidades locais quiseram fazer seus grupos. Daí se aperfeiçoou o sentido de dar ao grupo a característica da origem folclórica dos imigrantes que foram pra lá (para a localidade). [...] Então, onde tivesse um grupo interessado, surgia um grupo folclórico. Nós já tínhamos tantos grupos, que se podia fazer um Festival só com os nossos, mas sempre se convidou de outros lugares, não só folclore alemão, mas também de imigrantes poloneses, italianos, etc. [sic] (SEIBT, 40º FIF, 2012, p. 15).

Entre os grupos criados neste período, com o incentivo cultural, está o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Pommertal*, da localidade rural de Linha Temerária. A organização deste Grupo existia através da Juventude Evangélica Paixão, da Linha Temerária (IECLB), porém, em 1985, decidiu-se ampliar suas atividades, agregando também a dança folclórica. Os objetivos do grupo apoiavam-se em manter vivas as tradições dos antepassados, na maioria descendentes de origem pomerana; cultivar e divulgar o folclore e a cultura de Nova Petrópolis, além de proporcionar aos jovens uma atividade saudável. As atividades do grupo encerraram-se em 2000. (40º FIF, 2012, p. 24)

Na localidade de Linha Imperial surgiu o Grupo *Böhmerlandtanzgruppe* - Grupo de Danças Folclóricas Alemãs *Böhmerland* (terra da Boêmia), que integra a Sociedade Concórdia nesta localidade. O nome do grupo “foi definido como homenagem aos imigrantes que povoaram a comunidade. Entre os vários grupos de alemães, foram os Boêmios que deixaram a sua marca e legaram às suas gerações algo que poderia ser chamado da alma desta localidade” [sic] (HILLEBRAND et. al., 1997, [s.p.]). O grupo, fundado em 1986, alcançou os vinte e cinco anos de atividades em 2012. Atualmente, conta com cerca de cinquenta dançarinos nas categorias mirim, infantil e adulto. A coordenadora do grupo há mais de quinze anos, Ana Carina Raimann, fala sobre o Festival:

> O festival (FIF) sempre foi e acho que vai ser sempre a principal apresentação do ano. Então, nós sempre nos preparamos muito bem, a gente tentou sempre montar apresentações, selecionava melhores danças -

> tanto das crianças quanto do adulto - então, os ensaios eram bastante puxados, acho que a maior dificuldade era a questão de manter a calma. A gente até chamou de TPF: tensão pré-festival [sic] (RAIMMANN, 2012).

A fundadora e coordenadora por 16 anos, Adélia Hillebrand, lembra que o grupo surgiu para oferecer algum lazer para os jovens, porém, os desafios eram maiores:

> Desde o início a gente já se deu conta de que não importava só o aplauso que esses adolescentes ganhavam no palco, eles precisavam de algo mais profundo e que desse mais emoção. Porque pra um adolescente é importante ser aplaudido, mas não dura, então, decidimos começar um resgate histórico [sic] (HILLEBRAND, 2012).

O movimento folclórico no município já se mostrava expressivo, de forma que se criou a necessidade de uma entidade que congregasse tais grupos. Em 1989, surgiu, então, a Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis - AGDFANP - uma entidade civil sem fins lucrativos que tem por finalidade promover a educação e o folclore, mantendo vivas a identidade cultural de Nova Petrópolis, além da representatividade junto a órgãos públicos e privados. Sua diretoria realiza trabalho voluntário e os coordenadores buscam preservar a cultura dos antepassados e transmiti-la às novas gerações. Atualmente, reúne sete grupos folclóricos do município:

> A associação tinha uma casinha no Parque (Aldeia do Imigrante), nós vendíamos cuca, vendíamos pães, e principalmente pastel. Cada final de semana era um grupo responsável. [...] Mas trabalhávamos o dia inteiro, depois ainda íamos para o ensaio. Nossa, era tudo uma festa! Era cansativo, mas era divertido. Juntava um dinheiro bom para o Grupo [sic] (RAIMMANN, 2012).

A promoção do FIF é uma parceria entre Prefeitura Municipal e Associação dos Grupos Folclóricos. A atual Presidente (2012), Ana Carina Ruppenthal Raimmann, comenta a posição da entidade:

> O FIF é um evento que, ao trazer diferentes manifestações culturais, acaba virando uma verdadeira escola ao ar livre, onde todos têm a oportunidade de aprender, de conhecer, de participar, de dançar, de cantar e, principalmente, de refletir sobre a importância que a cultura tem na vida de cada um. Essa cultura [nós] devemos preservar, pois é ela que nos identifica. É ela que nos enriquece, que nos humaniza. As diferenças culturais podem, em algumas situações, gerar grandes conflitos, mas os FIF vêm nos mostrar que a diversidade cultural também pode nos unir. E é com

> este espírito que a AGDFANP trabalha em prol da preservação da identidade cultural da cidade e se orgulha de poder fazer parte da organização deste belíssimo evento [sic] (40º FIF, 2012, p. 39).

O Grupo de Danças Folclóricas *Sonnenschein*, da localidade de Linha Brasil, foi fundado em 1990 pela professora Gisela EversKrick, com auxílio de três mães da comunidade. As atividades desenvolvem-se nas dependências da Sociedade Cultural e Esportiva da Linha Brasil. Atualmente, o grupo conta com a participação de crianças e jovens, contribuindo para a história, a memória e cultura do local. Na descrição da missão do Grupo, define que acredita que um povo que não cultiva as suas tradições tende a desaparecer por falta de identidade cultural. Por esta razão, cultiva a dança, uma das formas de expressão cultural de um povo, recriando, da forma mais autêntica possível, danças e trajes folclóricos trazidos pelos seus antepassados. (40º FIF, 2012, p. 41)

> Os trajes foram escolhidos de acordo com a região que nosso grupo representa, que é a Boemia. [...] Nossos tecidos (dos trajes) das meninas são da Alemanha, assim como os broches, brincos e o avental. [...] O repertório de músicas vem parte da Casa Juventude de Gramado, todo ano vem trazendo danças novas de cada região da Alemanha. Então, a gente pega algumas de lá, depois a gente junta umas com as outras. Na verdade, são uma e outra que são feitas novas, mas pouca coisa [sic] (ZENI, 2012).

A localidade da Vila Olinda acolhe o Grupo *VolkstanzgruppeFreundschatfskereis* - Círculo da Amizade -, que desenvolve um minucioso trabalho de pesquisa das coreografias das danças e trajes apresentados, além de realizar intercâmbio com grupos folclóricos de diferentes regiões da Alemanha, conseguindo, portanto, divulgar o folclore e manter viva a tradição e a identidade cultural de cada um de seus integrantes. O Grupo de Danças organizou-se em 1992 com suporte de Yedda Leão Michaelsen e Jorge Nestor Michaelsen. O seu repertório é formado por danças do folclore alemão, teuto-gaúcho, coreografias de músicas populares alemãs, uma peça teatral que retrata aspectos da imigração alemã e danças do folclore internacional. Na localidade, cresce o interesse pela participação das crianças: “estamos com 40 crianças e cada vez surge mais interessados”, diz o Presidente do Grupo, Ricardo Loeser, que explicita as condições de participação:

> Não há nenhuma taxa de inscrição, apenas a Sociedade de Vila Olinda exige uma taxa anual de 10% do salário mínimo por família, independente do número de filhos, então a taxa anual é de 60 reais. E as crianças têm direito de usar a sociedade e o que tem ali e o grupo sede os trajes e o que precisar e a aparelhagem de som [sic] (40º FIF, 2012, p. 42).

A Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo, localizada na área central da cidade, oferece suporte para dois grupos de danças. O Grupo Internacional, pioneiro entre os grupos de danças, e o Grupo de Casais *Schützenhaustanzgruppe*, fundado em 1993 e, atualmente, com 12 casais participantes. Os trajes utilizados por este Grupo são diferenciados: cada integrante usa o traje característico da região que representa a origem dos seus antepassados.

> Nós vivemos folclore ainda, nosso grupinho vive, porque somos poucos casais, tanto assim que domingo, ainda depois da apresentação, o pessoal que era da Alemanha veio conversar conosco, e disseram: - Mas vocês ainda andam com estes trajes, mesmo não (estando) no palco? Ele achou superinteressante, estávamos no meio do povo, comentando na língua alemã, [...] falamos que a gente vive assim ainda. Ele comentou que nem na Alemanha vivem mais assim. [...] Uma vez vi num programa de televisão uma dança alemã, na Alemanha, e dançaram uma dança do nosso repertório (LIED, 2012).

O Grupo de Margaridas foi fundado em 1993, formado somente por senhoras da OASE - Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas -, da Igreja Evangélica de *Confissão Luterana no Brasil* - IECLB. Atualmente, são 32 integrantes, todas da terceira idade. A coordenadora, Loni da Silva, relata que os ensaios acontecem todas as segundas-feiras, das duas até as quatro: “é bom pra elas, bom pra todo o organismo, é uma ginástica que elas fazem, é bom para o corpo e para alma. A gente senta e conversa” (2012). O Grupo participa ativamente do FIF, além dos convites para eventos fora do município.

Nessa trajetória de incentivo e criação de novos grupos de danças, também houve aqueles que, por motivos diversos, encerraram suas atividades. Este é o caso do Grupo *HochlandVolkstanzgruppe*, da localidade da Fazenda Pirajá, que permaneceu ativo somente no período entre 1995 e 1998. Nesta mesma localidade, porém, existe o Grupo *VolkstanzgruppeEdelstein*, fundado em 1994, que, atualmente, está organizado nas categorias infantil e adulto. *Volkstanzgruppe* significa grupo de danças folclóricas e, *Edelstein*, pedra preciosa e, em confrarias

pessoais, uma das pedras mais valorizadas é a amizade. Para definição do primeiro traje do grupo, os dançarinos lembram que foram realizadas diversas conversas com os avós a fim de identificarem a origem dos antepassados.

As escolas também participam deste movimento. A Escola Bom Pastor apoia o Grupo de Cultura Nativa Alma Serrana, que iniciou suas atividades em 1995, sob a orientação do professor Zildomar Rodrigues Lira, além do apoio da Direção da Escola, na localidade de Linha Brasil. Atualmente, o grupo mantém uma banda tradicionalista.

“A APAE de Nova Petrópolis já fez uma das maiores ações de inclusão social possível, imaginável através do folclore, da dança” (2012) relata a Diretora, Anita Haugg, ao descrever o trabalho desenvolvido com o Grupo Folclórico Sol Nascente APAE - Associação de Pais e Amigos de Excepcionais de Nova Petrópolis -, fundado em 1996, o qual vem se mantendo como participante assíduo das edições do FIF. Haugg acrescenta que a iniciativa partiu da professora Dalva Neumann, já envolvida com o folclore e Rainha do Folclore (1990), pois a escola percebia que os alunos tinham vontade e um potencial para música, para dança e para as artes:

> Quando nós vimos as primeiras danças, as mais simples, a gente se surpreendeu com o quanto um aluno especial, uma pessoa portadora de deficiência consegue se superar e mostrar tudo que ela consegue fazer. [...] Então a gente fez a primeira apresentação (FIF, 1996), todos arrumados, até fazendo uma quebra de certos preconceitos, certos tabus nesse sentido, cabelos com gel, as moças com penteados, coques cheio de florzinhas. A gente recebeu muitos elogios, dizendo que aquilo foi tão lindo, que parecia que eles estavam saindo de uma caixa de presente, que era um presente que a gente estava dando para a comunidade de Nova Petrópolis. Todo mundo se surpreendeu, não entendendo uma pessoa portadora de deficiências com um potencial tão grande [sic] (HAUGG, 2012, p. 47).

Conhecer para preservar - foi com este ideal que, em 1996, criou-se o Grupo *LustigeVolkstanzgruppeBergtal*, que significa animado grupo folclórico situado no vale entre morros, que descreve a localidade deste grupo, São José do Caí, situada na margem esquerda do Rio Caí. A dança, além do entretenimento e lazer, permitiu conhecer, através do resgate e da preservação da história, a identidade e a cultura dos antepassados. O grupo acredita que um povo sem passado (sem identidade) é um povo sem história, e quem não tem história não é lembrado. (40º FIF, 2012, p. 48)

As Noites Culturais surgem com o objetivo de levar a mesma alegria e riqueza cultural do palco principal do FIF para as comunidades do interior de Nova Petrópolis. Esta atividade integra a programação do FIF desde a 25º edição, no ano de 1997. Para a Coordenadora de 2012, Carla Ferreira, “nem todas as pessoas conseguem se deslocar até o centro da cidade para assistir às apresentações. Por isso, o evento preocupa-se em proporcionar às pessoas o acesso à diversidade cultural na sua própria localidade” (2012). A Noite Cultural reúne apresentações culturais e oferece um jantar aos grupos convidados. A primeira atividade é a apresentação do grupo anfitrião, seja com o Grupo de Danças, ou uma amostra do canto coral. Logo asseguir são convidados a se apresentarem os dois grupos visitantes. São momentos de grande intercâmbio cultural e as comunidades aguardam com ansiedade para saber a data e os grupos que os visitarão. (FERREIRA, 40º FIF, 2012, p. 49)

O evento recebeu uma logomarca em comemoração ao 25º Festival do Folclore, em 1997. Esta trazia a figura do mapa-mundi em transparência, com um casal de danças folclóricas em destaque. Na forma do enlace, a ilustração de uma enorme fita contornava os demais elementos, com as cores que lembram a Bandeira do Rio Grande do Sul. (40º FIF, 2012, p. 58)

Imagem 21: Jogos Germânicos na Aldeia Histórica - FIF 2000.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Imagem 22: Jogos Germânicos - Bolão de Corda – FIF 2000.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

A 26ª edição do FIF, em 1998, foi marcada por novas atividades no evento. A primeira edição dos Jogos Germânicos, uma competição que busca a integração e a participação dos diversos Grupos Folclóricos e visitantes. A atividade consiste na disputa de diversas provas, as quais lembram, de uma forma divertida e descontraída, as atividades cotidianas dos imigrantes que povoaram a região:

> Os Jogos Germânicos basearam sua origem na ocupação dos imigrantes em sua terra natal. Então por exemplo, se você pega os que vieram da região da Floresta Negra ou de outra região onde existem florestas e se trabalhava muito com madeira, foi de onde surgiram os jogos como serrar toras, jogar toras à distância, carregar, todos esses jogos estão ligados a isso. Nas regiões onde havia curtimento, onde se trabalhava o couro, originaram-se os jogos como puxar laço. E, por exemplo, um outro, o caso da bebida, isso era por cervejarias, aquelas competições de beber cerveja, isso são atividades que foram introduzidas conforme a região em que eles vieram, por exemplo, na região do vinho, havia jogos que envolviam o vinho, isso foi então um outro grupo preservou, o pessoal achou interessante, os outros imitaram e foi se tornando comum (SEIBT, apud BÄCKER, 2008).

Para valorizar o expressivo número de crianças envolvidas com as danças folclóricas alemãs, surge o Baile Infantil com escolha do Rei e Rainha do Festival do Folclore Infantil. Esta atividade incorpora-se à programação do evento na 26ª edição, uma promoção da Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis. A primeira Rainha Infantil foi Estefânia Krauspenhar e o Rei Infantil Samuel Kich, representantes do Grupo de Danças Folclóricas *Sonnenschein*, de Linha Brasil. Terezinha Haas relata que os grupos, na época, estavam bastante fortalecidos e “nos bailes infantis, nós temos registros que a Sociedade Cultural e Recreativa Tiro ao Alvo - SCRTA - ficou pequena para realizar o Baile, tínhamos quase mil crianças dançando” (2012).

Imagem 23: Baile Infantil do FIF, 1996.

Fonte: DEPPE, Normélio, 1996.

Imagem 24: Desfile Abertura do FIF, 1996.

Fonte: DEPPE, Normélio, 1996.

4.2.3 Momento da maturidade: avanços e crises - 1999 a 2011

A década de 1990 findou com mudanças significativas para o Festival do Folclore. O novo local para a realização do evento e as diversas novidades agregadas à programação do FIF são marcantes neste período.

O 27º Festival realizou-se no Centro de Eventos de Nova Petrópolis, um espaço planejado para tal finalidade, inaugurado em 1º maio de 1999. Um equipamento turístico, construído pelo poder público local, com 3000m², composto por dois pavimentos e com a infraestrutura necessária para receber eventos de pequeno e médio porte. Localizado a 700 metros da Praça das Flores, situada no centro da cidade (PMNP, 2013), mas, esse primeiro, fora da área de maior movimento da cidade.

O Centro de Eventos surgiu como um grande trunfo para enfrentar o inverno, porque, no Parque, o FIF dependia da sorte de ocorrer um domingo ensolarado, momento em que o local transbordava de pessoas, ou num domingo de chuva que

não tinha público. O Centro de Eventos surge como uma alternativa para este problema. (MICHAELSEN, 2013)

> Lembro que houve uma vez que tínhamos que apresentar embaixo de neve, então você imagina, no quiosque do Parque cabia pouquíssima gente e não havia qualquer cobertura de plástico para proteger, era um frio terrível... O pessoal tinha que ficar pulando bastante antes da apresentação para fazer um aquecimento e às vezes a data era transferida ou não havia como transferir (HILLEBRAND, 2013).

A mudança para um espaço fechado contara, na época, também, com posições contrárias entre os locais. Adélia Hillebrand (2013) lembra que as pessoas diziam: “Lá não tem clima, um clima de folclore alemão só tem no Parque”. O contexto motivou a Coordenadora do evento na época, Hillebrand, com apoio da AGDFANP, a investir na decoração do local, criando um cenário de aldeia alemã no Centro de Eventos:

> Construímos uma aldeia alemã, usando papelão, sarrafos, tinta... eram tudo doações que a gente catou, era um verdadeiro lixo. [...] Foi aí que eu chamei todos os grupos de danças para ajudar, todas as noites nós estávamos lá, recortando caixas de papelão e fazendo telhas, pintando de marrom, colando e fazendo. Foi uma loucura, o resultado final foi maravilhoso, como cenário! (HILLEBRAND, 2013).

Imagens 24, 25 e 26: Decoração Germânica FIF 2000 - Centro de Eventos.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

O Festival, em 1999, apresentou-se como a edição que agregou novas atividades ao evento, realizadas no Centro de Eventos e na Aldeia Histórica do Parque do Imigrante. Nessa edição, somaram-se a gastronomia e o artesanato étnico, comercializados na aldeia alemã, construída no salão principal do Centro de Eventos. “A gastronomia foi muito explorada nesse período, com casinhas que vendiam gastronomia de vários estados brasileiros e até de outros países” [sic] (40º FIF, 2012, p. 15). O evento oportunizou a integração entre a cultura germânica regional e as 17 etnias presentes e representadas nas 73 atrações culturais do FIF. A II Feira de Embutidos de Carne de Nova Petrópolis, com oito produtores locais, e os artistas plásticos, também integraram as atividades realizadas no Centro de Eventos. Hillebrand (2013) lembra que a primeira edição do FIF no Centro de Eventos, em 1999, contou com a participação de um promotor de eventos que trouxe expositores da Festa das Nações[25] para participarem com a gastronomia e artesanato de vários países.

Imagem 27: Aldeia Viva no FIF 2000.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

“Entre as novas atividades, estiveram as Oficinas de Culinária, Traje Típico Germânico e Danças Germânicas, realizadas durante a semana, com objetivo de

[25] Evento de gastronomia e artesanato realizado em Porto Alegre, com representantes de diversas etnias.

incentivar o folclore vivo na comunidade" (A PONTE, jul./1999, p. 6). Já a programação desenvolvida na Aldeia Histórica, durante o FIF, a Aldeia Viva, significaria um convite aos visitantes para uma viagem no tempo, permitindo usufruir de sons, sabores e emoções. A Aldeia Viva oportunizara a vivência das atividades que outrora foram realizadas nos ambientes coloniais.

Os nove prédios centenários passaram a ganhar vida, realizar atividades, a exemplo: na Igreja, foram rezadas missas em alemão e latim; na ferraria, o ferreiro voltara a forjar suas peças de ferro; as professoras aposentadas, com um antigo mobiliário, repassaram as aulas em alemão ou latim; no armazém, foram oferecidos produtos coloniais e os bailes germânicos foram animados pela tradicional bandinha [...]. (A PONTE, 1999)

A narrativa que descreve o evento, presente nos documentos pesquisados, evidencia uma certa exaltação da imagem, como o Festival quer ser visto. A segunda edição dos Jogos Germânicos, disputados por visitantes e moradores de localidades do interior do município, também foi realizada na Aldeia Histórica.

As Noites Culturais, na sua segunda edição, buscavam proporcionar para as comunidades do interior a valorização de suas manifestações culturais, além de criar novas atrações para o Festival. Nesta edição, ocorreram Noites Culturais nas localidades de Linha Brasil, Linha Temerária e Pinhal Alto. (A PONTE, 1999)

Segundo Adélia Hillebrand, na época subsecretária de Turismo e Coordenadora do FIF, o envolvimento e significativa presença das comunidades do interior do município no Festival foram marcantes nestas edições:

> Na programação do Festival, merece destaque a participação efetiva das comunidades do interior através da venda de artesanato, gastronomia típica, produtos coloniais, nos Jogos Germânicos, no canto coral, nas bandas típicas (germânicas) e nas danças folclóricas. Mais uma vez mostramos que temos um folclore vivo e autêntico e esta é a nossa maior riqueza (A PONTE, 351. ed., jul/1999, p. 12).

O processo para a criação e definição dos Brasões, símbolo de cada Grupo Folclórico de Nova Petrópolis, é lembrado por Hillebrand (2013), que diz ter visitado as comunidades neste período e realizado reuniões com a presença do grupo folclórico local.

> A gente foi até a comunidade e conversamos, mostramos o que identifica cada comunidade [...] Todos eles (brasões) têm exatamente o que simboliza a comunidade, não tem como fazer confusão, foi a comunidade que encontrou, não foi imposto, eles que escolheram (HILLEBRAND, 2013).

Imagem 28: FIF Centro de Eventos com brasões das localidades.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

Segundo matéria publicada no jornal A Ponte (julho, 1999), Nova Petrópolis firmava-se como polo cultural do folclore no Rio Grande do Sul.

> Nova Petrópolis firma-se como polo cultural do folclore no Rio Grande do Sul. No momento em que a globalização da economia é a palavra-chave da relação entre os países, a manutenção e preservação de valores culturais merecem destaque. [...] O 27º Festival do Folclore, promovido pela comunidade de Nova Petrópolis com apoio da prefeitura, da Fundação Cultural, AGDFANP e Associação Comercial e Industrial, é um exemplo da integração na rica diversidade cultural do país (A PONTE, 351. ed., jul/1999, p. 6).

A expectativa de público era maior, especialmente para os envolvidos na organização. Segundo Hillebrand, “não havia plateia, a comunidade estava cansada do Festimalha e não foi até o Centro de Eventos devido ao frio” (2013). Esta opinião é compartilhada por Yeda Michaelsen, coordenadora do Grupo Folclórico *VolkstanzgruppeFreundschatfskeis*:

> A gente achava que o retorno seria muito maior, porque era uma garantia de que os espetáculos acontecessem, de que as famílias poderiam vir e passar o dia lá sem problemas de chuva e frio, mas isso na prática não aconteceu. No Centro de Eventos não teve um atrativo de público, tinham apresentações belíssimas e ele estava sempre vazio. Ele só funcionou para o Baile do Folclore, no Baile da Escolha das Soberanas, apesar de muito frio, os bailes funcionavam [...] Mas é complicado levar público pra lá [sic] (MICHAELSEN, 2013).

Percebe-se, neste período, a preocupação em oferecer novas atividades, que pudessem complementar a programação de danças do Festival. No ano seguinte, em 2000, o FIF seguiu incluindo novas atividades complementares: Exposição de Trajes Folclóricos Alemães, Feira de Móveis e Foto à Moda Antiga. Merece destaque o lançamento do Livro de Receitas Alemãs Antigas, compiladas a partir de um concurso feito no município. (A PONTE, jul./2000) O local de realização do 28º FIF foi compartilhado entre o Centro de Eventos e o Parque do Imigrante. Hillebrand comenta:

> Olha só a loucura, o pessoal ia para o Centro de Eventos, apresentava e depois atravessava lá pelo portão de trás do Parque e subia a pé, tinham até que pular a taipa, vinham até o Parque e faziam mais uma apresentação [...] me xingavam demais, ou porque tinham rasgado a calça ou porque não chegavam a tempo e acabavam chegando cansados [sic] (HILLEBRAND, 2013).

Nos primeiros sete anos do novo milênio, o Festival passou a ser realizado prioritariamente no Parque Aldeia do Imigrante, porém algumas atividades ocorriam também no Centro de Eventos. Segundo a revista 40º FIF Nova Petrópolis, “estas mudanças sempre buscavam um local melhor para as apresentações artístico-culturais. Foram anos de muitas mudanças. Inúmeros grupos de outros estados visitavam Nova Petrópolis” (2012, p. 15).

Segundo Seger (2013), o processo de mudança para tornar o Festival um evento internacional inicia em 2006. Neste ano, foi alterada a data de realização do evento para o final do mês de julho e primeira quinzena de agosto, sempre aos finais de semana, bem como a preocupação de agregar espetáculos estrangeiros da programação do evento.

> A comunidade de Nova Petrópolis exigia, indiretamente, que houvesse avanços no Festival, que não ficasse naquela mesmice de ver só os nossos grupos dançando, só os nossos corais cantando, mas que também houvesse algo a mais, que houvesse agregação de culturas, que houvesse informação e conhecimento [...] Em 2007, nós começamos a trazer mais grupos [...], 2006 foi o início e aí foi avançando até os dias de hoje [sic] (SEGER, 2013).

O Festival realizou, em 2007, sua programação em vários locais de forma simultânea: na Praça da República, Parque Aldeia dos Imigrantes e algumas atividades no Centro de Eventos. Na 35ª edição, a grande novidade foi a presença de sete grupos estrangeiros: Ilha de Páscoa, Argentina, Polônia, Ilhas Cook, Guatemala, República Tcheca e Coreia do Sul. A programação cultural foi estendida para toda a semana na Praça das Flores, centro da cidade. Para Seger, esta iniciativa foi muito bem aceita pela comunidade local:

> A reação da comunidade foi muito interessante, foi bem aceito. Mexeu com todo o município, pois tinham aqueles que saíam do trabalho e deixavam de almoçar para assistir aos grupos e também muitas pessoas moradoras do interior do município que estavam na cidade e aproveitavam para assistir aos grupos que se apresentavam [sic] (SEGER, 2013).

No evento de 2008, a nova atração foi a I Mostra Internacional de Cine Vídeo, uma parceria entre os consulados apresentando os filmes de diversos países exibidos no Cine Imigrante. Nesta edição, os espetáculos centralizaram-se na Praça das Flores, com programação durante os dias da semana. Houve a ampliação de estandes de artesanato, com mais de 30 tendas de produtos nacionais e estrangeiros e o engajamento do comércio local. Estes foram alguns dos pontos avaliados como positivos pela comissão organizadora. (A PONTE, ago./2008, p. 11)

A preocupação era de ampliar o número de etnias presentes no FIF, seja nas danças, na Mostra de Cine-Vídeo e no artesanato. A forma de mostrar esta presença foi através das etnias, representadas através das bandeiras no palco e ao longo da avenida principal. (SEGER, 2013)

Segundo a revista comemorativa do 40º Festival, o ano de 2005 é o marco de reestruturação do FIF para o crescimento do evento em número de visitantes, artesãos e grupos convidados. (2012, p. 15) Em 2009, o evento altera o seu nome, passando a assumir o caráter internacional, sendo chamado de Festival

Internacional do Folclore de Nova Petrópolis. Na edição seguinte, 2010, recebeu nova identidade visual, inspirada na natureza, na arquitetura teuto-rio-grandense e no labirinto verde[26]. A logomarca foi criada pela agência Mero Inventiva da cidade de Lajeado, RS.

Imagem 29: Nova logomarca do FIF em 2010.

Fonte: Documentos FIF.

Em 2011, estabelece-se uma parceria entre o FIF e a Organização Internacional de Folclore e Arte Popular (IOV). A IOV, entidade não governamental, tem como objetivo o incentivo às manifestações que envolvam a cultural popular. Esta parceria oportunizou o crescimento qualitativo e quantitativo do Festival, intensificando-se a valorização e preservação da cultura dos grupos locais. Abriu-se um grande leque de novas oportunidades e realidades culturais e surgiram diversos grupos participantes ou interessados em estar no evento. A coordenadora do FIF, Carla Cristiane Ferreira, foi empossada como secretária da Seção Rio Grande do Sul da IOV. (40º FIF, 2012, p. 59)

Na edição do 39º FIF, registra-se a criação da primeira Chama Folclórica, que foi acesa na comunidade de Vila Olinda, no dia 29 de julho de 2011.

Uma forma de expressar o calor que emana dos corações daqueles que passam pelos palcos do evento e representam a cultura viva e em movimento, a

[26] Atração principal da Praça das Flores, o Labirinto é uma oportunidade de brincar e resgatar os tempos de infância. Formado por uma cerca viva de ciprestes e caminhos intricados que levam ao centro, local da comemoração para aquele que chega até o fim.

diversidade de sons, ritmos e cores e a fraternidade transmitidos e preservados de geração em geração. (40º FIF, 2012, p. 61)

4.2.4 O Festival Internacional do Folclore dos 40 anos - 2012

Segundo registros do caderno de campo, identificou-se nas reuniões preparatórias da coordenação do FIF a preocupação em organizar atividades diferenciadas que marcassem o evento como comemorativo a 40º edição do Festival, realizada entre os dias 27 de julho e 12 de agosto de 2012. A programação geral do FIF foi composta por atrações diversas que se dividem entre aquelas que ocorreram antes do festival, como os lançamentos realizados em Porto Alegre e Nova Petrópolis; as programações realizadas nas escolas, empresas e localidades do interior do município de Nova Petrópolis e as atividades realizadas no cenário principal do Festival (Rua Coberta): abertura oficial, bailes, desfiles, jogos germânicos, noites culturais, mostra de artesanato e circuito cultural, que serão descritas ao longo do texto. Segundo a imprensa local, ao longo dos 16 dias do FIF, os espetáculos de palco somaram mais de 190 horas, envolvendo 1700 artistas, 69 grupos folclóricos e 35 etnias representadas, reunindo um público de 80 mil pessoas. (NOSSA TERRA, 2012, p. 11)

A primeira atividade programada para o 40º FIF foi o lançamento do evento em Nova Petrópolis, realizado no dia 17 de junho, faltando quarenta dias para o início do Festival. A atividade envolveu um desfile pelas ruas da cidade, finalizado com uma breve solenidade e danças. Este desfile se caracterizou por uma caminhada de aproximadamente 600 metros entre o Parque Aldeia do Imigrante e a Praça das Flores, através da Avenida 15 de Novembro, via de maior fluxo e mais importante da cidade. O cortejo foi acompanhado pelos oito grupos de danças folclóricas alemãs, trajados a caráter, que se fizeram presentes com integrantes das diferentes categorias: crianças, jovens e adultos. Cada grupo portava os estandartes com os brasões que os identificam. Também integraram o desfile o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Pousada da Serra de Nova Petrópolis e o grupo convidado, Grupo de Folclore Ucraniano Solovey, de Canoas. A animação do cortejo

ficou sob a responsabilidade de duas bandinhas “típicas”[27] que brindaram o público com sua alegre música germânica, além da distribuição de chopp ao longo do trajeto. Foi marcante, também, a empolgação do Grupo de Folclore Ucraniano Solovey que, ao longo do percurso, dançou de forma muito animada. Entre os grupos locais, a alegria foi expressa através dos gritos de entusiasmo, característicos dos bávaros.

A organização e pontualidade da largada do desfile foram aspectos que se destacaram, seguindo a programação da Comissão Coordenadora. A língua alemã, na maioria das vezes dialeto, esteve presente em vários diálogos dos integrantes dos grupos locais.

A programação do lançamento foi encerrada com uma breve solenidade realizada na Rua Coberta, que fica junto à Praça das Flores, com apresentações dos grupos de danças folclóricas e breves falas da Coordenação e Prefeito Municipal. Segundo o jornal Nossa Terra, o evento contou com a presença de aproximadamente 300 pessoas e o objetivo do lançamento foi o de apresentar as novidades e preparar a comunidade para receber os visitantes. Para a coordenadora Ferreira:

> Os nossos visitantes precisam ser bem recebidos e receber informações corretas das pessoas da nossa comunidade. Por isso, vamos apresentar todos os atrativos desta edição e já entreter os turistas que, nos últimos finais de semana, têm lotado nossa cidade (NOSSA TERRA, 2012, p. 11).

A 40ª edição do FIF realizou um lançamento na capital do Estado, Porto Alegre, no dia 26 de junho, com o objetivo de apresentar o evento para autoridades, imprensa da capital e região metropolitana. O evento foi realizado na Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), clube social que teve na sua origem influência germânica. Para o então Prefeito Luiz Irineu Schenkel, o FIF tem crescido anualmente e se destacado entre os eventos da região. Disse ele: “para nós é uma honra vir até esta casa (SOGIPA) e apresentar o que temos de melhor na nossa cidade: a cultura e do nosso povo acolhedor” (FOLCLORE, 2012). O lançamento contou com a presença de uma banda típica germânica, acompanhada por

[27] Bandas com a média de cinco integrantes com um repertório de músicas germânicas, presentes em festas e encontros para animar o ambiente.

integrantes de grupos de danças folclóricas e degustação de gastronomia local, numa breve amostra da cultura de Nova Petrópolis.

A concepção e organização do Desfile de Integração, evento que ocorreu no primeiro dia do FIF e integra a solenidade de abertura oficial, foi preparada na reunião de coordenação realizada no dia 2 de maio de 2012. O desfile em forma de cortejo pela avenida principal da cidade é uma atividade já repetida em várias edições, ocorrendo sempre na abertura do FIF.

Na edição 2012, a proposta do desfile foi a de retratar a história do Festival do Folclore, utilizando como recurso os carros alegóricos. A Prefeitura assumiu a responsabilidade da elaboração dos carros cênicos e a Coordenação definiu que os Grupos Folclóricos, juntamente com suas comunidades[28] do interior do município, preparassem outros carros alegóricos que representassem o diferencial da sua etnia e da sua comunidade. Coube à AGFDANP a responsabilidade da mobilização dos Grupos de Danças Alemãs para estimular a participação e a organização dos carros para o desfile.

O Desfile de Integração foi ordenado em diversas alas: (1) abertura - as Rainhas e Princesas das várias edições do FIF; (2) carro alegórico com a representação da Torre de Informações Turísticas[29] com várias crianças com trajes germânicos; (3) representantes das diversas escolas do município (municipais, estaduais e privadas); (4) os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs; (5) entidades e representantes da comunidade cultural; (6) carro alegórico do labirinto[30] associado ao globo terrestre[31]; (7) grupos folclóricos visitantes; (8) Rainha e Princesas do Festival e Prefeito; (9) autoridades regionais e locais; (10) faixas de realização, patrocinadores e apoiadores. Intercalando estas alas, estiveram três bandinhas típicas germânicas, porém o cortejo tornou-se longo de tal forma, que houve boa parte do percurso em que os grupos desfilaram sem acompanhamento musical, prejudicando a animação e a qualidade da apresentação.

[28] Comunidades são formas organizativas dos moradores das áreas rurais, normalmente reunidas em clubes de caráter social ou religioso.
[29] Torre de Informações Turísticas de Nova Petrópolis, em estilo medieval, com 25 metros de altura. Constitui-se de um pórtico de entrada da cidade, no entroncamento da BR 116 com a RS 235.
[30] Labirinto formado por ciprestes, tornando-se um atrativo turístico de Nova Petrópolis e localizado na Praça das Flores.
[31] Representação simbólica do planeta terra.

Segundo site do FIF (2012), pela primeira vez o Desfile de Integração contou com carros alegóricos e uma expressiva participação da comunidade local, reunindo aproximadamente mil e quinhentas pessoas que desfilaram e assistiram ao desfile. (FOLCLORE, 2012)

A pesquisadora identificou que alguns visitantes foram surpreendidos positivamente com a atividade, pois estavam a passeio na cidade e não tinham conhecimento da realização do FIF. O desfile oportunizou ao visitante José Luiz de Mello reviver um pouco da sua história: “Moro numa região que também possui descendência alemã, mas nunca vi algo assim. Minha bisavó é alemã e hoje estou revivendo um pouco da minha história” (CADERNO DE CAMPO, 2012).

A abertura oficial do 40º FIF transcorreu no palco principal do evento, instalado na Rua Coberta, ponto de chegada do desfile. A solenidade foi carregada de simbolismos, especialmente da C*hama Folclórica*, que foi levada ao palco como o símbolo da celebração da cultura e da paz para os promotores do evento. Nos pronunciamentos da abertura, a tônica das manifestações esteve relacionada a temas como: respeito à diferença, valorização da cultura, diversidade cultural, preservação da história e do legado deixado pelos antepassados. O discurso de Ana Carina R. Raimann, Presidente da AGDFANP, agradecia aqueles que ajudaram construir o Festival:

> Somos muito gratos aos semeadores que tivemos. O gosto que temos pela dança, pela arte, pelo prazer de manter viva a história trazida por nossos antepassados é fruto da motivação que um dia levou um grupo de pessoas a terem a iniciativa e o desafio de promover a cultura através da realização de um Festival de Folclore. Estamos muito felizes por conseguirmos, 40 anos depois, dar continuidade ao trabalho iniciado em 1973 (RAIMANN, 2012).

Para Margarete Moraes, representante do Ministério da Cultura da região sul, “Nova Petrópolis, há no mínimo 40 anos, já compreendeu que nós temos que ter orgulho deste sentimento de pertencimento: eu sou daqui. Orgulho dos usos e costumes, origens e raízes” (CADERNO DE CAMPO, 2012).

O Prefeito na época, Luiz Irineu Schenkel, disse estar orgulhoso de ser prefeito de uma cidade como Nova Petrópolis, que valoriza e incentiva a cultura. Destacou, também, as inovações realizadas pelo Festival nas últimas edições,

incorporando a marca de um evento com caráter internacional, contando com a presença de vários grupos estrangeiros, e finalizou dizendo que O Festival foi capaz de “fazer da cultura de Nova Petrópolis o marco do turismo de Nova Petrópolis” (2012).

Neste leque de atividades do FIF, o *Baile de Integração* é considerado o ponto alto de integração entre visitantes e grupos locais, segundo site do FIF (2012). O Baile, que acontece no primeiro sábado do Festival, oportunizou momentos de interação através das danças, uma mescla de várias etnias e uma troca de conhecimento entre os grupos presentes. “Mesmo eles não sabendo dançar (as músicas folclóricas germânicas) e apesar da dificuldade com a língua, foi muito animado. Todos participavam das danças”, disseram as Soberanas do Folclore Alemão representantes do evento. (FIF, 2012)

Para as crianças, foi reservado um momento especial, o *Baile de Grupos Folclóricos Infantil*, realizado na tarde do primeiro sábado, que reuniu mais de 250 crianças, a partir dos três anos de idade, representando os Grupos de Nova Petrópolis, Dois Irmãos e Paverana. (40º FIF)

O terceiro dia do Festival, domingo, iniciou com uma *Celebração da Vida, da Paz e da Diversidade*, um momento que propunha um espaço para reflexão. Através dos múltiplos idiomas e religiões, buscavam expressar a diversidade cultural, em uma união de povos, crenças e ideais, ultrapassando fronteiras. (40º FIF - PROGRAMAÇÃO)

O s *Jogos Germânicos* viabilizam que os integrantes das localidades representadas pelo Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis participem de provas como: a Corrida de Tamanco, o Pregar o Prego, o Chope em Metro, o Bolão de Corda e o Arremesso de Chope. Estes Jogos têm por objetivo a confraternização e o resgate de formas de lazer dos primeiros tempos da imigração. A localidade vencedora dos Jogos Germânicos 2012 foi a Vila Olinda, que por três anos consecutivos tem conquistado o título de grande campeã.

O *Circuito Cultural*, outra atividade integrante da Programação do FIF, é um espaço temático montado na sede do CTG Pousada da Serra, com objetivo de apresentar aos grupos nacionais e estrangeiros que participam do Festival as lendas

gaúchas. O espaço cênico usa de recursos de iluminação, sonorização e narração. As lendas “A Salamanca do Jarau”, “O Negrinho do Pastoreiro” e as narrativas do folclore regional como “*Tilltabbes*” e o “Jogo do Diabo” são apresentadas na língua espanhola e portuguesa, para facilitar a compreensão dos visitantes estrangeiros.

A s *Noites Culturais*, atividade realizada nas localidades do interior do município e que também integra a programação do FIF há mais de quinze edições, busca facilitar o acesso das pessoas às atrações do evento. Segundo publicado no site do FIF (FOLCLORE, 2012), foram cerca de sete mil pessoas que assistiram às apresentações nas nove localidades do interior de Nova Petrópolis. Magdalena Hillebrand, responsável por acompanhar as noites culturais, destacou que:

> Neste ano, todas as localidades tiveram um recorde de público, percebemos até que muitas pessoas participaram de várias noites culturais. Isso demonstra a união das comunidades em prol da cultura local e a abertura para conhecer novas manifestações culturais [sic] (HILLEBRAND, FOLCLORE, 2012).

Este movimento de levar o Festival para além do espaço do palco oficial, no centro de Nova Petrópolis, ocorreu também nas escolas e nas empresas patrocinadoras do evento como Dakota, Coopershoes, Fritz & Frida. Os Grupos visitantes foram às escolas e às empresas em algum momento durante os 16 dias da programação. Nas escolas, o intercâmbio cultural oportunizou uma aproximação entre as crianças e diferentes culturas: “Foi um momento para os alunos poderem fazer perguntas e buscar curiosidades sobre cada grupo presente no evento”, afirma Carla Cristiane Ferreira, coordenadora do FIF. (FOLCLORE, 2012)

Na grade de programação geral do 40º FIF, as atividades especiais incluiam: Desfile de Moda Folclórica; Desfile das Rainhas e Princesas do Folclore Alemão; Encontro do IOV e a grande novidade para 2012, Epopeia dos Imigrantes.

O *Desfile de Moda Folclórica* foi organizado pela Trachtenhaus Trajes Típicos. Empresa familiar, localizada em Nova Petrópolis e fundada por Eredi Heumann, há mais de 40 anos vem se dedicando à confecção de trajes típicos para grupos folclóricos de todo o Brasil e também do exterior. Neste desfile, o público pôde conhecer diferentes formas de vestir no seu dia a dia um traje típico.

O *Desfile das Rainhas e Princesas do Folclore* buscou reunir as representantes de 25 reinados do FIF. O desfile reuniu 41, das 73 Soberanas, que subiram ao palco acompanhadas dos filhos. Foi um momento que mexeu com a memória do público presente, especialmente entre os locais, pois muitas lembranças e memórias coletivas foram tocadas ao apresentar as soberanas de edições anteriores.

Paralelamente ao Festival Internacional de Folclore, aconteceu, na cidade, o *3º Encontro Sulamericano da IOV*. Representantes da cultura e da arte popular discutiram assuntos referentes à avaliação da IOV em nível de Brasil e América Latina.

A grande expectativa do público, especialmente visitantes locais, foi com o espetáculo “Epopeia dos Imigrantes”. Um trabalho compartilhado, no qual participaram representantes de 24 coros, uma banda Big Band, 12 grupos de danças folclóricas alemãs, o grupo teatral Arte & Manha e grupo Acordes, reunindo cerca de 270 pessoas no palco. Reunidos em um espetáculo com canto, dança e teatro, contaram a saga dos imigrantes germânicos da sua partida da Europa até a chegada ao Brasil e a criação da colônia de Nova Petrópolis. (FOLCLORE, 2012)

Segundo Ferreira (2012), a ideia foi sugerida pela professora municipal, Ilse Evers Ganz, que apresentou a proposta de realizar um espetáculo que contasse a história de Nova Petrópolis:

> Neste ano a novidade será o espetáculo da Epopeia Alemã, com o qual estamos envolvidos desde 2011 e iremos reunir (no mesmo palco) mais de cem pessoas que participam dos coros, grupos de danças, teatro e banda. Foi uma proposta trazida pela Professora Ilse Evers Ganz, a pesquisa e texto são dela, com revisão do historiador local Professor Renato Seibt. Os grupos (de danças) estão fazendo ensaios e pequenos ajustes de cena [sic] (FERREIRA, 2012).

Segundo os registros no caderno de campo, a reação do público presente foi de emoção, alegria e até mesmo euforia. Entre os depoimentos coletados, várias pessoas relataram que “a Epopeia apresentou histórias que nossos pais e avós já haviam contado, mas que muitas já não lembrávamos mais”. Outros, por sua vez, comentaram, surpresos, que alguns assuntos até então desconhecidos, como o movimento Integralista, que foi tratado inclusive como o “resgate” entre os coralistas

mais antigos da música “anauê”[32]. Percebeu-se que as informações referentes ao integralismo em Nova Petrópolis mostraram que este fora tratado como esquecimento da memória coletiva deste grupo. Nos livros históricos, foi possível identificar registros deste Movimento no município de Nova Petrópolis. Este descompasso permite-nos apontar que este esquecimento possa estar associado às repressões que os germânicos sofreram no período da Segunda Guerra Mundial ou relacionado à negação das ideias políticas defendidas pelo Integralismo.

Observou-se que o uso da língua alemã no texto do espetáculo sem qualquer tradução, mesmo que a tecnologia estivesse disponível para tal. Esta situação permite a avaliação de que a língua alemã, nesta cidade, seria um código comum a este público, atores e moradores locais. Identifica-se a manifestação da etnicidade e da germanidade, o que nos permite concluir que, possivelmente, este espetáculo tenha sido elaborado para falar para os seus pares, para esta comunidade. Um movimento que caminha no sentido do reforço de um discurso e da construção de uma memória coletiva. Desta forma, é possível apontar uma possibilidade de que o FIF tenha uma contribuição na construção desta nova memória de Nova Petrópolis.

magem 30: Desfile de Lançamento 40º FIF.
Fonte: A pesquisadora.

Imagem 31: Desfile de Lançamento 40º FIF.
Fonte: STOFFEL, Mauro, 2012.

[32]Anauê, nome do hino do Movimento Integralista.

magem 32: Soberanas e Prefeito no Desfile de Abertura do 40º FIF.
Fonte: STOFFEL, Mauro, 2012.

Imagem 33: Desfile de Abertura do 40º FIF.
Fonte: A pesquisadora

Imagem 34: Desfile de Abertura do 40º FIF.

Fonte: A pesquisadora

magem 35: Diversidade Cultural no Desfile de Abertura do 40º FIF.
Fonte: A pesquisadora

Imagem 36: Desfile das Soberanas.
Fonte: A pesquisadora

Imagem 37: Baile de Integração 40º FIF.
Fonte: A pesquisadora

Imagem 38: Epopeia dos Imigrantes.
Fonte: A pesquisadora

Imagem 39: Público do 40º FIF.
Fonte: A pesquisadora

4.2.5 Gestão do Festival do Folclore

A sustentabilidade financeira e a gestão do evento foram se modificando ao longo da trajetória do Festival. Segundo os documentos pesquisados e os registros de memória oral, a Prefeitura Municipal, ao longo das quarenta edições, sempre esteve presente com suporte financeiro para este evento.

A Diretora Municipal de Cultura e Coordenadora do FIF 2012, Carla Ferreira (2012), estabelece um comparativo entre as mudanças que o evento enfrentou com relação aos locais de realização e as mudanças de gestão:

> A entidade também passou por mudanças, assim como o evento, que iniciou na Praça das Flores, depois foi para o Parque, foi para o Centro de Eventos, retornou para cá (Praça). Eu acho que a própria caminhada de gestão do evento também foi assim. Uma vez ele (FIF) era só da Associação (AGDFANP), [...] a gestão era da Associação, nós fizemos ali no Centro de Eventos, quando eu fui Presidente (2000). Eu me lembro também de anos em que ele teve a parceria com o Poder Público e de anos que foi só do Poder Público. Quando eu ingressei no Departamento (2004), ele já era uma parceria entre Associação (AGDFANP) e Prefeitura Municipal [sic] (FERRREIRA, 2012).

Segundo Hillebrand (2013), no final dos anos 1990, o FIF integrava o calendário de eventos de Nova Petrópolis e a AGDFANP, responsável pela organização do FIF, recebia repasse de recursos do poder público, porém existia um desconforto com relação ao pouco apoio repassado. Lembra Hillebrand:

> A organização era feita pela Associação dos Grupos de Danças, não havia vínculo com a Prefeitura na organização, [...] nós recebíamos uma parte de dinheiro, que era muito pouco na época, pouquíssimo, então nós elaborávamos as apresentações e o programa em cima daquilo que podíamos fazer. [...] Não se dava muito valor ao FIF, o pessoal achava que não daria muito público. [...] Existia até uma certa mágoa com o Festimalha, que era um evento comercial, a Prefeitura ajudava com muito dinheiro, comparando os dois valores. Então, a gente se questionava, por que um evento comercial poderia receber mais dinheiro que um evento cultural que era uma das características de Nova Petrópolis? [...] Os Festivais de hoje não têm comparação com o que fazíamos na época. Mas costumo dizer, que, graças ao fato de nós termos aguentado, mesmo com pouco dinheiro e poucos para trabalhar, é que chegamos agora a este Festival, pois senão teríamos perdido [sic] (HILLEBRAND, 2013).

O investimento financeiro do poder público local no FIF foi se modificando ao longo das edições. Segundo Ferreira (2012), o evento, em 2012, esteve orçado em torno de oitocentos mil reais (R$ 800.000,00). A sua sustentabilidade estava ancorada em captação de recursos via leis de incentivo à cultura tanto federal, quanto estadual, sendo proponente a AGDFANP. A Prefeitura era e é parceira para a execução e apoio financeiro do Festival; na edição de 2012, repassou o valor de duzentos mil reais (R$ 200.000,00), através de convênio. A gestão financeira e a prestação de contas de todo o recurso do FIF é da Associação dos Grupos Folclóricos: “Eu coordeno o evento desde 2009 e a verba recebida era de 30 mil reais, demos um salto durante esses quatro anos. [...] Foi de 30 para 50, depois 150 e encerramos esta gestão com 200 mil reais [...] é uma conquista dos últimos anos, dessa administração” [sic] (FERRREIRA, 2012).

Ao longo da pesquisa documental e de campo, não se encontrou em nenhum registro de alguma ferramenta de pesquisa do evento, seja no sentido da satisfação do público, quanto do perfil de público participante. A análise sobre o crescimento do evento e do investimento público no mesmo, associada à ausência de um instrumento de medida de resultados, permite um questionamento: os gestores deste FIF estão atentos para monitorar os resultados e os impactos, positivos ou negativos, do crescente aporte financeiro do evento? Quais os retornos tangíveis ou intangíveis deste investimento?

A gestão operacional também é compartilhada entre Prefeitura e Associação. Ferreira (2012) relata que todos os setores da Prefeitura se envolvem na organização do evento:

> Aqui na Prefeitura, no Departamento de Cultura, hoje, a estrutura é de três pessoas e, como o evento é muito grande, todos os setores da Prefeitura se envolvem no evento, tanto a Assessoria de Imprensa com o pessoal da imprensa, questão de projetos, o pessoal responsável de projetos de toda a Prefeitura. A Secretaria de Turismo cuida da parte do artesanato. Então, nós temos tudo muito fragmentado, né, para que a coisa funcione. A Associação, ela anda lado a lado, a gente faz reuniões mais próximo do evento, são semanais, lá por março, abril, maio, elas são de 15 em 15 dias, ou mensais, aí vai de sentir a necessidade de reunião. Sempre vem um representante de cada área e a gente vai colocando o andamento [sic] (FERRREIRA, 2012).

Ao comentar sobre as condições operacionais para a realização do evento, Ferreira (2012) relata que o FIF carece de uma pessoa que possa se dedicar exclusivamente ao planejamento e preparação do evento: “não tem um olhar só sobre o evento, ele é um caminhar junto com todas as outras atividades do trabalho” [sic]. Questionada sobre o planejamento e ferramentas de organização para o evento, a Coordenadora Ferreira lembra a sua trajetória e experiência junto aos grupos de danças:

> Eu vim de um grupo de dança, dancei quinze anos e coordenei o meu grupo quinze anos, fui Presidente da Associação (AGDFANP) e eu sabia tudo que eu não queria nele (FIF). Então acredito que nós da Coordenação tínhamos esses sonhos enquanto dançávamos. Um palco melhor, um camarim melhor, talvez trazer as outras etnias para dentro do evento. Então, isso a gente foi colocando na prática, as coisas que a gente também queria, a gente tinha conhecimento de prática, não de teoria. Talvez a teoria a gente pudesse ter buscado ou num livro ou em técnicas de gestão de administração. Não se buscou porque não dava pra parar pra ler. [...] Talvez em matéria de gestão não se tenha as coisas documentadas da maneira certa. [...] A gente sempre se preocupou em fazer e não em documentar. Tenho plena certeza que isto está errado [sic] (FERREIRA, 2012).

A Comissão Coordenadora do FIF de 2012 foi composta por 16 integrantes, sendo que, desses, somente um é representante da AGDFANP e os demais são servidores públicos. Segundo a publicação no site do FIF (2012), a Coordenação é composta por: (1) Coordenação Geral - Carla Cristiane Ferreira; **(**2**)** Coordenação Adjunta - Débora Wickert, Eric Roloff e Sandra Daniele Artmann; (3) Informática - Francisco José Tessis; (4) Decoração - Aline Cristina Abreu Delagustinho, Ederson Moreira dos Santos e Magda Arlete Roloff; (5) Presidente da AGDFANP - Ana Carina R. Raimann; (6) Transporte - André Eduardo Fritsch; (7) Guias e Tradutores - Cândida Maldaner; (8) Artesanato e Gastronomia - Debora Luisa K. Krauspenhar; (9)

Noites Culturais e Divulgação das Soberanas - Magdalena Beatriz Hillebrand; (10) Divulgação e Imprensa - Vanessa Birk; (11) Projetos, Desfiles e Grupos Nacionais - Paulo Roberto Staudt; (11) Grupos Internacionais - Sabrina Muñoz Klimenko.

Segundo os registros do caderno de campo, nas três reuniões preparatórias da Coordenação do FIF 2012, identifica-se que o envolvimento da AGDFANP restringe-se à presença da presidente e suas tarefas são pontuais, geralmente envolvendo atividades relacionadas aos grupos de danças locais: baile de integração, baile infantil, desfile de integração e participação dos grupos de danças no lançamento do evento em Porto Alegre. Identifica-se a preocupação da Presidente da AGDFANP em relação aos horários e espaço de tempo reservado para os grupos locais na grade geral da programação e o cuidado para não haver repetição de danças. Nesta reunião do dia 18 de abril de 2012, definiram que serão 17 espaços de 30 minutos nos finais de semana e, durante a semana, a presidente Raimann lembrou que deve se evitar colocar um grupo local no último horário na programação para evitar a evasão do público.

O envolvimento da Associação de Grupos na organização do FIF é limitado, segundo Ferreira (2012), pela limitação de tempo dos seus integrantes que são jovens e possuem compromissos profissionais. Esta situação é justificada pelo grande envolvimento da equipe da Prefeitura, em função da disponibilidade de liberação de tempo para operar na organização do Festival. Ferreira relata também a dificuldade para conseguir a liberação da Rainha e Princesas do FIF para as atividades de divulgação - mesmo com solicitação de férias, não conseguiram este espaço junto às empresas.

Ferreira segue fazendo uma breve avaliação das quatro edições sob a sua coordenação, de 2009 até 2012, e diz acreditar que o Festival tem dado certo e vem crescendo uma vez que:

> que cada (integrante da coordenação) se identifica, [...] ou já dançou num grupo de danças, ou participou da associação. Então, ele tem muito mais de cada um que está ali, por gostar, por proximidade com a área cultural ou identificação com o trabalho dos grupos (de danças), do que por disponibilidade de tempo e planejamento do FIF. [...] Eu sempre digo que a gente tem “mais sorte que juízo” [sic] (FERREIRA, 2012).

Partindo das informações sobre a estrutura de gestão deste evento elencadas por Ferreira, percebe-se uma equipe que identifica e reconhece algumas limitações no seu processo de planejamento e gerenciamento. Desta forma, pode-se questionar: a gestão do FIF nestas edições não estaria ancorada numa relação carregada de envolvimento emocional de projetos pessoais em detrimento a um projeto maior estruturado para o FIF?

4.3 Outras vozes sobre o FIF

A trajetória percorrida pelo FIF ao longo de seus 40 anos de presença na cidade permite reunir diversos olhares sobre a festa. Nos textos anteriores, procurou-se sistematizar a história do Festival; no entanto, retomando a trajetória, percebe-se que este percurso histórico está imbricado por diversas narrativas e por distintos significados para muitos que integram Nova Petrópolis. No presente capítulo, busca-se dar voz a estas pessoas, sujeitos do processo, para que abordem o Festival sob olhares e significados que transcendem o evento e os dias de sua programação festiva.

O envolvimento da comunidade de Nova Petrópolis com este evento foi significativo, como destacam os sujeitos entrevistados. As ressalvas são para as manifestações e os traços colaborativos de diversas pessoas:

> Eles achavam muito bonito. [...] Doutor Jorge, Doutor Rui, Normelio Deppe, o Kopper, Nestor Guerra, gente de comércio; Pedro Flores era funcionário do Fórum; professoras... Estavam todos lá, trabalhando. Então, o resto do povo que via essas pessoas ajudando a trabalhar, só valorizava, né! As pessoas proeminentes da cidade estavam lá trabalhando no Festival. [...] Um espírito de colaborar, espírito comunitário, muito, muito, muito bom! [sic] (SCHUCH, 2012).

> O bacana foi que todos, voluntariamente, trabalhavam sem intenções de cobrar nada. [...] Tem que ser ressaltado essa integração dos jovens da época. Era um negócio maravilhoso. Não dá pra definir como as pessoas eram queridas e queriam participar, inclusive para dançar. Dona Irmgard Schuch (é um exemplo), essas pessoas têm que ser valorizadas, por que nunca pensaram em dinheiro. Elas pensaram, sim, em desenvolver o turismo e dar uma alternativa para os jovens de Nova Petrópolis (HANSEN (1), José Mário Hansen, 2012)

A participação comunitária transcendia as atividades do período do evento. Surgiram apoios concretos aos Grupos de Danças Folclóricas, como lembra a Senhora Irmgard, das alternativas encontradas para viabilizar o uniforme do Grupo de Danças Internacional:

> Pras meninas eu comprei tecido pra fazer lençol, que era barrado com flores de azaleia [...] Então, eu mesma costurei os vestidos. A *Frau*[33] Frank, que tinha confecções e o filho dançava, [...] costurou de graça as calças. Aí eu fui no Michaelsen, que tinha sapataria, e a filha também dançava [...] ele deu os cordões (para os calçados). Quando eu precisava de uma fita nova, ia no Armin Haas (proprietário de loja de material eletrônico) [...]. Ele perguntava: "É para o grupo?" [...] Então eu ganhava as fitas do Armin. Aí eu ia na D. Elvira (proprietária de loja de tecidos) e dizia: "Preciso de um tecido branco [...] e de renda pra pôr em volta do avental. A senhora me dá?" "Dou". Era assim que se mantinha o grupo. Era uma coisa muito bonita [sic] (SCHUCH, 2012).

Imagem 40: Grupo de Danças Folclóricas Internacional 1980.

Fonte: Arquivo Histórico de Nova Petrópolis.

O Festival do Folclore foi bem recebido pelos locais, segundo Hansen, que relata ter havido um sentimento de que o Festival de Folclore poderia significar uma alternativa de valorização da cultura local:

> A comunidade recebeu muito bem, percebeu que tínhamos que dar continuidade e nós tínhamos uma cultura interna a ser explorada e trabalhada. Toda essa essência de dança germânica tinha que ser explorada. E foi explorada, até hoje faz parte do turismo de Nova Petrópolis e se deve ao trabalho do início, a continuidade foi dada. As pessoas que deram a continuidade merecem os parabéns também, porque de nada

[33] Frau: "senhora", em alemão.

> adianta dar o lance inicial e depois não dar continuidade [sic] (José Mário Hansen, 2012).

O palco e o aplauso dos presentes no Festival contribuíram significativamente para o fortalecimento da autoimagem dos locais, segundo Seibt (2012).

> Porque nós aqui sofremos muito com a quebra da autoimagem, durante o Estado Novo, com as perseguições políticas que foram feitas aos descendentes de alemães, italianos e japoneses. Fomos colocados como traidores da pátria e isso psicologicamente foi um desastre para todas as comunidades. Isso influiu em tudo que é coisa. Até no próprio desenvolvimento econômico. E o Festival fortalece a autoimagem, mesmo daqueles que não estão dançando. Para os visitantes, o Festival de Folclore deve animá-los a pensar as suas próprias origens e sua própria herança cultural. Ver o que temos em comum uns com os outros. O Festival de Folclore acontece num espírito de fraternidade. As pessoas se tornam amigas, os grupos fazem amizade entre si e isso também serve de exemplo para os visitantes de Nova Petrópolis [sic] (SEIBT, 2012).

Na perspectiva de outros olhares, o FIF transcendeu, foi além do evento propriamente dito. Para muitos dançarinos de Nova Petrópolis, o Festival significou a oportunidade de transpor os limites da sua cidade, Estado e, muitas vezes, do País.

> Os nossos grupos começaram a se apresentar fora daqui, foram até os Estados Unidos, Alemanha, Japão... Era uma oportunidade de sair com o grupo e conhecer outros locais. Assim, os grupos tinham um foco, onde queriam chegar, fazer uma viagem, pagar o traje novo. Estavam envolvidos numa situação boa, sem ter tempo para pensar em coisas ilícitas. Nós não tínhamos problemas com drogas nem bebida. Hoje, a maioria destes jovens já são pais e sentem saudades dessa época e muitos gostariam que os filhos fossem participar desses grupos porque eles consideram isso uma coisa muito sadia [sic] (HASS, 2012).

> E, hoje em dia, os que eram jovens já são pais, têm filhos adolescentes jovens, nem sei, talvez alguns até já sejam avós, mas acho que não. Mas quando eles conseguem falar comigo, dizem: “D. Inga, como nós temos que agradecer a juventude maravilhosa. A gente não pensava em bebida alcoolica, a gente não pensava em fumar, não pensava em drogas. A gente só pensava em ensaiar, dançar e sair pra apresentação. Era a nossa vida. E o que a senhora nos ensinava” [sic] (SCHUCH, 2012).

Os grupos de danças passaram a significar a oportunidade de viajar, ter uma janela aberta para o mundo, uma forma de estabelecer uma troca, um diálogo com o outro, próximo ou distante:

> Para eles, foi uma geração que a dança fez muito bem e, com isso, a gente criou, sem querer, cidadãos mais conscientes. Hoje eu tenho certeza que eles irão defender Nova Petrópolis em qualquer atividade que eles irão exercer ou em qualquer lugar do mundo que eles estejam. Eu acho que isto foi muito benéfico e talvez a gente não tenha se dado conta o quanto isto colaborou para criarmos uma imagem sadia do município de Nova Petrópolis, com orgulho [sic] (HASS, 2013).

Nova Petrópolis fomenta a valorização da cultura local, preconizada pelo Festival de Folclore, ao mesmo tempo em que oportuniza a busca do global, novas culturas, outros países. O município estabelece relações institucionais de coirmandade com duas cidades, sendo uma delas a cidade de JablonecNadNisou, na República Tcheca, e outra com a cidade de Sunchales, na Argentina, vistas como espaços de intercâmbio cultural e tecnológico.

> Acho que Nova Petrópolis está muito bem projetada a nível nacional e internacional devido a esse intercâmbio com República Tcheca, Alemanha, a Rota Romântica. E esta ida e vinda de grupos folclóricos sempre tende a melhorar. Devido a essa oportunidade de troca que as pessoas têm, isso é fundamental. Tem que abrir horizontes [sic] (KNORST, 2012).

A importância da apresentação da dança folclórica para a própria comunidade é relatada como um momento de grande expectativa por diversos dançarinos locais. Este momento da apresentação para os locais transparece como um espaço de validação e aprovação junto aos seus pares:

> O Grupo passava o ano inteiro se preparando para o Festival, pois sempre digo que era a hora mais nervosa do Grupo, o apresentar para a própria comunidade o seu trabalho. [...] É interessante, a gente já viajou pra outros países e outros estados, mas nunca mexeu tanto com o nosso íntimo quanto uma apresentação no Festival, que as pernas tremiam (com certeza). Nós já tivemos públicos, assim, de 10 mil pessoas, 5 mil pessoas... Era interessante, uma coisa fantástica pra nós, mas a gente estava mais tranquilo, porque sabia que o que estávamos apresentando pra eles era uma novidade, e aqui, não. Então, havia diversas coisas, como a competição entre grupos e querer que o público fizesse “Oh, que lindo!!!” [sic] (Adélia HILLEBRAND, 2013).

> As pessoas tinham muito interesse e estavam sempre muito atentas para verem os trajes novos dos grupos e danças novas. Havia uma competição saudável entre os grupos, cada um queria mostrar o que tinha de melhor, a comunidade ficava atenta para saber e constatar o crescimento dos grupos de um ano para o outro. Via-se o crescimento dos grupos de ano a ano [sic] (HAAS, 2012).

A preocupação com a perda de uma identidade ou até mesmo do aspecto de preservação cultural no trabalho dos Grupos de Danças Folclóricas é manifestado por gestores deste processo.

> Eu acho que o grupo é um grande gestor cultural da sua localidade. [...] Mas eu também acho que se a gente (gestores públicos e privados) não lançarmos desafios, de tempo em tempo, para os grupos, a gente vai perder esse cunho mais cultural de resgate [sic] (Yeda Michaelsen, 2012).

> Eu acho muito importante a gente pensar em formas de continuar a preservar e resgatar. Na verdade, não é só dançar, acho que tem que ter toda uma pesquisa, todo um envolvimento de conhecimento daquilo que se faz. Eu acho que é muito comum as pessoas repetirem e repetirem e repetirem, sem saberem o que estão repetindo. Então, acho que tem que conhecer muito bem o que se repete e tentar mostrar pra quem vem atrás da gente a importância desse repetir [sic] (Lorena Seger, 2013).

> Eles têm que ficar por dentro da história, porque vai esvaziar esse interesse. Ele vai ficando mais pobrezinho à medida que tu fores esquecendo as tuas raízes. Não adianta dizer: “Nós queremos manter viva”. Primeiro tu tens que ter vivo dentro de ti, para depois ir ao palco e apresentar com muito orgulho. Eu acho que é questão de identidade cultural e identidade de berço [sic] (HILLEBRAND, 2013).

O folclore e os grupos de danças em Nova Petrópolis provocam significados distintos na trajetória de vida dos gestores e dançarinos, porém os aspectos positivos sobrepuseram-se às possíveis dificuldades enfrentadas:

> O folclore, pra mim, trouxe muita coisa boa. Eu só tenho que agradecer ao folclore. A experiência que eu tive no Japão pra mim foi boa porque eu tive a oportunidade de conhecer outra cultura, outro país. Nossa! Eu nem queria voltar no início. Eu gostei muito [sic] (PONATH, 2012).

> Eu acho muito bom. Essas crianças que estão começando, e tão gostando, acho que são o futuro... não deixam morrer esses grupos de dança. Sempre quando vejo um grupinho de crianças, digo, que bom, estão começando crianças e vão manter no futuro isso, né... pra manter essas tradições. Eu gosto disso, adoro isso, desde criança eu participo... Eu, vendo um grupinho de crianças, me emociono, eu acho que é ali que as coisas não vão morrer... [sic] (SILVA, 2012).

> Estou há 33 anos liderando esse grupo. [...] Pra mim é vida, é a minha vida. Sempre, no final do ano, mando um bilhete para os pais das crianças,

> agradecendo por mandarem seus filhos pra dança. E sempre digo que os filhos agradecerão a oportunidade no futuro aos pais. E eu vibro com isso porque isso é a minha vida [sic] (KNORST, 2012).

> O folclore foi uma parte muito importante da minha vida. Eu não sou descendente de alemães, e não encontro uma explicação do porquê me joguei nisso de corpo e alma, mas a gente se deu por inteiro. A família colaborou, meus filhos e meu marido sempre estiveram envolvidos... Reclamavam, às vezes, do meu envolvimento com o folclore, que era mais importante... Eu sou forasteira na cidade e abracei a causa [sic] (HILLEBRAND, 2012).

4.3.1 FIF: Diálogos (des)construídos entre memória, germanidade e turismo

Neste sub-capítulo apresentam-se os diálogos possíveis nas aproximações que se estabelecem entre o FIF, as memórias, a germanidade e o turismo. Para aprofundar a reflexão sobre o processo que se estabelece na cidade de Nova Petrópolis e o transcurso dos 40 anos de construção do FIF, busca-se tecer diálogos entre as várias vozes das memórias - coletiva, social e individual -, dos atores-sujeitos deste processo.

Em Nova Petrópolis a germanidade se expressa na língua alemã ainda falada por muitos locais e no estímulo à sua prática; na gastronomia; no artesanato; nas danças e em outras marcas dos modos de ser local. Elementos estes que se projetam com significativa ênfase nos produtos e atrativos turísticos. Estes aspectos caracterizam-se por sinais diacríticos, diferenciais no turismo, conforme propõe Grünewald (2003), para quem a busca pelo diferente e pelo exótico é motivação própria do turismo. Acrescenta, ainda, que os habitantes desses lugares, na perspectiva turística, podem se promover como esse exótico, a fim de serem atrativos no disputado mercado turístico. Estes sinais diacríticos - presentes em Nova Petrópolis - indicam a presença de um grupo étnico associado à germanidade, possível de perceber em uma população que se perpetua biologicamente de modo amplo; compartilha valores culturais fundamentais. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p. 189)

O Município vem desenvolvendo diferentes ações de preservação da germanidade, há mais de três décadas, para manter presentes as manifestações

que, de outra forma, talvez fossem caindo no esquecimento. Entre tais ações, estão a inclusão do ensino da língua alemã, música e danças folclóricas nas séries do ensino fundamental, na rede municipal e privada; oferta de cursos gratuitos de alemão para a comunidade; incentivo e apoio financeiro às manifestações culturais como a formação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs, os corais e bandas germânicas; e o fomento aos eventos que valorizem esta germanidade.

A realização de eventos públicos, que valorizam a cultura local, em especial o FIF, também proporciona momentos que oportunizam a troca com o outro, aquele que vem em visita ao local. Tais práticas, ao dar visibilidade à cultura local hegemônica, também levam ao fortalecimento desta etnicidade, segundo entendimento de Barth (1998). O autor compreende que a etnicidade se define nas fronteiras, quando há o contato com o outro, com diferentes grupos. A pesquisa confirma que o FIF oportuniza esta interação, de relacionar o local com o global. Esta troca evidencia-se através da participação de diversos grupos estrangeiros e de diferentes representações culturais, cria um espaço de significativa diversidade cultural, fortalecendo a identidade étnica local, associada à germanidade. Para a coordenadora do FIF 2012, Carla Ferreira, as distintas atividades da programação do FIF estimulam também os momentos de troca entre os munícipes, como as noites culturais, que interiorizam o evento, a presença de grupos folclóricos nas escolas e empresas, bem como o acesso gratuito à programação do Festival, na Praça central da cidade:

> Pra mim, o evento é totalmente dos munícipes, enquanto Departamento de Cultura. Ele só não é mais dos munícipes se eles não se apropriarem dele. [...] Ele está numa praça de fácil acesso, a gente leva os grupos para a comunidade [...] Os visitantes têm que vir para nossa cidade para se apropriar dele. [...] Eu acho que, desde 2009, teve um crescimento e a comunidade se apropria muito do evento. [...] Ele [FIF] está na praça, [...] tem um entrosamento muito legal dos grupos com a comunidade [sic] (FERREIRA, Carla, 2012).

A percepção dos grupos de danças convidados também é muito positiva sobre estes momentos de interação e trocas culturais:

> O que nos chamou a atenção foi a fidelidade do público, nos horários que são pela manhã, pela tarde e à noite, o público aí presente, fiel no evento. E muito importante foi ter um espaço para expor a nossa cultura, as tradições e costumes [na Mostra Cultural] junto com os integrantes, anfitriões e com os demais países participantes. O que não se consegue expressar no

> cenário, se compartilhou com este grupo, isto foi muito importante [sic] (CALONGA, 40º FIF, 2012, p. 66).

Para os moradores, são distintos os significados desses momentos, no entanto, a troca, o diálogo e os novos conhecimentos são sentimentos que perpassam o conjunto de olhares: “Vem gente de todos os lugares. Vem muita gente interessante. Não tenho palavras para isso. Para Nova Petrópolis é sucesso absoluto. Há troca de culturas, todos os lugares do mundo vêm para cá e isso é muito válido” [sic] (WEBER, José Hilário - 40º FIF, 2012, p. 68). Paola Benevenuto, moradora de Nova Petrópolis, afirma: “Esta época do Festival é a melhor época em Nova Petrópolis, porque é momento para fazer novas amizades, conhecer novas culturas. É muito legal” [sic] (Caderno de Campo, 2012). Ilso Itamar Kasper, por sua vez, fala centrando seu olhar aos pequenos: “Oportunidade para as crianças. O que agrega para as crianças é a socialização, forma de ver e entender outras culturas. Este é o maior legado” [sic] (40º FIF, 2012, p. 66).

> Eu considero o Festival como sendo uma escola. Mas aproveita quem realmente quer. Para alguns, é só uma apresentação de um grupo, mas, para outros, tu aprende mais sobre a cultura deles, sobre as roupas, é só tu prestar bem atenção no que eles falam. [...] Então, eu vejo uma escola ao ar livre [sic] (RAIMANN, Ana Carina, 2012).

Na perspectiva do turismo, estas diferenças culturais podem se tornar um atrativo e podem ser compreendidas como uma forma moderna de etnicidade comercial. As vozes locais expressam a percepção do diferente, do outro, que está presente como visitante ou como dançarino, especialmente durante o FIF.

Na arena turística (GRÜNEWALD, 2003) de Nova Petrópolis, evidencia-se um diálogo entre a identidade étnica germânica e o outro (novas culturas), criando uma oportunidade de troca que, possivelmente, possa gerar um processo de reconstrução cultural e/ou de fortalecimento da identidade étnica. Tal reconstrução poderá gerar possíveis hibridismos culturais. (SANTOS e BARRETTO, 2006) Compreendendo a cultura como um processo em constante movimento, percebe-se que a reconstrução integra o próprio movimento cultural. Assim, torna-se possível

vislumbrar os caminhos paralelos percorridos entre o hibridismo, a invenção da tradição e o fortalecimento da identidade étnica, porém, com dinâmicas de tempo e espaços distintos. A voz dos gestores culturais locais expressa o entendimento sobre este processo:

> Eu vejo que a comunidade tem que ter a sua identidade, ela tem que se sentir bem dentro daquilo que ela faz e do que ela é, ela tem que ser aberta a receber, a digerir e a fazer. Com isso, eu vejo a comunidade mantendo a sua identidade, automaticamente ela vai atrair o turista, ela vai ter a oferecer algo autêntico, e não mera imitação. Se vou visitar algum lugar, eu quero ver o que realmente é, eu não quero nenhum "quadro pintado", então acho que, para o turismo, a cultura é muito importante, mas ela deve ter identidade e autenticidade, pra realmente cativar quem vem [sic] (SEGER, Lorena, 2013).

> Acho que o folclore ajuda a preservar a cultura, ajuda na preservação da língua e a culinária, porque vem gente de outras localidades, os grupos também recebem, tem as noites culturais onde se tem o contato com outras culturas, e acho que isso tudo ajuda a manter a sua cultura [sic] (MICHAELSEN, Yeda, 2013).

> Acho que o Festival tem várias ações que tentam resgatar esta essência, como a criação da Chama Folclórica, que é uma coisa mais enraizada e característica do folclore gaúcho. [...] Essa mistura, essa integração que tem sido feita com o CTG, de fazer trabalhos conjuntos, de mesclar, porque há essa mescla por aqui, claro que o CTG é um e os grupos folclóricos (alemães) são oito na Associação [sic] (MICHAELSEN, Yeda, 2013).

Este legado cultural, do jeito de ser e fazer, expresso na gastronomia, na língua alemã, nas danças folclóricas, nas técnicas de artesanato, na arquitetura, corroboram a construção e fortalecimento de um imaginário de germanidade associado à Nova Petrópolis.

Fala-se de um imaginário, aqui, no sentido proposto por Maffesoli (2001), como de construção de uma herança cultural, como um estado de espírito que caracteriza um povo e envolve partes de uma cultura, que ultrapassa o indivíduo e que impregna o coletivo ou parte deste coletivo. A construção deste imaginário implica um processo imbricado nas relações entre o FIF e a cidade de Nova Petrópolis, conforme relata Terezinha Haas ao comentar o movimento do Festival nas suas primeiras edições:

> Acho que este movimento [FIF] foi uma busca das origens em todos os aspectos. Com esta pesquisa, a gente conseguiu ver, inclusive, a questão

> da língua. Temos sotaques diferenciados no falar o alemão, mesmo que seja o dialeto [...]. Além disso, influenciou as pessoas a procurarem por que eram um pouco diferentes nas suas cozinhas. [...] A pesquisa dos trajes típicos foi fundamental. [...] Esta pesquisa de músicas e costumes. [...] Nós não tínhamos este entendimento e o Folclore nos ajudou muito nisto. Então, são usos e costumes que são chamados à nossa atenção a partir do momento em que um estranho chega e nos chama atenção para algum fato, que, até então, para nós, é o normal [sic] (HAAS, Terezinha, 2013).

No bojo desse imaginário de germanidade, é possível identificar um jeito único e próprio de Nova Petrópolis, não uma simples transposição de tradições de uma Alemanha idealizada, distante no tempo e no espaço.

> Eu acho que isso é o nosso normal, ter bandinha a cada esquina, ter baile com bandinhas, ter gente vestida de traje típico, ter folclore nas escolas, ter crianças vestidas, ter o dialeto. Isto é o nosso normal e o turista se encanta com isso. Porque isso é o normal daqui, e a gente deve preservar isso na sua essência, com um trabalho de resgate, para que isso seja mantido e não seja uma figuração. Tu tens que dançar porque tu gostas, porque faz parte de ti, porque a outra geração também dançava e manter isso sem fazer um show-business disso [sic] (MICHAELSEN, Yeda, 2013).

> Na Praça (das Flores), as primeiras flores que foram plantadas, nós tivemos dificuldades em que estas flores realmente florescessem, pois elas acabavam sendo arrancadas [pelos visitantes] antes de florescerem. As pessoas do local começaram a cuidar, passaram a ser guardiãs desta Praça, dizendo que se cada um levar uma florzinha, não vai sobrar nenhuma para florescer e, com isso, se criou esta cultura da Praça das Flores [sic] (HAAS, Terezinha, 2013).

A germanidade está apoiada em um imaginário alimentado a partir das tradições e das memórias sociais e coletivas que perpassam as gerações daqueles que povoaram Nova Petrópolis. Entende-se que a memória humana não é mera reprodução das experiências passadas e, sim, um processo em constante construção, que se faz a partir de diferentes visões. (SÁ, 2005) Huyssen reforça que as lembranças e recordações se constroem socialmente, porém alerta para a relação de disputa de poder que se estabelece entre o que lembrar e o que esquecer. (2000) A memória seria produzida pelas escolhas de uma classe social ou de um grupo e possuiria, sim, intencionalidade direta ou indireta de evidenciar alguns fatos e relativizar outros. (GONDAR, 2005)

Segundo Halbwachs, a concepção de passado é para além deste tempo lembrado; não é a permanência do passado, mas como viver o presente a partir dos valores ressignificados. (1990) Nesse contexto, podemos nos referir a uma nostalgia deste passado, mas também podemos estar projetando uma nostalgia do futuro, de uma Nova Petrópolis desejada e projetada para o amanhã, ressignificando os valores do tempo lembrado. O diálogo que se estabelece com o FIF é justamente na realização do espetáculo *Epopeia dos Imigrantes*, apresentada na 40º FIF, em 2012, que objetivava descrever a origem e o desenvolvimento de Nova Petrópolis. Segundo a autora da peça, Ilse Evers Gans, o roteiro se baseou em fatos históricos, registrados em livros e documentos:

> A *Epopeia* grava a nossa História na consciência dos jovens que, personificando figuras do passado, se inserem ativamente no presente de sua terra natal. Certamente é uma forma excelente de se prepararem para a construção de um futuro ainda melhor para Nova Petrópolis [sic] (GANS, Ilse Evers - 40º FIF, 2012).

Para pensar o processo de construção do FIF, interessa perceber as tradições inventadas (HOBSBAWN, 1998) pelos sujeitos envolvidos neste evento. Entende-se que há um jogo entre memória social, oficial e memória coletiva (GONDAR, 2005), conceito ligado às instâncias do vivido, às intencionalidades dos sujeitos-atores neste processo, memorável para aqueles nele envolvidos; seus valores, práticas e representações sobre esta construção e disputa sobre o que lembrar e o que esquecer. É um processo entre esquecimento e lembranças. Para Halbwachs, a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e com reconstruções feitas em épocas anteriores. (1990)

As concepções sobre folclore e tradição são evidenciadas por estes sujeitos, vindo a reforçar esta nova germanidade, que não é alemã, mas também ela inventada, assim como a tradição.

As palavras utilizadas nos depoimentos coletados estão carregadas do valor inventivo e criativo que perpassou todo o processo de construção das diversas edições dos Festivais Internacionais do Folclore. Maria Knorst diz que, “pra falar a verdade, a gente começou inventando dança. Algumas pessoas conheciam um pouco de danças, mas as outras a gente ia inventando os passos. Pegava-se uma música legal, uma marchinha e se criava os passos” [sic] (2012).

> As danças folclóricas que nós trabalhávamos, na verdade, no começo eram desconhecidas [...] por que, as que nós conhecemos de antigamente eram muito poucas, era o *Herr Schmitz*, *Kreuz Polka*, *Spazieren Valsa*, *Siebenschritz* e algumas quadrilhas, mais nós não tínhamos [sic] (HEUMANN, Benno, 2013).

> Começamos a ver que existe muita música popular alemã, bonita e que não é dessas que os imigrantes dançavam, ou dessas mais antigas. Já existe um trabalho dessas músicas serem coreografadas, elas são projeção cultural, não são músicas folclóricas, mas quem sabe daqui alguns anos vão ser, né? [sic] (MICHAELSEN, Yeda, 2013).

> O folclore é um conhecimento popular que cresce na comunidade e continua vivo pelas gerações, sempre. E existe o conceito que tem o folclore histórico, hoje em dia nós trabalhamos mais com o histórico, então são danças que passam mais de um século, elas vão passando e a gente vai colocando elas novamente em evidência [sic] (HEUMANN, Benno, 2013).

> Você pode estilizar (as danças), não era este o nosso objetivo, tinha que ser uma coisa original. Procurávamos a música melhor, a coreografia melhor para não sair fora e até apontávamos quando um grupo fazia qualquer coisa estilizada que não pertencia ao folclore mesmo, para nós era um erro [sic] (HILLEBRAND, Adélia, 2013).

Identifica-se o fenômeno da espetacularização da memória através do FIF, com destaque especial para a dança e a germanidade que passam a ser apresentadas como um espetáculo ao público presente:

> O que se faz hoje em dia, para apresentar ao público, é um espetáculo. O espetáculo tem a sua vantagem e a sua desvantagem, pois, no espetáculo, você não pode participar da dança. [...] Hoje, a gente trabalha para o público, e esqueceu que o folclore é do povo, isso tá faltando ultimamente, nós não estamos mais entrando no público, nós estamos distantes dele, e isso prejudica [sic] (HEUMANN, Benno, 2013).

> A projeção folclórica pode ser feita, desde que isso seja anunciado. [...] Mas existe um perigo, né, quando um dançarino enxerga que o resultado dá mais atuação, mais aplauso e tudo o mais. Há um perigo de se perder a raiz e a identidade. Lógico, quem está no palco quer ser aceito, e isso a gente também tem que se preocupar, acho que não é bem assim, é muita coisa discutível, né? [sic] (HILLEBRAND, Adelia, 2013).

> A nossa apresentação não está muito voltada para um folclore de raiz, e, sim, mais para um folclore de projeção e de palco. Uma apresentação de palco é diferente, tu começa a te preocupar com outras coisas (posição, ser envolvente, ter figuras diferentes...). Isso originalmente não tinha nas danças, elas eram todas danças mais paradas, tanto que quando vem um

> grupo alemão bem autêntico pra cá, o pessoal daqui não gosta muito, acha muito parado, porque tá acostumado com os nossos grupos que, pelo fato da competição, sempre quis estar um na frente do outro, mas é a caminhada local [sic] (MICHAELSEN, Yeda, 2013).

> A gente fazia uma noite cultural com um professor da Alemanha, em 1967, que ensinava canto [...] eram canções simples. Ele fazia em uma dinâmica bem interessante, primeiro fazia as pessoas aprenderem, depois fazia voltar e só depois se dançava [sic] (HEUMANN, Benno, 2013).

Percebe-se, nas distintas visões, questionamentos que perpassam a preocupação com uma preservação cultural que poderia ser mantida com concepções mais rígidas impostas pelo movimento folclorista ou permitir uma projeção folclórica, conforme relata Adélia Hillebrand (2013): “Não sei o que é o mais importante, se ficar fiel ao folclore, à cartilha ou fazer algo que faça o público gostar muito, ficar em pé. Acho que vale a pena quando o público interage, responde bem. Fica a pergunta no ar, o que é melhor?” [sic] (HILLEBRAND, Adélia, 2013).

No processo de formação dos Grupos de Danças Folclóricas, Benno Heumann relata experiências nas comunidades nas quais estimulou a reconstrução destas memórias:

> Vocês têm uma história muito rica que eu não posso guardar. [...] Vocês têm que falar da história da comunidade de vocês para todo mundo, que é muito rica, tem muita história lá na Linha Imperial, desde o Padre Amstad, aquele monumento, como foi construída aquela igreja. Os jovens, os grupos, começaram a pesquisar e acabaram tornando a coisa mais interessante, e hoje em dia estão continuando o trabalho (HEUMANN, Benno, 2013).

Na busca dos diálogos possíveis entre germanidade, turismo e o FIF, é possível identificar uma aproximação e pontos de convergências entre a área do Turismo e da cultura. Autores como Perez (2009), Leite (2011) e Tomazzoni (2009) entendem que o Turismo pode ser pensado como uma das atividades que mais tem fomentado o contato intercultural entre pessoas, povos e grupos, provocado, especialmente, pelas vivências do Turismo cultural. O Ministério do Turismo (2008) apresenta os eventos culturais como instrumentos para reduzir a sazonalidade e estabelecer sintonia com a identidade local. Perez (2009) alerta que a mercantilização da cultura pelo Turismo pode ter impactos positivos ou negativos. O desenvolvimento e a revitalização de identidades culturais, a redescoberta das

tradições e revitalização do sentido identitário são elencados como possíveis impactos positivos. (PEREZ, 2009) Neste contexto, percebe-se o FIF como um evento que contribui de forma significativa para estabelecer, em Nova Petrópolis, uma sintonia de identidade germânica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta etapa do estudo proposto para esta dissertação, apresentam-se algumas considerações, mas não as considerando como conclusivas, por compreender que diferentes abordagens são passíveis de serem realizadas no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa. Os dados e percepções aqui apresentadas buscam responder ao problema formulado como fio condutor da pesquisa, qual seja, o de estudar a trajetória dos 40 anos do FIF em Nova Petrópolis-RS e a possível contribuição do mesmo para a preservação da memória local, ao mesmo tempo em que promove a construção de uma nova memória social.

O caminho percorrido nesta pesquisa, realizada com suporte metodológico da História Oral, parte da concepção de que a memória é um processo em constante mudança e transformação. Mais do que uma mera reprodução de experiências passadas, ela envolveria uma construção feita ao longo do tempo e das experiências vividas por pessoas e comunidades.

O objeto de estudo, o Festival Internacional do Folclore de Nova Petrópolis, é um evento promovido e realizado pela Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis e a Associação dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Nova Petrópolis (AGDFANP), sendo que conta com apoio da Organização Internacional de Artes Populares (IOV). Este Festival objetiva valorizar as tradições e os costumes herdados dos antepassados, mesclando as mais variadas manifestações artísticas. O evento ocorre na Rua Coberta da Praça das Flores, no período que compreende a última semana de julho e a primeira de agosto, mas, ao longo de sua história, ocupou outros espaços. A gestão do FIF é realizada através de uma coordenação geral com representantes do poder público e da AGDFANP. A sustentabilidade financeira provém de patrocínios e apoios captados através das leis de incentivo à cultura, federal e estadual, além de dotação orçamentária municipal.

O Festival registra, na sua trajetória, quarenta edições realizadas de forma consecutiva e ininterrupta, sem qualquer cobrança de ingressos para acesso à programação do evento. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber distintos

momentos do FIF, passando pelas mudanças de concepção do evento, gestão, programação cultural e envolvimento do público, bem como diferentes logísticas para a sua realização.

Esta dissertação se propôs a contribuir para o mapeamento histórico do FIF, registrando os momentos mais significativos deste processo. A pesquisadora, apoiada em pesquisa documental e de memória oral, construiu uma linha do tempo (APÊNDICE D) dos quarenta anos do evento. Este material serviu de referencial na sua análise a fim de ordenar esta trajetória, criando os distintos momentos:

Momento fundador - Período que se caracteriza entre a primeira edição do evento, em 1973, e segue até 1984. O FIF iniciou na Praça das Flores e as atividades realizavam-se junto a uma das pistas da Avenida 15 de Novembro, via que liga Porto Alegre até Gramado.

No início da década de 1970, período em o turismo passa a ser visto como programa prioritário para o desenvolvimento econômico do Estado e uma nova alternativa de desenvolvimento econômico para o município, nasce o FIF. O acontecimento conta com um apoio determinante do Governo do Estado durante as quatro primeiras edições; o rompimento desse apoio financeiro, contudo, gera a necessidade de mudanças e a remodelamento do evento. A pesquisa apresenta as dificuldades, os desafios e as conquistas alcançadas nestes primeiros onze anos do Festival. Os relatos valorizam as várias vozes dos gestores públicos e privados que participaram deste processo.

Momento do crescimento e adolescência - Período entre 1985 e 1998, que soma significativos avanços para o FIF. A cidade de Nova Petrópolis inaugurava, em 1985, o seu Parque Aldeia do Imigrante, um parque temático ancorado na germanidade, programado também para acolher os eventos turísticos. O Festival do Folclore realizou-se neste local por mais de 14 anos. Este também foi um momento de significativo incentivo e criação de nove grupos de danças folclóricas alemãs nas localidades do meio rural em Nova Petrópolis. Neste contexto, surge a necessidade de formalizar uma Associação capaz de reunir os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs.

Momento da maturidade - Novos desafios se apresentaram. O FIF completava 25 anos, entre 1999 e 2010, período de crises e avanços. A realização do Festival no Centro de Eventos (1999) foi um marco significativo. Nesta edição implantou-se um novo conceito de evento, ampliando a representação das etnias, espaço para as diferentes expressões gastronômicas e eventos paralelos, como a Feira de Embutidos, os Jogos Germânicos e a Aldeia Viva no Parque Aldeia dos Imigrantes.

O Festival sofreu a alternância de locais da sua realização. O Centro de Eventos acolheu o FIF entre 1999 e 2001. A baixa participação do público impôs aos organizadores a necessidade de buscar outras opções. Vários modelos foram testados, inclusive com atividades concomitantes ocorrendo na Praça das Flores, Parque Aldeia do Imigrante e Centro de Eventos. Foi em 2010, entretanto, que, definitivamente, o FIF volta a ser realizado na área central da cidade, na Praça das Flores, seguindo com acesso livre e sem cobrança de ingressos. Melhorias e inovações no Festival foram marcas deste período determinante para alcançar e consolidar o evento no patamar a que chegou em 2012.

Os dados identificados na pesquisa permitem um questionamento sobre as narrativas e a possível construção de uma memória coletiva de Nova Petrópolis, com relação à descendência de seus povoadores. Identifica-se a construção do imaginário e da memória coletiva calcada na concepção de que a maioria absoluta dos moradores locais seria descendente de alemães, como apregoado no site oficial de Nova Petrópolis. Porém, nos documentos consultados ao longo da pesquisa, há registros de levas expressivas de migrantes que povoaram Nova Petrópolis e se originaram de distintas localidades da Europa, hoje envolvendo locais como a Pomerânia, a Áustria, a Polônia, a Dinamarca, a Boêmia, a Rússia. Questiona-se, então, por que reproduzir narrativas e discursos que reforçam esta imagem de predominância expressiva de origem ‘alemã’ e que de Alemanha estaria se falando?

Identifica-se a ocorrência de alguns fatos relevantes na trajetória do FIF e da economia de Nova Petrópolis no período que data do final dos anos de 1960 e início de 1970, razão que instiga o questionamento: haveria alguma relação entre a fundação da Cooperativa Agropecuária Petrópolis, ocorrida em outubro de 1967, que contou com a ajuda técnica e financeira da República Federal da Alemanha, através

do envio de três técnicos que acompanharam a implantação do projeto da Cooperativa, e o movimento que marca o começo do FIF no início da década de 1970? Segundo a Revista editada para marcar os quarenta anos do Festival, a criação e condução do Grupo de Danças Folclóricas Internacional, o mais antigo grupo em funcionamento, ocorreu com a presença e esforço de Annemarie Franck, esposa do técnico Herbert Siegfried Franck, que morou na cidade no período entre 1969 e 1976, em função de sua atividade na cooperativa. Poderia haver uma intencionalidade na construção da memória coletiva desta narrativa de descendência e cultura predominante alemã, a partir deste fato?

Pode-se aferir, neste estudo, que, ao longo da trajetória de quarenta edições do FIF, houve algumas iniciativas expressivas em prol da preservação e possivelmente da criação de novas memórias em Nova Petrópolis. Dentre os diversos aspectos que poderiam ser apontados, identificou-se alguns, considerados pela pesquisadora como de maior relevância e sobre os quais se estará discorrendo: o papel estratégico deste evento; o expressivo incentivo aos grupos de danças folclóricas alemãs; o fortalecimento da etnicidade expressa na *germanidade* e a criação de uma identidade local e de pertencimento ancorada nesse mesmo imaginário de *germanidade*.

Compreende-se que um evento pode cumprir papel estratégico, aproximativo e interativo com o seu público direto ou partes interessadas. No caso do FIF, fala-se com relação aos Grupos de Danças e o envolvimento do coletivo local. Ao relatar sobre os aspectos de gestão do evento, apontou-se a presença de somente um representante da AGDFANP em detrimento de 16 representantes da Prefeitura. Além disso, são identificadas limitações neste processo de envolvimento, planejamento e realização do evento. Questiona-se por que não aproveitar o potencial de envolvimento entre as instituições e representantes das comunidades locais?

Analisando a trajetória do turismo e do FIF em Nova Petrópolis, percebe-se que existem pontos de convergência, especialmente no aspecto do reforço da imagem de germanidade, diferencial que vem acompanhando a construção da imagem do destino turístico. O questionamento é se esta sincronia entre Turismo e Cultura é uma ação deliberada, planejada e sistêmica da autoridade pública ou teria raízes mais profundas na comunidade local?

Nas tramas dos diálogos sobre a construção da memória local e o turismo, o FIF torna-se a referência concreta de um atrativo turístico que evidencia este projeto de preservação da cultura local. Porém, na tessitura dos diálogos, emerge uma nova memória coletiva para o local, de ascendência germânica. Trata-se da reinvenção da tradição, enaltecendo, em especial, as manifestações folclóricas. No entanto, o surgimento de novas memórias gera desconforto para alguns sujeitos deste processo, criando certa tensão e, talvez, uma resistência às novas e criativas maneiras de apresentar esta germanidade na arena turística de Nova Petrópolis. Identifica-se ações como a criação dos Brasões das localidades, como um dos resultados desta criação de novas memórias, momento em que os envolvidos com os Grupos de Danças pesquisam, debatem e definem o que melhor os identifica, criando a representação simbólica nestes estandartes. A Chama Folclórica instituída no FIF em 2011 é outro exemplo desta nova memória, fruto de um hibridismo cultural, inspirado no significado da chama crioula, de forte expressão para os gaúchos.

Se, por um lado, este projeto está calcado sobre a memória coletiva desta comunidade, sobre as experiências vividas e reconstruídas como atrativo turístico, é possível perceber que o próprio Festival constrói e ressignifica a memória coletiva e social inventada pelo grupo. Nas falas dos organizadores e participantes do evento, aparece claramente que é após a criação do Festival que os grupos folclóricos se formam e buscam reconstruir sua memória coletiva e social.

Ao longo dos quarenta anos, registra-se a criação de diversos grupos de danças folclóricas alemãs no município, especialmente no período entre 1985 e 1999. Hoje, são 20 grupos representados através das diversas categorias (mirim, infantil, adulto e terceira idade), 14 bandinhas típicas e 61 corais, como um possível desdobramento do próprio FIF. Lemos (2002) comenta que um evento desenvolve um importante papel na mobilização dos valores sociais autênticos da localidade, para que sejam sustentáveis. Neste caso, estamos nos referindo ao suporte do poder público com forte presença no fomento, na preservação desta memória, postura esta que transcende partidos políticos, pois vem se mantendo por mais de quatro décadas. Torna-se, então, um incentivador das iniciativas que contribuem para o fortalecimento da etnicidade, posta como germanidade neste local, bem como

para a promoção da cultura local e, por consequência, espaço profícuo para a criação de novas memórias. Segundo Leite (2011), não haveria memória sem criação. Seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa, perderíamos a riqueza do conceito.

No entremeio das relações culturais, sociais e institucionais, são identificados espaços de construção destas novas memórias e de fortalecimento desta germanidade em Nova Petrópolis, quais sejam:

O espaço da escola - As escolas, tanto da rede pública quanto privada, desenvolvem aulas de língua e danças alemãs. A língua é uma presença forte da manifestação da etnicidade germânica.

O espaço social - Os Grupos de Danças Folclóricas Alemãs tornam-se espaço de encontro dos jovens, de interação e oportunidades de viagem para além do FIF e para além de Nova Petrópolis. As danças, com sua forte expressão folclórica, abrem espaço para o novo, para a memória criativa, na mesma proporção em que inovam em suas representações.

O espaço público - o FIF propriamente dito, no seu palco, torna-se um espaço de validação. Este espaço, onde o dançarino, independente da sua posição social, é reconhecido e aplaudido tanto pelos visitantes quanto pelos seus pares, pelos locais. Este reconhecimento transporta o sujeito para um lugar distinto, de validação deste processo.

O FIF oportuniza este contato com o outro, com o visitante, com o dançarino de etnias distintas e de lugares díspares a Nova Petrópolis. Esses ambientes de convivências dos diferentes tornam-se oportunidades de troca, espaços de valorização da sua etnicidade germânica, tornando-a, dessa forma, um atrativo turístico. A etnicidade se estabelece na fronteira, no contato com o outro, justamente quando me percebo diferente.

Neste cenário surge a *arena turística* (GRÜNEWALD, 2003) em Nova Petrópolis, lugar onde se evidencia um diálogo entre a identidade étnica germânica e o outro (novas culturas), gerando um processo de reconstrução cultural e/ou de fortalecimento desta identidade étnica. Tal movimento poderá gerar possíveis

hibridismos culturais. (SANTOS e BARRETTO, 2006) A germanidade está apoiada num imaginário alimentado a partir das tradições e das memórias sociais e coletivas que perpassam as gerações daqueles que povoaram Nova Petrópolis.

Ao longo deste estudo, foi possível identificar um jeito único e próprio de Nova Petrópolis, não uma simples transposição de tradições de uma Alemanha idealizada, distante no tempo e no espaço, que já não existe e, possivelmente, nunca tenha existido. Uma germanidade única, fruto dos caminhos paralelos percorridos entre o hibridismo, a invenção da tradição, o fortalecimento da identidade étnica e a construção de novas memórias.

Vale registrar as percepções do Espetáculo Epopeia dos Imigrantes, apresentado no 40º FIF. Percebeu-se o uso da língua alemã no texto do espetáculo sem qualquer tradução, situação que permite a avaliação de que a língua alemã, nesta cidade, seria um código comum a este público, atores e moradores locais. Identifica-se a manifestação da etnicidade e da germanidade, o que nos permite concluir que, possivelmente, este espetáculo tenha sido elaborado para falar para os seus pares. Um movimento que caminha no sentido do reforço de um discurso e da construção de uma memória coletiva. Permite, portanto, apontar que o FIF tenha uma contribuição significativa na construção desta nova memória de Nova Petrópolis.

Segundo Leite (2011), a memória criaria sentimentos de pertencimento e identidade, para que as futuras gerações tomem conhecimento dos acontecimentos e tenham uma definição do que os diferencia dos outros grupos. Nesta perspectiva, identifica-se um diálogo entre a memória, identidade e o FIF, que poderia estar contribuindo para a construção desta identidade, criando, assim, o sentimento de pertencimento e identidade de Nova Petrópolis desta germanidade criada e projetada.

REFERÊNCIAS

ACINP - Associação Comercial e Industrial de Nova Petrópolis – Gestão 2011/2012. **Perfil Socioeconômico de Nova Petrópolis 2011**. Nova Petrópolis: Amstad, 2011.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALLEN, Johnny et. al. **Organização e Gestão de Eventos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ANDRADE, Renato Brenol. **Manual de eventos**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

ANOTAÇÕES realizadas em aula. CANTON, Marisa Antonia. Curso de Pós-Graduação em Planejamento e Estratégias de Eventos da Universidade de Caxias do Sul, 2007.

BÄCKER, A. **O envolvimento e o nível de satisfação da comunidade local no 36º Festival Internacional de Folclore da cidade de Nova Petrópolis**. Trabalho de Conclusão (Turismo), Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, 2008.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao Turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócio-antropológicos. **Revista Turismo em Análise**, v. 15, n. 2, nov./2004, p. 133-149.

_____. **Turismo y cultura:** relaciones, contradicciones y expectativas. El Sauzal: Aca y Pasos, RTPC, 2007.

BARTH, Frederick. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF- FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras, de Frederick Barth**. Traduzido por Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 10. ed. São Paulo: Senac, 2004.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: Educs, 2003.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo:** marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____. **Caderno de turismo de negócios e eventos**, 2010.

_____. **Jornadas técnicas de segmentação de mercado**, 2006.

_____. **Projeto Vivências Brasil: aprendendo com o turismo nacional - Relatório de visita técnica em Rio de Janeiro e Paraty/RJ**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em http://www.excelenciaemturismo.gov.br. Acesso em: 02 MAI. 2012.

BRITTO, Janaina; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos**. Uma ótica do Marketing e do Turismo. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

CAMARGO, Patrícia e CRUZ, Gustavo (org). **Turismo cultural:** estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009.

CANTON, Marisa Antonia. **Eventos:** ferramenta de sustentação para as organizações do terceiro setor. São Paulo: Roca, 2002.

CAPITAL do cooperativismo. Site da Prefeitura de Nova Petrópolis. Disponível em: <http://www.novapetropolis.rs.gov.br/capital.php>. Acesso em: 28 dez. 2012.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, São Paulo, 2008.

COOPERURAL: 75 ANOS; COAPEL: 10 anos – **Revista comemorativa**. Nova Petrópolis/ RS: s/ed. 1977

DA MATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral -** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEPPE, Gessy (coord). **Contribuição para a história de Nova Petrópolis**. Depoimentos. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras**, n. 44. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001.

_____. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim e GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FERRACCIÙ, J.S.S. **Promoção de vendas**. São Paulo: Makron Books, 1997.

FERREIRA, Carla. **Entrevista concedida para a pesquisadora**. Nova Petrópolis, 2012.

FESTIVAL de Folclore (2012). Dados sobre o festival, 2012. Disponível em: <http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet&id=10648&sel=8>. Acesso em: 13 ago. 2012.

FESTIVAL de Folclore supera expectativas e encerra com sucesso absoluto. **Jornal A Ponte**, 570 ed., ano 32, ago./2008, p. 11.

FESTIVAL DE FOLCLORE. 40º Festival de Nova Petrópolis se despede da diversidade cultural. Nova Petrópolis, 12 ago. 2012. Disponível em: <http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet&id=10648&sel=>. Acesso em: 09 ABR. 2013.

FESTIVAL DE FOLCLORE. **Explosão cultural em Nova Petrópolis no 40º Festival Internacional de Folclore.** Disponível em: **<**http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet&id=10592&sel=>.Acesso em: 08 ABR. 2013

FESTIVAL Internacional do Folclore de Nova Petrópolis. **40º Festival Internacional de Folclore Nova Petrópolis/RS**. Edição comemorativa. Nova Petrópolis: [s.ed.], 2012 (40º FIF).

FLORES, Hilda A. Hübner (org). **Turismo no Rio Grande do Sul:** 50 anos de pioneirismo no Brasil**.** Porto Alegre: Edpucrs, 1993.

FOLCLORE, (2013). Disponível em: <http://www.festivaldefolclore.com.br/pagina.php?cont=noticiasDet&id=10496&sel=8>. Acesso em: 09 abr. 2013.

FUNDO de turismo. Disponível em: <http://Turismonovapetropolis.com.br/informacoes.php>. Acesso em: 13 mar. 2012.

GASTAL, S. e CASTRO, M. N. A construção do campo do turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande Sul. In: CANDIDO, L. A. e ZOTTIS, A. M. (org). **Turismo:** múltiplas abordagens. Novo Hamburgo: Feevale, 2008.

_____. COSTA, L. de C. N.; MACHADO, F. C. Hospitalidade e acolhimento: o século XIX no sul do Brasil. **Revista Hospitalidade**, v. VII, n. 1, São Paulo, jan./jun., 2010, p. 43-64.

_____. Correio aéreo e aviação civil: os primeiros passos da Varig. **Turismo & Sociedade**, v. 2, n. 2, Curitiba, out./2009, p. 185-211.

_____. In: BENI, Mário Carlos (org). **Turismo:** planejamento estratégico e capacidade de gestão **-** desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri: Manole, 2012.

_____. **Turismo, imagens e imaginário**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do Turismo)

_____; MACHIAVELLI, Mariana Schwaab. A Modernidade e as feiras mundiais: a Exposição Centenário Farroupilha. **Atas do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, 2011. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2285-1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2012.

_____. **Festa temática:** considerações em torno de um novo conceito. Anais VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR. Balneário Camboriú, 2011.

GHEMAWAT, Pankaj. **A estratégia e o cenário dos negócios:** texto e casos. Porto Alegre: Bookman, 2000.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa**. 2. ed. São Paulo: Edições Sociais, 1997.

GODOLPHIN, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, ano 1, n. 2, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, jul./set. 1995, p. 161-185.

GOIDANICH, O. A saga do turismo no Rio Grande do Sul. In: FLORES, Hilda A. Hübner (org). **Turismo no Rio Grande do Sul:** 50 anos de pioneirismo no Brasil**.** Porto Alegre: Edpucrs, 1993.

GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera (org). **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n. 20, Porto Alegre, out./ 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?
script=sci_arttext&pid=S010471832003000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2013.

HAAS, Terezinha M. K. **A germanidade como eixo condutor de um processo turístico**. **O caso da Rota Romântica - 1995-2005**. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

HAAS, Terezinha M. K. e GASTAL, Susana. Rota Romântica, turismo e etnicidade. **Anais do IV Semintur**. Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/.../semin.../GT07-14.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2013.

HAAS, Terezinha. **Entrevista concedida a Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

HAAS. **Entrevista concedida para a pesquisadora**. Nova Petrópolis, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANSEN, José Mário. **Entrevista concedida a Lelia A. Filippsen para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

HANSEN, Junara. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

HAUGG, Anita. **Entrevista concedida a Joice Deimling para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

HEUMANN, Benno. **Entrevista concedida para a pesquisadora**. Nova Petrópolis, 2013.

HILLEBRAND, Adélia. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

HILLEBRAND, Adélia. **Entrevista concedida para a pesquisadora**. Nova Petrópolis, 2013.

HILLEBRAND, Adélia; HILLEBRAND, Márcia; HILLEBRAND, Sandro; NEUMANN, Eduardo; RAIMANN, Luciane; SOARES, Paulo César. **Cartilha Böhmerlandtanzbruppe - 10 Anos**. Nova Petrópolis, 1997 (sem ficha catalográfica, sem paginação).

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/36433653/HOBSBAWM-Eric-Introducao-do-livro-A-invencao-das-Tradicoes>. Acesso em: 20 mai. 2012.

HOJE em mídia. Disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/noticias/turismo/parque-snowland-em-gramado-mantera-ambiente-constante-de-inverno-1.134239>. Acesso em: 23 jun. 2013.

HUYSSEN, Andreas. **Monumentos, mídia**. Traduzido por Sergio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. Dados sobre cidades, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>. Acesso em: 02 jan. 2013.

IBGE. Expectativa de vida, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/11/brasileiro-nasce-com-esperanca-de-vida-de-74-anos-e-29-dias-diz-ibge.html>. Acesso em: 28 dez. 2012.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

KNORST, Maria Zilles. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

KRIPPENDORF, Jost. The new tourist: turning point for leisure and travel. **Tourism Management**, jun./1986.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia** (2003). São Paulo: Brasiliense, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1994.

LEITE, Edson. **Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, 2011. (Coleção Verde-Amarela)

LEMOS, Leandro. Para além da superfície: um exame teórico sobre eventos turísticos. In: GASTAL, Susana (org). **Turismo, investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

LIED, Walmin. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

LIMA, Renata Farias Smith. **Documentário e turismo cultural:** um olhar sobre Jorge Amado. Ilhéus: Editus, 2009.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista da Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos:** procedimentos e técnicas. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da História Oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

MELLO NETO, Francisco Paulo. **Marketing em eventos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprict, 1999.

MICHAELSEN, Yeda Leão. **Entrevista concedida para pesquisadora.** Nova Petrópolis, 2013.

MICHAELSEN, Yedda Leão (org). **Festival do Folclore de Nova Petrópolis - 30 Anos de História**. Nova Petrópolis: AGDFA NP, 2002.

MICHELIN, Rita Lourdes. **A reconstrução da etnicidade na Arena Turística: o caso do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra. Bento Gonçalves - RS**. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

MINTZBERG, H.; QUINN, J. B. **The strategy process:** concepts, contexts and cases. 2. ed. New Jersey: Prentice-Hall International, 1991.

MOESCH, Norma Martinni. **Entrevista concedida a Susana Gastal e Terezinha Haas para o Projeto de pesquisa "O campo turístico e suas construções no Rio Grande do Sul de 1935-2000"**. Nova Petrópolis, 2006.

MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**. Traduzido por Roberto Sperling. São Paulo: Aleph, 2003.

NOSSA TERRA, 40º Festival de folclore encerra com a expectativa superada. **Nossa Terra,** 16 AGO. 2012, Nova Petrópolis. P 11.

NOVA Petrópolis. Prefeitura de Nova Petrópolis. Disponível em: <http://www.novapetropolis.rs.gov.br/infraestruturaparaeventos.php>. Acesso em: 18 mar. 2013.

NOVA Petrópolis: polo cultural do Folclore no RS. **Jornal A Ponte**, 351 ed. ano 23, jul./1999, p. 6.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas. **Série Antropologia**, v. 413, Brasília: Departamento de Antropologia, UNB, 2007. Disponível em:

<http://www.abant.org.br/conteudo/001DOCUMENTOS/Artigos%20e%20Textos/Artigo%20Luis%20R%20Oficio%20Antrop.pdf.>. Acesso em: 1 dez. 2011.

OLIVEIRA. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000, p. 17-35.

PANOSSO NETTO, Alexandre. Experiência e turismo: uma união possível. In: GAETA, Cecília; PANOSSO NETTO, Alexandre (orgs.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010. P. 43-56.

_____; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

PAZ, Nör Ivoni (coord). **Evolução política e econômica de Nova Petrópolis**: de colônia provincial a município, da pequena propriedade ao turismo. CORAG, 2006.

_____. **Nova Petrópolis**: da submissão à rebeldia (1858-1937). Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural**. Uma visão antropológica. El Sauzal: Aca y Pasos, 2009.

PICOLLO, Helga Iracema Landgraf. **Contribuição para a história de Nova Petrópolis**: colonização e evolução da Colônia. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

PIRES, Jeanine. Oportunidades no turismo de eventos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 de julho de 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wpcontent/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2012.

PONATH, Alexandra. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

PUGEN, Bianca. **Gestão do evento turístico:** um estudo organizacional sobre a Festa do Peixe. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

RAIMMANN, Ana Carina. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

REICHEL, H. J. Fronteiras no espaço platino. In: GOLIN, T. Et. al. **História geral do Rio Grande do Sul - Colônia**. Passo Fundo: Méritos, 2007.

SÁ, Celso Pereira. Memória, imaginário e representações sociais. In: _____ (org). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p. 63-86.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história de viajar. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, São Paulo, 2002.

SANTOS, Rafael e BARRETTO, Margarita. Aculturação, impactos culturais, processos de hibridização: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. **Turismo em Análise**, v. 17, n. 2. São Paulo: Aleph, 2006, p. 244-261.

SCHMITZ, Arsênio José. **Uma nova imagem para Nova Petrópolis**: estudo sobre a imigração e a aculturação. Nova Petrópolis: Amstad, 1998.

SCHOMMER, Luciane R. **Evento como estratégia empresarial:** ROI uma medida de resultado. Trabalho de Conclusão (Especialização em Planejamento e Estratégias de Eventos), Universidade de Caxias do Sul, Canela, 2009.

SCHOMMER, Luciane R. e GUTERRES, Liliane S. **O Festival Internacional do Folclore em Nova Petrópolis: Memória e Tradição como Atrativo Turístico.** Anais IX Congresso da ANPTUR. São Paulo, 2012.

SCHUCH, Irmgard. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

SEGER, Lorena. **Entrevista concedida para a pesquisadora**. Nova Petrópolis, 2013.

SEIBT, Renato. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

SILVA, Loni. **Entrevista concedida a Alexandra Utzig e Sabrina Muñoz para a edição comemorativa da Revista 40 anos do Festival Internacional do Folclore Nova Petrópolis**. Nova Petrópolis, 2012.

SMITH, Valene S. (comp). **Anfitriones e invitados**. Antropología del Turismo. Turismo y Sociedad. Madrid: Endymion, 1989.

THOMPSON JR., Arthur A.; STRICKLAND III, A. J. **Planejamento estratégico:** elaboração, implementação e execução. São Paulo: Pioneira, 2000.

THOMPSON, Paul (1935). **A voz do passado:** a história oral. Traduzido por Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Organização de feiras de negócios:** um modelo de gestão para as feiras de negócios de Caxias do Sul. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2002.

TOMAZZONI. **Turismo e desenvolvimento regional:** dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul: Educs, 2009.

VECCHIA, Maria José Souza Gerlack. A importância do conceito de memória coletiva ou social na visão das ciências sociais. **Revista Tavola Online**, n. 4, jul./2011. Disponível em: **<**http://nucleotavola.com.br/revista/wp-

content/uploads/kalins-pdf/singles/a-importancia-do-conceito-de-memoria-coletiva-ou-social-na-visao-das-ciencias-sociais.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2012.

VOGT, Olgário Paulo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=114097>. Acesso em: 30 out. 2012.

WADA, Elizabeth Kyoko; DORNELES, Ormene Carvalho Coutinho. **Eventos corporativos e sua importância estratégica para as empresas. Estudo de casos múltiplos: Pfizer, L'Oréal e Nextel**. Anais XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação -INTERCOM. Recife, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2391-1.pdf>. Acesso em: nov. 2011.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos:** planejamento e operacionalização. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO PARA ENTREVISTA –

PESQUISA DE CAMPO – FESTIVAL DE FOLCLORE

1. **Entrevistada –** ADÉLIA HILLEBRAND
   **breve descrição – fundadora do Grupo Bohmerland da Linha Imperial que neste ano comemora 25 anos de fundação, dentre os quais foi 16 anos coordenadora.*

   **Presidente da Associação dos Grupos Folclóricos de Nova Petrópolis – 02 anos*

   **Gestora Pública – Sub Secretária de Turismo no período de 1997 - 2000*

   (Desenvolver uma conversa inicial, deixando *o entrevistado a vontade, instigando para visitar a sua caixa de memórias)* –

   1. Conte um pouco da sua vida, *onde nasceste?...*
   2. Como aconteceu o seu envolvimento com o folclore alemão.
   3. O fato de você ser de etnia italiana, como se estabeleceu esta relação com esta preservação da cultura alemã?
   4. Como a comunidade percebia isto?
   5. O que lembra da criação do Grupo Bohmerland
   6. E a Linha Imperial? C*omo era?* (estaremos intercalando temas/questões mais factuais e temas mais específicos, sobre o ambiente do bairro, como era na época.)
   7. Que apoio existia para formar o grupo?
   8. Foi fácil reunir pessoas interessadas em participar?
   9. Na época, como era realizado o processo de seleção das danças a serem ensaiadas pelo grupo? Existia algum critério de que fossem danças da memória da comunidade?
   10. Qual a importância do Festival de Folclore para os grupos de danças?
   11. De que forma o Festival do Folclore contribui para a preservação da cultura local?
   12. Na sua percepção, quais são os momentos de inovação do Festival do Folclore, ao longo dos anos que vens acompanhando seja como coordenadora de grupo ou como gestora pública no período da Secretaria de Turismo.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

40 FESTIVAL DO FOLCLORE NOVA PETROPOLIS

Quando	O que	OBSERVAÇÃO	detalhes
	27/07	Chama Folclórica – Linha Imperial	
28/07	**SÁBADO**		
13:30hs	Baile dos Grupos Folclóricos Infantis	*procurar conversar com os coordenadores como é a motivação das crianças para a Dança Folclórica	
16hs	Desfile de Integração		
18hs	*Solenidade de Abertura	*observar a ênfase dada no discurso OFICIAL dos vários gestores	
19:30	*Epopéia dos Imigrantes	*envolvimento/ emoção dos integrantes da Epopéia *ficar atenta aos comentários dos locais, dos turistas * em conversar informais – perguntar – o que significa..... *observar esta integração entre as várias instituições, várias	

		manifestações culturais *observar qual o discurso sobre a MEMÓRIA, sobre o FATOS, sobre o POVOAMENTO...	
*22hs	*Baile de Integração Grupos Folclóricos Linha Brasil	* envolvimento/ emoção dos integrantes *relação entre os grupos *como os grupos locais se comportam em relação aos visitantes *relação entre grupos, dançarinos, visitantes e comunidade local	
29/07	**DOMINGO**		
16hs	Desfile da Moda Folclórica	*observar o discurso sobre a Moda Folclórica *como o público recebe esta atividade *buscar perceber se identificam como uma INOVAÇÃO no evento *identificar a relação entre FOLCLORE e TRADIÇÃO	
		ATRAÇÕES DIVERSAS	
Domingos (início da tarde) *14hs	**Jogos germânicos**		
11/08 – sábado(14:30HS)	**Bolão de Corda**	*quem participa / como é o envolvimento / tem torcida / é uma equipe ou algo Individual??	
	Noites culturais	Participação das pessoas das localida-	

		des, a reação em relação aos visitantes.	

1. OBSERVAÇÃO DURANTE O EVENTO

a. Perfil do público presente –
   - origem (da cidade ou turistas (visitantes externos),
   - faixa etária do público
   - que vínculo tem com folclore e cultura

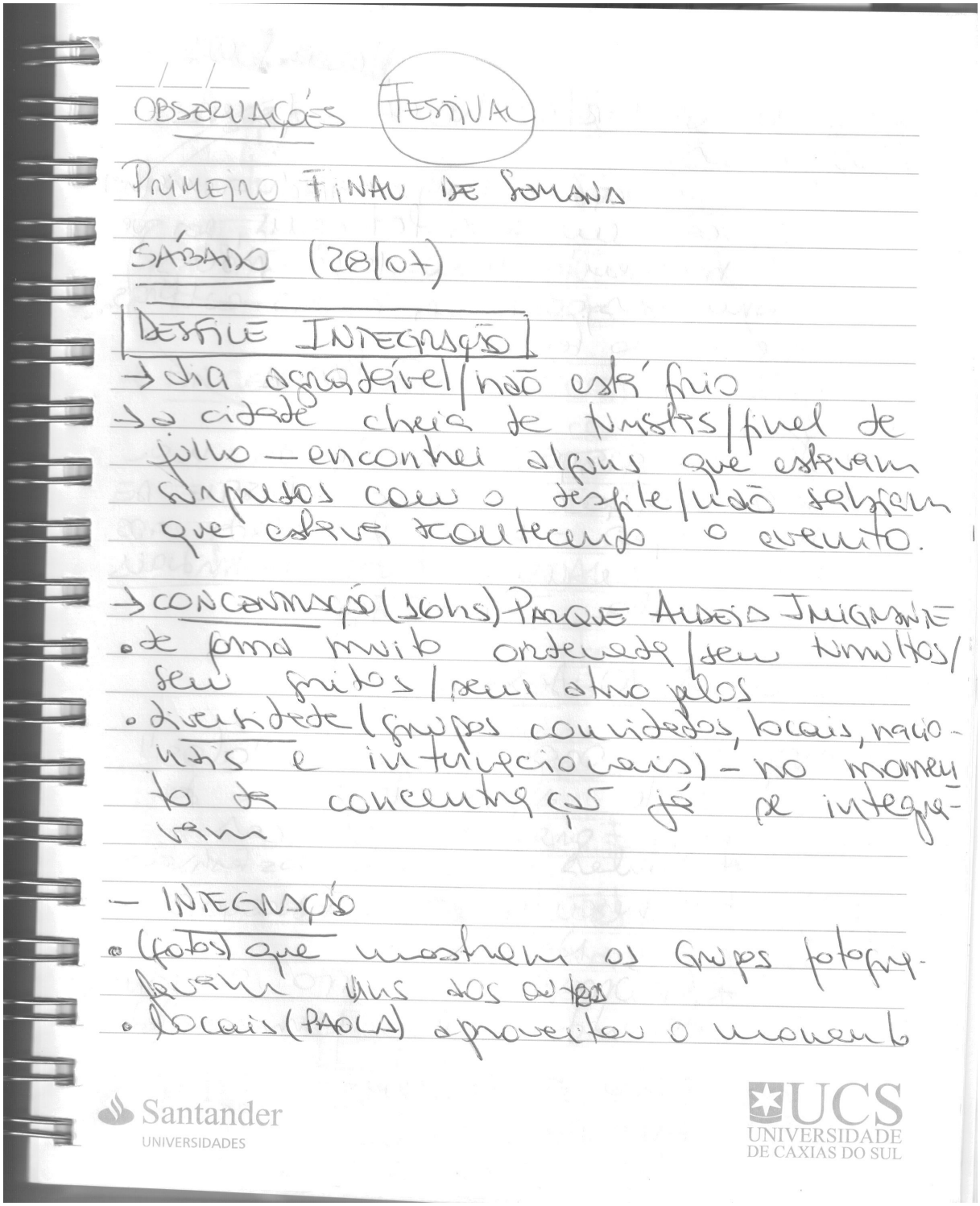
b. Relação estabelecida com as apresentações
   - Emoções
   - Participativo

2. CONVERSAR COM PÚBLICO
   a. Visitante
      - Saber o que motiva assistir / expectativa
      - Por que veio
      - Já frequentou outros anos
      - Percebe mudanças? Inovação?

   b.Locais

      - Participa como dançarino, alguém da família...
      - Percebe alguma mudança no evento
      - Participa sempre? Por que?

APÊNDICE C



__/__/__

OBSERVAÇÕES FESTIVAL

PRIMEIRO FINAL DE SEMANA

SÁBADO (28/07)

DESFILE INTEGRAÇÃO

→ dia agradável/não está frio

→ a cidade cheia de turistas/final de julho — encontrei alguns que estavam surpresos com o desfile/não sabiam que estava acontecendo o evento.

→ CONCENTRAÇÃO (16hs) PARQUE ALBERTO TRIGUEIRO

- de forma muito ordenada/sem tumultos/sem gritos/sem atropelos
- diversidade/grupos convidados, locais, nacionais e internacionais) - no momento de concentração já se integravam

— INTEGRAÇÃO

- (fotos) que mostrem os grupos fotografando uns aos outros
- locais (PAOLA) aproveitam o momento

Santander UNIVERSIDADES

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

APÊNDICE D

LINHA DO TEMPO DO FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE DE NOVA PETRÓPÓLIS

PERÍODO	DETALHES
(1973 / 1984)	**Momento Fundador**
1973 – 1984 (12 edições) Local: Praça das Flores	a)Como começou – *Sec.Turismo Estado + Conselho Turismo NP(Hansen) **Temporal na noite anterior* *público excedeu expectativa e falta de comida b) Descrição – o que era oferecido c) Envolvimento da comunidade – trabalho voluntário d) Conceito do evento – *cultura local e convidado (Teresinha Haas) *pesquisa no interior do Paixão Cortes e Barbosa Lessa / Pólos Culturais do RS e) Surgimento dos primeiros grupos folclóricas – grande incentivo…..
(1985 – 1999)	**MOMENTO DO CRESCIMENTO E ADOLESCENCIA**
Local: Parque Aldeia do Imigrante	a)Evento cresce – revista pg 14 –crescimento exponencial. * 1986- Escolha das Soberanas do Folclore – descrever o processo de escolha *1989 – Criada a Associação dos Grupos de Danças Alemãs de Nova Petrópolis. *** Período de incentivo público – Sr. Benno Heumann (criação dos grupos folclóricos – surgem 9 grupos neste período)*** *1997 – Noites Culturais *1998 – Jogos Germânicos; Aldeia Viva; Rei e Rainha Infantil do Folclore

(1999 – 2011)	Momento da Maturidade
1999 **27ª Fest. Folclore** 3/07 até 01/08/1999 Centro de Eventos e Aldeia Histórica	PERÍODO MARCADO POR INOVAÇÕES a)Novo espaço – C. EVENTOS • Desafio de levar público b)Novo conceito – *espaço para gastronomia diversificada; artesanato de diversas culturas; + grupos convidados; + atividades.* ***<u>1999 – várias atividades simultâneas:</u>*** *17 países* *73 atrações* *03 finais de semana (3/07 até 01/08)* **<u>Atividades (novas)</u>** a.Oficinas para comunidade: culinária, danças folclóricas,trajes b.Aldeia Viva (Parque) c.Jogos Germânicos d. II Feira de Embutidos Organização: AGFANP *Destaque para Decoração do Espaço. *Pouco recurso do município c)Atividades acontecem PRAÇA + PARQUE + C EVENTOS
2000 **28º Fest. Folclore** **(8/07 – 30/07)** **Centro de Eventos**	Atividades: *3ª Feira de Embutidos *Exposição de 40 trajes folclóricos * Feira de Móveis *Foto a Moda Antiga *Concurso Fotográfico – Revelendo Nova Petrópolis

	*Lançamento do Livro de Receitas Alemãs Antigas (compiladas do Concurso)
2001 – 29ª FF **C Eventos - 01/07 – 29/07**	***Centro de Eventos –** não encontrou-se destaque para novas atividades nesta edição
2002 – 30ª FF **Parque Aldeia do Imigrante** **06/07 até 28/07/2002**	***Atividades –** - Realizada a 1ª Mostra de Vestuário de Couro -Não acontece a Feira de Embutidos -Venda de produtos coloniais na Aldeia Histórica -em caso de chuva – transferência das atividades para CEventos.
2003 – 31ª FF **Parque Aldeia do Imigrante** **05/07 – 27/07**	***Atividades –** -Artesanato em vários países -Feira de Embutidos -Comida típica *Apresentações no Parque *Bailes no Centro de Eventos
2004 – 32ªFF **Parque Aldeia do Imigrante +** **Centro de Eventos** **9 – 25 de julho**	*180 anos de Imigração Alemã no RS XIII Mostra Nacional IV Mostra Mercosul de Pintura Artística 450 trabalhos de artistas de diversos Estados. *Encerra FF – Nenhum de Nós *Um dos pontos altos, Encontro Municipal de Coros
2005 – 33ª FF **9 - 25/07** **Centro de Eventos e** **Parque Aldeia do Imigrante**	*Centro de Eventos – mantém diversidade gastronomia (+etnias) (4 – polonesa, maranhão, italiana, alemã, gaúcha) <u>Atividades:</u> danças (folclóricas, ballet, jazz); orquestra, ginástica, corais, conjuntos musicais, bailes(adulto, infantil e 3 idade) <u>Oficinas:</u> arte chinesa (recorte de papel), sabonete, vela, papel reciclado, biscuit, mantas de tear, tricô, crochê. Vitrines – com ornamentos e bandinhas na rua tocando

	(empresários pagaram)
2006 – 34º FF **Centro de Eventos** **29/07 – 13/08 (3 finais de semana)**	
2007 **35º FF** **04 / 19 agosto** **Centro Eventos** **Parque** **Praça das Flores**	Atividades: Bandinhas Típicas Grupos de Danças Bailes de Integração Feira Artesanato Festival de Bandas Corais Instrumentais Jogos Germânicos Festa das Artes NOVIDADE/ MELHORIA – 7 grupos folclóricos internacionais (Africa do Sul, Ilha de Páscoa, Venezuela, Polonia, Chile, Guatemala, Republica Theca)
2008 - 36º FF Praça das Flores SCRTA Centro de Eventos Parque Aldeia do Imigrante	NOVIDADE/ MELHORIA – I Mostra Internacional de Cine Vídeo *Festival passa a ocorrer durante a semana *FF ocorre durante a semana *+ de 30 tendas de artesanato – nacional e internacional *Centralização dos espetúculos na Praça.
Período (2008 – 2012) **PRAÇA DAS FLORES (centralização)**	NOVIDADE/ MELHORIA – I Mostra Internacional de Cine Vídeo *FF ocorre durante a semana *+ de 30 tendas de artesanato – nacional e

	internacional *Centralização dos espetáculos na Praça. 2009 – Festival passa a ser FESTIVAL INTERNACIONAL DO FOLCLORE 2010 – Nova logomarca do evento. 2011 – Passa a integrar a IOV – Organização Internacional de Folclore e Artes Populares 2012 – 40 Edição – A EPOPÉIA DOS IMIGRANTES. *Projeto da Feevale no resgate desta história para comunidade.